



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

ITAMAR CUNHA DE SOUZA

**A EPISTEMOLOGIA DOS USOS ENTRE RIOS E IGARAPÉS: OS
SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS PRODUZIDOS NA
COMUNIDADE FLORESTA DO ACRE**

**RIO BRANCO
2022**

ITAMAR CUNHA DE SOUZA

**A EPISTEMOLOGIA DOS USOS ENTRE RIOS E IGARAPÉS: OS
SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS PRODUZIDOS NA COMUNIDADE
FLORESTA DO ACRE**

Texto de defesa apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (MPECIM), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

Orientadora: Profa. Dra. Simone Maria Chalub
Bandeira Bezerra (CCET-UFAC)

Área de Concentração: Ensino de Ciências e
Matemática.

Linha de Pesquisa: Recursos e Tecnologias no Ensino
de Ciências e Matemática.

**RIO BRANCO
2022**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

S729e Souza, Itamar Cunha de, 1982 -

A epistemologia dos usos entre rios e igarapés: os saberes/fazeres ribeirinhos produzidos na comunidade Floresta do Acre / Itamar Cunha de Souza; Orientadora: Dra. Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra. – 2022.

114 f.: il.; 30cm.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática (MPECIM), Rio Branco, 2022.

Inclui referências bibliográficas e apêndices.

1. Usos/significados. 2. Saberes/fazeres. 3. Terapia desconstrucionista. I. Bezerra, Simone Maria Chalub Bandeira (orientadora). II. Título.

CDD: 510

Bibliotecária: Nádia Batista Vieira CRB-11º/882.

ITAMAR CUNHA DE SOUZA

**A EPISTEMOLOGIA DOS USOS ENTRE RIOS E IGARAPÉS: OS
SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS PRODUZIDOS NA COMUNIDADE
FLORESTA DO ACRE**

Texto de defesa apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (MPECIM), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

Orientadora: Profa. Dra. Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra (CCET-UFAC)

Área de Concentração: Ensino de Ciências e Matemática.

Linha de Pesquisa: Recursos e Tecnologias no Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em: Rio Branco-AC, 25/04/2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra
CCET/UFAC (Orientadora)



Prof. Dr. Antônio Igo Barreto Pereira
CELA/UFAC (Membro Interno)



Profa. Dra. Elisângela Silva de Oliveira
UEA / AM (Membro Externo)



Profa. Dra. Murilena Pinheiro de Almeida
CCET/UFAC (Membro Suplente)

RIO BRANCO
2022

Dedico esse trabalho a minha mãe Alcira Ramos da Cunha, seu amor, seu sorriso, sua garra, seu suor, sua fé, seu acolhimento, seu aconselhamento, suas preocupações, seu abraço, seu rosto e sua história marcou minha história, mãe que me adotou quando o sangue abandonou, mãe que me amou. Que minha história conte teus dias, teus sorrisos e teus saberes.

AGRADECIMENTOS

Gratidão,

Uma atitude rara, necessária, louvável e engrandecedora.

- ✚ Exalto, glorifico, adoro e engrandeço o Autor da Vida, o grande El-Shadday, o Criador de todas as coisas, Aquele que é, que era e que há de vir, o Alfa e o Ômega, o princípio e fim, aquele que de eternidade a eternidade é Deus. Magnificado seja Ele, que me sustenta dia após dia com sua graça, misericórdia e bondade. A Deus toda honra e toda glória.
- ✚ Agradeço a minha linda, amada, companheira, conselheira, confidente, auxiliadora, minha esposa Naihara Almeida, seu amor, seu cuidado, sua presença alimenta e engrandece minha existência, seu sorriso, seus olhos, tudo em você ressignifica minha jornada. Obrigado meu amor.
- ✚ A meus filhos, Ithamara Almeida e Murilo Pietro, bênçãos do Senhor, fazem meus dias mais felizes, acrescentam propósito diante dos desafios, trazendo esperança, singeleza, ternura e amor aos meus dias.
- ✚ As amigas Clarice, Rubya e Eliane, pela presteza, gentileza, disponibilidade diante das dúvidas, incertezas, desencontros e desafios, que a graça de Deus seja abundante na vida de vocês.
- ✚ A minha querida orientadora professora Doutora Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra, és a personificação da gentileza, da nobreza, do carisma, da paciência e da amigabilidade. Incontáveis adjetivos eu poderia pronunciar, mas expressei nestas poucas linhas o desejo de que sua jornada seja encharcada de abundantes, incessantes e transbordantes bênçãos. *“E ainda se vier, noites traiçoeiras, se a cruz pesada for, Cristo estará contigo, o mundo pode até, fazer você chorar, mas Deus te quer sorrindo”*.
- ✚ Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – MPECIM da Universidade Federal do Acre (UFAC), os professores que reinventaram a forma de educar, de desafiar, mesmo diante da tela do computador ou do celular nos sentíamos abraçados, desafiados, acolhidos, compreendidos, amados e ancorados. Serão sempre inspiração, suas falas, sorrisos, olhares sempre nos acompanharão, serão sempre

lembrados, pois somos frutos do ditoso trabalho realizado por cada um de vocês.

- ✚ Minha abissal gratidão aos queridos componentes da banca examinadora: Profa. Dra. Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra – UFAC (Orientadora/Presidente), Prof. Dr. Pierre André Garcia Pires – UFAC (Membro Interno na qualificação), Prof. Dr. Antônio Igo Barreto Pereira – UFAC (Membro Interno), Profa. Dra. Elisângela Silva de Oliveira – UEA (Membro Externo) e Profa. Dra. Murilena Pinheiro de Almeida - UFAC (Membro Suplente), pelas nevrálgicas, pontuais, incisivas e pertinentes percepções e corroborações para a construção desta dissertação, uma honra abissal poder caminhar sendo mentoreado por educadores de altíssima excelência e know-how.
- ✚ Aos meus queridos colegas da turma MPECIM 2020, a turma que superou o medo, o receio, a distância, as intempéries, os vendavais, o luto, a dor, o desencontro, a dúvida. A turma que decidiu seguir em frente, segurando na mão (ninguém solta a mão de ninguém), cada um foi um sustentáculo, uma fortaleza, uma inspiração. Creio no sucesso de todos, e ao longo da existência nos reencontraremos para um forte abraço, um largo sorriso, e uma indescritível alegria.

Nesta jornada cercada de encontros e desencontros, somos tocados, influenciados, desafiados, assim, em cada passo, em cada olhar, em cada sorriso, em cada aperto de mim, vamos nos desconstruindo para construir um novo ser movido pelo amor, compaixão e o exímio anseio de ser um eterno aprendiz.

*Vai e avisa que já vou, deixe aqui a sua dor,
e diga que a vida é bela pra quem sabe amar,
e tem fé no caminhar, esperança no amanhã,
que espalha compaixão e tem amor no coração.*

*Levo a vida sem levar, tristeza no olhar,
olhe ao seu redor, você não está só,
felicidade não é ter, feliz é quem sabe ser,
humano sem amar, sem desumanizar.*

Itamar Souza

RESUMO

Nossa dissertação “A epistemologia dos usos entre rios e igarapés: os saberes/fazeres ribeirinhos produzidos na Comunidade Floresta do Acre” é um ato de resgate de nossas experiências e fazeres amazônidas. Nosso principal objetivo é descrever saberes/fazeres construídos historicamente na comunidade ribeirinha Floresta do Acre e as possibilidades de uso no ensino e aprendizagem de Ciências e Matemática. Destacamos ao remar por este texto/rio, saberes/fazeres que nos remetem as nossas ancestralidades quase invisíveis no contexto escolar. Nossa bússola a cada remada será a terapia filosófica wittgensteiniana e a desconstrução derridiana as quais nos darão aporte filosófico na busca pela significação destes saberes/fazeres no interim de seu contexto de uso, contribuindo significativamente na incessante busca de aprender a ver de outras maneiras. Procuraremos descrever, alicerçados em princípios teóricos e metodológicos, o modo de vida, territorialidade, histórias, crenças, lutas e conhecimentos construídos historicamente, saberes esses que constroem o arquétipo interiorano do caboclo. Nas linhas e entrelinhas que teceram este texto iremos ouvir as vozes dos diferentes atores sociais, sujeitos da nossa pesquisa, que não serão apenas moradores da comunidade Floresta do Acre, mas de outros entes que carregam a alma ribeirinha, esparramando-se também para educadores, e discentes do 6º período da UFAC do Curso de Licenciatura em Matemática na disciplina de Estágio Supervisionado na Extensão e na Pesquisa II. Nossa viagem levará o leitor a degustar a rica cultura, a culinária, os chás das sementes, plantas e/ou cascas de árvores, os lambedores, o contemplar dos astros luminosos, o observar dos tempos e ciclos. Singraremos entre rios e igarapés, subiremos as barrancas do rio Acre, ouviremos as histórias dos povos da floresta, as vozes da velha e da nova geração em uma plena ambição de aprender, valorizar, preservar e ensinar. Mediante a essas descobertas traz-se como proposta de Produto Educacional um Plano de Ação frente ao *Florestacast: o uso do podcast como instrumento pedagógico dos saberes/fazeres ribeirinhos* objetivando-se a “ecoar pela mata afora” estes saberes/fazeres da nossa gente e da nossa terra fazendo uso de diálogos ficcionais em que vão sendo construídas sugestões e ideias, com base a cada episódio, apresentando mobilizações pedagógicas no intento de abrir as portas da sala de aula para estes saberes/fazeres, e de como podemos significá-los em nossa práxis pedagógica e em diferentes formas de vida tendo sustentação na epistemologia dos usos de Wittgenstein. Esta pesquisa nos permitiu ver e significar no uso alguns desses saberes/fazeres ribeirinhos, assim como refletir da necessidade que temos de abrir espaços de diálogos de desconstrução e assim construir coletivamente uma proposta curricular multicultural e multidimensional para recuperar os saberes vividos e praticados, no sentido de fortalecer a identidade cultural de cada estudante/professor(a) das escolas dessas comunidades ribeirinhas situadas na Floresta do Acre, a partir do conhecimento do lugar de vida, oportunizando os mesmos a compreender melhor esse lugar e possibilitando a construção e reconstrução de seus saberes dentro do laboratório natural que é a floresta.

Palavras-chave: Usos/significados. Saberes/fazeres. Terapia Desconstrucionista.

ABSTRACT

Our dissertation "The epistemology of uses between rivers and streams: the riverside knowledge/doings produced in the Floresta do Acre Community" is an act of rescue of our Amazonian experiences and doings. Our main objective is to describe the knowledge/doings historically built in the riverine community Floresta do Acre and the possibilities of use in the teaching and learning of Science and Mathematics. While rowing through this text/river, we highlight knowledge/doings that remind us of our ancestry, almost invisible in the school context. Our compass in each row will be Wittgenstein's philosophical therapy and Derridean deconstruction, which will give us philosophical support in the search for the meaning of this knowledge/task in the interim of its context of use, contributing significantly to the incessant search of learning to see in other ways. We will try to describe, based on theoretical and methodological principles, the way of life, territoriality, histories, beliefs, struggles, and historically built knowledge, which build the archetype of the caboclo. In the lines and between the lines that weave this text we will hear the voices of different social actors, subjects of our research, which are not only residents of the community Floresta do Acre, but other entities that carry the riverine soul, spreading also to educators, and students of the 6th period of the UFAC of the Degree Course in Mathematics in the discipline of Supervised Internship in Extension and Research II. Our journey will take the reader to taste the rich culture, the cuisine, the teas made from seeds, plants, and/or tree bark, the lickers, the contemplation of the luminous stars, the observation of times and cycles. We will sail among rivers and streams, climb the banks of the Acre River, listen to the stories of the forest people, the voices of the old and the new generation in a full ambition to learn, value, preserve, and teach. Based on these discoveries, we bring as an Educational Product proposal an Action Plan towards Florestacast: the use of the podcast as a pedagogical tool of the riverside knowledge/doings, aiming to "echo throughout the forest" these knowledge/doings of our people and our land, making use of fictional dialogues in which suggestions and ideas are being built, based on each episode, presenting pedagogical mobilizations in order to open the doors of the classroom to these knowledge/doings, and how we can mean them in our pedagogical practice and in different ways of life, having support in the epistemology of Wittgenstein's uses. This research has allowed us to see and signify in the use some of these riverside knowledges/doings, as well as to reflect on the need we have to open spaces for dialogues of deconstruction and thus collectively build a multicultural and multidimensional curricular proposal to recover the lived and practiced knowledges, In the sense of strengthening the cultural identity of each student/teacher in the schools of these riverside communities located in the Acre Forest, based on the knowledge of the place where they live, giving them the opportunity to better understand this place and enabling the construction and reconstruction of their knowledge within the natural laboratory that is the forest.

Keywords: Uses/meanings. Knowledge/doings. Deconstructionist Therapy.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

FATESP – Faculdade Teológica de São Paulo

MEC – Ministério da Educação

MPECIM - Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

SEDUC/AM – Secretaria de Estado de Educação do Amazonas

UEA – Universidade Estadual do Amazonas

UFAC – Universidade Federal do Acre

SUMÁRIO

1 ENTRE RIOS E IGARAPÉS - O DESATRACAR DA CANOA.....	11
2 A CANOA, O REMO, A TARRAFA, O RIO E AS REMADAS.....	17
2.1 CENA 1 – A HISTÓRIA DA COMUNIDADE FLORESTA DO ACRE.....	23
3 OS RIOS PERCORRIDOS PELO PROFESSOR/PESQUISADOR.....	29
4 MOBILIZAÇÕES TEXTUAIS.....	36
5 O LUGAR DOS SABERES/FAZERES TRADICIONAIS NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC.....	42
5.1 CENA 02 – O LUGAR DOS SABERES/FAZERES NA BNCC.....	43
6 OS SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS NA CANOA DE WITTGENSTEIN E DERRIDA.....	49
7 PERCORRENDO OS USOS E SIGNIFICADOS DOS SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS MOBILIZADOS EM CENAS FICCIONAIS.....	55
7.1 CENA 3: PRÁTICAS CULTURAIS MOBILIZADAS NA OBSERVAÇÃO DOS ASTROS PARA DEFINIR AS ESTAÇÕES INVERNO E VERÃO.....	56
7.2 CENA 4: PRÁTICAS CULTURAIS MOBILIZADAS NA OBSERVAÇÃO DO CLIMA PARA DEFINIR A INTENSIDADE DAS CHEIAS, DAS CHUVAS, DO INVERNO E VERÃO.....	58
7.3 CENA 5: PRÁTICAS CULTURAIS MOBILIZADAS NA PRODUÇÃO DO LAMBEDOR.....	62
7.4 CENA 6: PRÁTICAS CULTURAIS MOBILIZADAS PELO ROÇADOR PARA PREPARAÇÃO DO ROÇADO.....	66
7.5 DESDOBRAMENTOS REFLEXIVOS ACERCA DAS CENAS FICCIONAIS.....	72
8 SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS SIGNIFICADOS NA FORMAÇÃO SUPERIOR DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA.....	75
8.1 CENA 7 – SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS – UM CONVITE AOS ALUNOS EM FORMAÇÃO ACADÊMICA A EMBARCAR NESTA CANOA.....	75
8.2 CENA 8 – SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS – COMO OS ALUNOS EM FORMAÇÃO ACADÊMICA OS SIGNIFICAM EM SUA PRÁTICA DE ESTÁGIO?.....	79
9 PRODUTO EDUCACIONAL - PLANOS DE AÇÃO FRENTE AO FLORESTACAST: O USO DO PODCAST COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DOS SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS.....	87
9.1 CENA 9: COMO SURTIU A IDEIA DE UM PODCAST?.....	88
9.2 CENA 10: COMO O FLORESTACAST PODE SER UTILIZADO PEDAGOGICAMENTE EM SALA DE AULA EM ESCOLAS DA ZONA URBANA OU RURAL – TRAÇANDO PLANOS DE AÇÃO	92
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS – ATRACANDO TEMPORARIAMENTE NOSSA CANOA.....	99
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICES.....	108

1. ENTRE RIOS E IGARAPÉS - O DESATRACAR DA CANOA

A diversidade de culturas juntamente com a gama de interligações que constituem hoje o emaranhado das relações sociais se traduz em fatores que requerem a necessidade de repensar e ressignificar o conhecimento e a pesquisa no âmbito educacional.

Atualmente, em um mundo globalizado, torna-se cada vez menor o distanciamento entre os atores sociais e suas culturas, fomentando a articulação entre saberes, comportamentos e relações, gerando articulações e conectividades necessárias a nova dinâmica de interação social.

Diante deste fato, a educação torna-se a área do conhecimento humano onde a necessidade de dialogar com o outro, sua cultura e seus saberes, deve ser latente, presente e constante em todos os níveis do processo educacional, pois é nesse cenário educacional onde as diversas possibilidades e perspectivas devem encontrar espaço para a reflexão e o diálogo entre culturas.

A educação tem o dever de fomentar e instrumentalizar os docentes, capacitando-os a inserir, valorar, implantar, sistematizar e fortalecer os saberes do povo¹ promovendo uma política educacional que contemple a composição do mosaico cultural existente em nossa região.

A educação não deve se restringir a determinados grupos étnicos, apenas no intuito de exigir esforço de valorização, compreensão e reconhecimento de suas culturas, sendo necessário considerá-la e enfocá-la como política educacional norteadora, tanto na dimensão teórica, quanto prática, dos sistemas educacionais na sua totalidade.

Escrever este texto foi como confeccionar uma grande *tarrafa*², para que o tecido não se perca, se fez necessário não perder o ponto. É normal nesta construção, uma hora ou outra, nos sentirmos como fios emaranhados, cujas pontas se perdem no entrelace aparentando impossibilidade de encontros.

Nestes entrelaces, à medida que os fios eram tecidos, começava-se a vislumbrar a beleza acerca dos saberes/fazeres ribeirinhos. É bem certo que neste

¹ Esses saberes são reconhecidos como parte da cultura de determinados locais transmitidos ao longo das gerações e, essencialmente, por meio da linguagem oral, dos gestos e das atitudes (GONDIM, 2007).

² É uma rede muito usada em baías, portos, rios e canais na captura de diversas espécies de peixes [...] https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/artes_de_pesca/artesanal/arte_caída/tarrafa.pdf

instante, algumas peças deste mosaico ainda se encontrem à deriva, como uma canoa sem remo. Remamos nesse compasso em direção ao nosso grande **objetivo** de compreender e descrever, pegando uma carona na canoa de Wittgenstein, os significados destes **saberes/fazer**³ no contexto do seu uso.

Nesse sentido traçamos como **objetivo geral: Descrever os saberes/fazer****s construídos historicamente na comunidade ribeirinha Floresta do Acre e as possibilidades de uso no ensino e aprendizagem de Ciências e Matemática.**

Nossa tarrafa ganhou forma, dimensão e propósito, no interligar dos nós surgiram reflexões, diálogos, contemplações, frente a questões **como**: Como se constitui a identidade dos saberes/fazer**s ribeirinhos? Como estes saberes/fazer****s podem receber a alcunha de Ciência? Quem são os atores sociais que constroem e praticam esta Ciência Popular? E o espaço formal escolar pode abraçar estes saberes/fazer****s no processo de significação do ensino da disciplina de Ciências/Matemática? Como estes saberes/fazer****s devem ser descritos, investigados hoje e nas próximas gerações?**

Assim, trazemos como Problema de Pesquisa: **Como os saberes/fazer****s ribeirinhos produzidos na comunidade Floresta do Acre podem possibilitar epistemologias de usos diversos frente ao ensino/aprendizagem de Ciências/Matemáticas em diferentes formas de vida?**

Nesse texto não buscamos respostas unicistas e nem tão pouco universais, mas procuramos navegar entre rios e igarapés na busca de compreendermos essa realidade e nesse sentido vamos descrevendo cada parada de nossa canoa tão cheia de sentido e significados a todos que embarcarem nessa aventura conosco.

Estes saberes/fazer**s construídos historicamente por diferentes formas de organização social pelos povos tradicionais, se constituem como alternativa ao modelo hegemônico de produção do conhecimento existente. O horizonte amazônico nos apresenta ribeirinhos, quilombolas, povos indígenas e seringueiros que firmaram**

³ Uso o termo saberes/fazer

s ribeirinhos na concepção de (SOUZA, 2020, p.8) a configurá-lo como dinâmicas sociais que [...] “se entrelaçam e fazem parte de um emaranhado de dimensões afetivas, sociais, culturais, históricas e políticas, que favorece as identidades e memórias que os costumes e as tradições revivem, ao longo dos séculos, pelos mais velhos aos mais novos. Os saberes e fazer

s estão relacionados também com a concepção de vida, de existência singular e com a educação tanto na escola como nos processos de trabalho, de organizações políticas e culturais”.

sua história tendo como ponto de partida o respeito a floresta, as lendas, aos ciclos da natureza desembocados nos conhecimentos tradicionais.

Buscou-se estabelecer um novo olhar acerca da escola como espaço formal, pois acredita-se ser possível a construção de reflexões críticas relacionadas aos saberes/fazer, suscitando interações entre estes conhecimentos. No contexto da pesquisa fomentou-se nos discentes o significar:

- A comunidade e seus contextos: relação com a natureza; caça; pesca; agricultura, etc.;
- O cuidar ribeirinho: conhecimentos acerca das plantas medicinais; identificação destas plantas, sementes, cascas de árvore e modo de preparo;
- Artesanato: instrumentos de coleta, de pesca, de caça; utensílios domésticos; ferramentas de trabalho; artefatos de decoração;
- Previsões acerca dos ciclos: verão intenso; estiagem; inverno com muita chuva; cheia e vazante do rio; tempo de plantar e colher; reprodução animal; etc.;

Estabelecemos alguns exemplos destes saberes/fazer que compõe esta ética amazônica, os quais denotam as relações sociais e o modo particular como estes povos tradicionais constroem Ciências/Matemáticas tomando como partida seu contexto, anseios e singularidades. Estas **Ciências/Matemáticas**⁴, vista em muitos olhares como “atrasada”, “estática” ou em “desuso” é um verdadeiro patrimônio em extinção e sua preservação, valorização e divulgação é papel de todos nós.

Em nossa canoa convidamos para remar com a gente autores como: Cunha (1999); Araújo, Farias & Nunes (2017); Sacristán (1995); Candau (2008); Santos (2007); os quais mobilizam reflexões que nos ajudam a entender o que são saberes tradicionais, qual o papel da escola frente a estes saberes, e qual o papel do professor como agente transformador no espaço escolar. Bezerra (2016); Carneiro (2020); Peters (2017); Magalhães (2014); estiveram na proa, pois Wittgenstein é o leme que nos conduz aos usos e significados destes saberes/fazer, desprivilegiando pressupostos unicistas e desconstruindo proposições, nos ajudando a escapar de

⁴ Utilizamos aqui o termo conjugado Ciências/Matemáticas, na intenção de explicitar o fato de que esta dissertação não está alinhada apenas a uma disciplina, mas esparramando-se para ambas e/outras disciplinas escolares. Desejamos contemplar as Ciências e Matemáticas significadas no uso estabelecidas no existir ribeirinho e outros que aflorarem dessa pesquisa.

imagens que nos aprisionam, e libertando-nos de ontologias essencialistas cujo caráter é a inquestionabilidade.

[...] a filosofia de Wittgenstein é essencialmente pedagógica: ele oferece imagens, desenhos, analogias, comparações, anedotas, equações, diálogos consigo mesmo, perguntas e respostas equivocadas etc. como um meio de modificar nosso pensamento, de nos ajudar a escapar das imagens que nos mantêm cativos. (PETERS, 2017, p. 40-41).

Em forma de diálogos ficcionais, tendo como base a terapia desconstrucionista, conversamos com outros canoeiros, na busca de encontrar referências e outras relações acerca destes saberes/fazeres na Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Nesta cena ficcional jogamos nossa tarrafa na tentativa de descobrir se esta proposta curricular abraça nosso mundo, se suas proposituras são suficientes para possibilitar a produção destas práticas e experiências múltiplas mobilizadas pelos povos tradicionais e assegurar a construção de processos pedagógicos com feições, contextualizadas, específicas e/ou vinculadas ao ser/fazer ribeirinho.

Os materiais utilizados nesta viagem são o **remo, a canoa, a tarrafa e o rio**. Nosso rio, ou seja, nosso percurso metodológico foi a abordagem qualitativa embasada na perspectiva da complexidade, de Edgar Morin, citado por Costa *et al* (2015), pois entendemos que neste rio nos deparamos com calmarias e banzeiros. A matéria prima da nossa tarrafa foi a observação participante mobilizada por Marietto e Sanches (2013) e o método MED – Momentos de Escuta e Diálogo, segmentado por Costa et. al. (2015). O remo e a canoa, como já mencionados acima ancorou-se a terapia filosófica wittgensteiniana que ressignificou olhares, dizeres, formas de vida, semelhanças de família e usos significados pelas diferentes formas de vida que foram constituindo o corpus dessa pesquisa.

Nesta viagem nossa canoa atracou em nove diferentes portos/seções. A primeira traz o título: “**A canoa, o remo, o rio e as remadas**”, em que apresentaremos a justificativa da pesquisa, objetivo geral e específicos, métodos, sujeitos e etapas da pesquisa.

A segunda seção: “**Os rios percorridos pelo professor/pesquisador**”, apresentará histórias, momentos, marcas e experiências apaixonantes e o encontro com esta temática cativante, transformadora e deslumbrante.

“**Mobilizações textuais**” ocupa a terceira seção, trazendo autores que nos ajudam a compreensão acerca dos temas: saberes/fazeres ribeirinhos tradicionais;

papel da escola e do professor; e a terapia desconstrucionista como atitude metódica de pesquisa.

Na quarta seção intitulada “**O lugar dos saberes/fazeres tradicionais na base nacional comum curricular – BNCC**”, tentaremos atracar nossa canoa subindo em um porto recém implantado no cenário educacional brasileiro, buscando diálogos e encontros que abraçam este olhar para as Ciências/Matemáticas Populares.

“**Os saberes/fazeres ribeirinhos na canoa de Wittgenstein**” compõe nossa quinta seção. Nesta, enquanto remamos através destes rios e igarapés, vamos ouvindo as palavras deste que é considerado por muitos um dos maiores filósofos do século passado. Wittgenstein está na proa, seu desejo é que a gente veja outras Ciências/Matemáticas significadas nos usos em momentos de atividades.

A sexta seção apresenta as cenas ficcionais, descrevendo os encontros, os dizeres, fazeres e uso destas ciências/matemáticas e seu contexto a partir de falas com os moradores, e outros atores sociais que destilam em sua jornada estes saberes/fazeres, além de apresentarmos os desdobramentos reflexivos acerca destas cenas.

O produto educacional oriundo dessa investigação apresenta uma possibilidade de um Plano de Ação frente ao “**Florestacast: O uso do podcast como instrumento pedagógico dos saberes/fazeres ribeirinhos**”, que será apresentado na sétima seção, abraçando alternativas de contemplar, fomentar, explorar, descrever, divulgar e promulgar estes saberes/fazeres nos espaços escolares e outros.

A oitava seção, traz como título, **SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS SIGNIFICADOS NA FORMAÇÃO SUPERIOR DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA**, aqui, realizamos um convite especial aos alunos em formação e futuros professores de matemática a contemplarem e significarem estes saberes em seus contextos. Na nona seção vamos atracar nossa canoa, tecendo conclusões, referências e apêndices.

Se faz salutar destacar que todos os diálogos ficcionais foram registrados em áudio, sendo sua divulgação devidamente autorizada pelos participantes sem nenhuma exigência ou contestação. Os participantes dos diálogos e dos episódios do **Florestacast** compreenderam a importância da pesquisa, bem como sua capacidade de capilarizar os saberes/fazeres denotados nos momentos de conversa.

Ao longo do texto/rio o leitor irá se deparar com nomenclaturas, palavras, expressões típicas da linguagem cabocla, ribeirinha e interiorana, assim como aquelas evidenciadas a partir da Terapia Desconstrucionista. Como forma de esclarecer e

conduzir o leitor “mata adentro” nestes vernáculos, ancorando-se na terapia desconstrucionista para elaboração textual, providenciamos as explicitações necessárias no rodapé ao longo desta dissertação.

Afirma-se aqui a necessidade de compreender e significar as diversas possibilidades de manifestações culturais, enriquecendo e emancipando os sujeitos e atores sociais, "a intenção da filosofia aqui considerada não seria prescritiva, ou seja, ao identificar o problema da essência, por exemplo, não teria como função negar esse caminho para apontar outro correto" (PEDRINI, 2013, p. 17). Pois quando nos propomos a praticar a terapia filosófica wittgensteiniana frente ao objeto pesquisado, coadunamos com Bezerra (2016, p. 28) que nos fala que,

Wittgenstein não institui um método de pesquisa. Para ele, a terapia filosófica é um modo de conhecer que nos liberta de significados únicos, essencialistas e universais [...]. Por isto os pesquisadores que se referenciam ao seu modo de pensar a terapia a usam como uma atitude investigativa. Não há técnicas que pré-definem o percurso da terapia, é a busca de compreensão da questão da pesquisa que orienta este percurso. Esta compreensão tanto se amplia e, por conseguinte, se destitui de significados únicos quando se amplia a terapia da questão.

Nesse sentido levamos para o divã terapêutico,

Os diferentes modos de ver a pesquisa e analisamos os resultados dela inerentes. Voltando-se para a perspectiva de olhar para o **“como é” e não para “o que é” ou “porque é”**. Nesse aspecto o pesquisador volta à atenção para como as práticas estão sendo utilizadas [...] nossa intenção é ampliar o campo de atuação da pesquisa, oferecendo suporte para o leitor ver as múltiplas situações que decorrem até mesmo de pequenas ações. Mas quando impomos a necessidade de provar algo, de certa forma, limitamos as situações emergentes que surgem durante a pesquisa que podem ser relevantes para obtermos resultados mais abrangentes para o problema pesquisado.

Quando me refiro em ampliar o campo de atuação não quer dizer que é desconsiderado o foco da pesquisa, muito pelo contrário, é fomentar alternativas a fins de catalogarmos o máximo de informações para subsidiar ações com vistas ao atendimento dos objetivos propostos. (OLIVEIRA, 2019, p.31).

Compreende-se nesta dissertação que estes saberes tradicionais contribuem relevantemente para a construção dos saberes educacionais, fomentando assim uma educação igualitária, qualitativa e intercultural, pois são saberes carregados de valor, experiências, singularidades, capilaridades, protagonismos, originalidades e vivências.

2. A CANOA, O REMO, A TARRAFA, O RIO E AS REMADAS

Embora a região amazônica, apresente riquezas de culturas e identidades, não observamos esta riqueza refletida nas práticas formais em espaços escolares. Este fato arrefece a reflexão e capacitação dos profissionais em educação, acarretando dificuldades em elaborar estratégias e práticas que vislumbrem de forma contundente o cotidiano das diversas culturas e identidades presentes no contexto escolar.

O objeto de estudo desta pesquisa são os saberes/fazeres do povo ribeirinho na comunidade Floresta do Acre, esparramando-se também, para outras comunidades, **saberes estes não epistêmicos**⁵, não academizados, como mecanismo de fomentação do diálogo do ensino de ciências/matemáticas com as demais culturas. No entanto esta pedagogia intercultural⁶ pode fazer-se presente de forma sucinta, latente, sistemática e aprofundada, partícipe fundamental e integrante nas práticas escolares, tendo em vista, a riqueza de culturas e povos habitantes nessa região contribuindo com uma educação que abraça a diversidade e comunga com o respeito e valores educacionais fundamentados em variadas perspectivas culturais.

Os planos de ensino e propostas pedagógicas devem instrumentalizar os profissionais da educação com ferramentas e adaptação de posturas diferenciadas diante dos desiguais, diferença essa não apenas estabelecida pelo viés econômico, mas principalmente pelas crenças, valores, manifestações e interpretações sociais que compõe o emaranhado de relações tão presentes na atual conjuntura social.

Diante do exposto e do objeto apresentado podemos formular questões como forma de exposição da problemática:

1. As práticas escolares na disciplina de ciência/matemática proporcionam espaço significativo para a descrição dos saberes/fazeres tradicionais ribeirinhos?
2. Durante a prática docente, na disciplina de ciências/matemática, lança-se mão dos saberes/fazeres tradicionais ribeirinhos como

⁵ Utilizamos nesta obra o termo “saberes não epistêmicos”, como referência a saberes “não reconhecidos academicamente”.

⁶ A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos -individuais e coletivos-, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça -social, cognitiva e cultural-, assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença (CANDAUI, 2013, p.01).

instrumento necessário para fomentação do diálogo cultural?

3. É possível a interseção entre os saberes escolares e os saberes tradicionais ribeirinhos em espaços formais e não formais?

Que nos lega a traçar o problema de pesquisa da seguinte forma: **Como os saberes/fazeres ribeirinhos produzidos na comunidade Floresta do Acre podem possibilitar epistemologias de usos diversos frente ao ensino/aprendizagem de Ciências/ Matemáticas em diferentes formas de vida?**

Ao analisar as práticas docentes no contexto escolar, percebe-se conteúdos voltados a cultura hegemônica ocidental a qual tem dificuldade de interagir, dialogar e conhecer de forma aprofundada os aspectos e conotações culturais de grupos que não comungam com nossa visão de cultura. Em decorrência disto, muitos professores no início de sua carreira demonstram expressa dificuldade em reconhecer e entender outros saberes tradicionais apresentados por diversos grupos sociais que se interligam no contexto escolar, preferindo assim customizar seu processo de ensino e aprendizagem à luz da cultura ocidental hegemônica.

De forma geral, conteúdos disciplinares dos docentes em ciências/matемática, possuem um aspecto monocultural, calando e ignorando a diversidade cultural e os diversos saberes historicamente construídos. A educação que se constrói em conversação com outros saberes somente se efetiva quando todos os agentes participantes do processo educacional assumem um compromisso com o diálogo interacional e dinâmico, sendo necessário romper com a visão homogeneizadora e monocultural, ainda com forte presença no cenário educacional.

A prática pedagógica que valoriza outros saberes, além de possibilitar a compreensão dos diversos grupos sociais, fomenta uma ampla e importante discussão sobre importantes temas como: desigualdade, diversidade, cultura, entre outros.

Diante do exposto, o presente trabalho se faz necessário no sentido de elucidar os saberes tradicionais ribeirinhos como tema importante a ser evidenciado no contexto sala de aula dos professores de ciências/matемática, assim como seus efeitos no processo de ensino e aprendizagem.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- ✓ Descrever saberes/fazeres construídos historicamente na comunidade ribeirinha Floresta do Acre e as possibilidades de uso no ensino e aprendizagem de Ciências e Matemática;

Objetivos Específicos:

- ✓ Descrever as práticas, instrumentos, vivências e costumes inseridos no cotidiano da comunidade ribeirinha Floresta do Acre, esparramando-se para outras comunidades e agentes sociais, os quais evidenciam um “fazer ciências/matemáticas”;
- ✓ Analisar as possíveis formas de inserir estas ciências/matemáticas diante de uma premissa intercultural na práxis pedagógica, de forma a vislumbrar seus desdobramentos na busca de uma educação que abrace e dialogue com os diversos atores, contextos, culturas e saberes tradicionais;
- ✓ Registrar a investigação/descrição destes saberes em áudio acessível a comunidade;

A metodologia utilizada alicerça-se na abordagem qualitativa embasada na perspectiva da complexidade, de Edgar Morin⁷, pois compreendemos neste arquétipo de pesquisa uma melhor dialética com o tipo de investigação proposta.

Na perspectiva de Costa et al. (2015), a complexidade motiva uma transição entre uma metodologia previamente definida, neutra, analítica, impessoal e equidistante do observador, para um procedimento metodológico que considera imprevistos, desvios, desordens e desequilíbrios indispensáveis a temática investigada.

Para tanto, o modo de pensar complexo permite ao pesquisador compreender a temática em estudo, sem ignorar as teias complexas que envolvem a análise e a natureza de tal temática. De acordo com Morin, Ciurana e Motta (2007, p. 58), esse modo de pensar “não rejeita o pensamento simplificador, mas reconfigura suas consequências através de uma crítica a uma

⁷ Sociólogo, antropólogo, historiador e filósofo francês, Morin é doutor honoris causa em 17 universidades e um dos últimos grandes intelectuais da época de ouro do pensamento francês do século XX. Autor de mais de 60 livros sobre temas que vão do cinema à filosofia, da política à psicologia, e da etnologia à educação. Disponível em: <https://www.fronteras.com/conferencistas/edgar-morin>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

modalidade de pensar que mutila, reduz, unidimensionaliza a realidade” (COSTA et al., 2015, p. 731).

Neste sentido, podemos afirmar que a abordagem qualitativa à luz da complexidade abraça possibilidades e arrefece o unilateralismo, as vias de mão única, o definitivo, o pré-concebido, descortinando incertezas, fomentando questionamentos e respeitando dimensionalidades. Diante da perspectiva da complexidade, o outro (o ser, objeto pesquisado, o partícipe da pesquisa) é visto por angularidades múltiplas, não há explicações, mas compreensões.

Creswell (2014) traz uma interessante definição funcional enfatizando as abordagens de investigação como a etnografia e a narrativa, salienta-se que esta primeira possui íntima relação com o estudo em questão, a segunda estabelece a técnica escolhida na presente pesquisa. Desta forma, o autor afirma:

A pesquisa qualitativa começa com pressupostos e o uso de estruturas interpretativas/ teóricas que informam o estudo dos problemas da pesquisa, abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. Para estudar esse problema, os pesquisadores qualitativos usam uma abordagem qualitativa da investigação, a coleta de dados em um contexto natural sensível às pessoas e aos lugares em estudo e a análise dos dados que é tanto indutiva quanto dedutiva e estabelece padrões ou temas. O relatório final ou a apresentação, incluem as vozes dos participantes, a reflexão do pesquisador, uma descrição complexa e interpretação do problema e a sua contribuição para a literatura ou um chamado à mudança (CRESWELL 2014, p. 49-50).

Os saberes do povo não são proposições históricas engessadas, mas práticas em evolução significativa e contextual. O saber nunca se esgota, nunca se limita e não abraça o finito, neste sentido, a pesquisa qualitativa direciona-se para as singularidades, as teias, os entrelaces e significâncias da existência.

O presente trabalho abraça a atitude metódica⁸ de caráter terapêutico-desconstrucionista, tecendo profundos diálogos entre a terapia filosófica wittgensteiniana e a desconstrução derridiana.

Levar a questão acerca dos saberes tradicionais ao divã terapêutico wittgensteiniano, não se trata de investigar o que está oculto, ou as concepções “por trás das aparências”, mas “compreender algo que está manifesto”, ou seja, “desconstruir terapêuticamente as forças das imagens, pois, uma imagem nos

⁸ Em vez de falar em metodologia da pesquisa, preferi usar o termo ‘atitude metódica’, que se refere à minha preocupação com a descrição de um modo não usual de dizer e fazer uma pesquisa, modo este que leva em consideração o caráter situado e não generalizável, idiossincrático e não transferível da pesquisa, melhor dizendo, trata-se de uma “atitude metódica de caráter terapêutico desconstrucionista” (BEZERRA, 2016, p. 24).

mantinha prisioneiros. E não podíamos dela sair, pois residia em nossa linguagem, que parecia repeti-la para nós inexoravelmente. (WITTGENSTEIN, 2009)”.

Nos planos de aula, nos projetos políticos pedagógicos e no fazer pedagógico, está instaurada essa imagem acerca dos saberes populares que reside em nossa práxis, este agir é consequência de uma postura unilateral que lança a marginalidade conhecimentos construídos historicamente, mas que são negligenciados, ocultados. Conforme Miguel *et al* (2012), a terapia deve incidir sobre as imagens exclusivas, pois elas são vistas por Wittgenstein como uma limitação ou doença filosófica: “uma causa principal das doenças filosóficas - dieta unilateral⁹: alimentamos nosso pensamento apenas de uma espécie de exemplos” (WITTGENSTEIN, 1991, citado por MIGUEL *et al.*, 2012).

Buscamos desfazer este negacionismo cultural, abraçando a atitude metódica terapêutico-desconstrucionista, numa perspectiva da descolonização¹⁰, buscando entender as razões pelas quais fomentamos este fazer pedagógico.

Outrossim, afirmamos que nesta obra indagou-se esse arrefecimento e neutralidade em relação aos saberes tradicionais ribeirinhos, buscamos inverter e realocar as ordens dessas imagens que aprisionam os agentes e entes educacionais, perpetuando com a homogeneização do saber, provocando uma fragmentação dos saberes construídos historicamente, ao mesmo tempo, que se legitima uma dominação epistêmica baseada no eurocentrismo. Conceber saberes tradicionais no espaço escolar, não somente desconstrói a escolarização fincada no monoculturalismo, mas ao mesmo tempo, inspira a reorganização curricular, a práxis pedagógica e a própria instituição escolar.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a observação participante base neste modelo de pesquisa se fazendo necessária nas comunidades e agentes sociais que foram visitados, pois, na perspectiva de Dalla (2010), a observação descortina o modo como as ações estão interligadas a aspectos e a variantes do ambiente social, podendo revelar o que as pessoas fazem, como elas fazem e como

⁹ [...] Ao propor percorrer diferentes usos de uma palavra ou de uma explanação, Wittgenstein não estava preocupado em estabelecer relações de causa e efeito, mas em buscar a cura da “dieta unilateral”, de uma forma predominante e privilegiada de uso (MOURA, 2015, p.115).”

¹⁰ Significa desierarquizar o saber. Esta é a tarefa mais árdua, porque na academia também somos hierárquicos e medimos nossos saberes por intermédio de títulos. Assim, o exercício de descolonizar o currículo passa também por um exercício profundo de transformação dos nossos modelos de academia e de autoridade. Disponível em: <http://www.revistapb.com.br/artigos/descolonizacao-do-curriculo-universitario>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

suas ações e práticas tem influência sobre o ambiente onde suas ações são executadas. Conforme Marietto (2018, p. 08):

O objetivo da observação participante é produzir uma "descrição densa" da interação social em ambientes naturais. Ao mesmo tempo, os informantes são incentivados a usar sua própria linguagem e conceitos diários para descrever o que está acontecendo em suas vidas esperando-se, que no processo, emergja uma imagem mais adequada do contexto de investigação como um sistema social descrito a partir de uma série de perspectivas dos participantes.

Marietto (2018) complementa afirmando que a observação participante adequa-se especialmente “para o estudo de fenômenos sociais sobre o qual pouco se conhece e onde o comportamento de interesse não está prontamente disponível para visualização pública”.

A pesquisa contou com registro de dados por meio de **Momentos de Escuta e Diálogo - MED¹¹**, colhendo narrativas relacionadas aos saberes tradicionais praticados entre os agentes sociais, moradores da comunidade Floresta do Acre, zona rural do município de Boca do Acre/AM, esparramado-se também, para entes de outras comunidades. Para Costa *et al.* (2015), os MED, embora englobem a ação de perguntar, presente nas entrevistas, e diferenciam destas porque, neles, não é apenas o pesquisador que pode questionar. Seu desenvolvimento se estabelece no nível de uma conversa na qual todos os envolvidos têm liberdade para perguntar. Não se trata de um momento em que o pesquisador recolhe informações, mas de um momento em que pesquisador e colaborador conversam, trocam ideias, compartilham sentimentos, sem a intenção ou a necessidade de um convencer o outro sobre qualquer tema em pauta, porém com a consciência de que, no compartilhar de histórias, impressões, memórias, podem surgir elementos importantes à construção de compreensões sobre o diálogo estabelecido.

As narrativas foram registradas por meio dos **MED**’s, onde estabelecemos apenas perguntas abertas, livres e questões chaves, referentes aos tipos de tecnologias e práticas criadas no intuito de facilitar o dia-a-dia, e/ou resolver problematizações devido a escassez de instrumentos/insumos fabricados industrialmente.

Nossa remada atravessando rios e igarapés em busca dos saberes

¹¹ [...] essa coleta é tradicionalmente realizada por meio de entrevistas presenciais que – e esta é uma das grandes preocupações do MEDS –devem se aproximar o máximo possível de conversas informais cotidianas (Costa *et al.* 2022, p.37).

tradicionais abrigou as paisagens às margens do rio Acre, subimos e descemos barrancos e rios, serpenteamos igarapés dentro de uma canoa construída pelos próprios moradores da comunidade, habilmente dirigida utilizando a força de um motor **rabeta**¹². Entre curvas e retas trilhamos nossa jornada deslumbrando belezas naturais as quais fomentaram as reflexões e descrições acerca do lugar da pesquisa, sua geografia, sua história, seus desbravadores, seus atores, seus saberes, contexto, estrutura e desafios educacionais na **comunidade ribeirinha Floresta do Acre**.

A comunidade escolhida dista a 01 (uma) hora da sede do município de Boca do Acre. Para chegar a comunidade é preciso além de percorrer por 45 minutos o rio Acre subindo, adentrar por mais 20 minutos no igarapé que leva o nome da comunidade. O fundador da comunidade ainda está vivo, além de fundador ainda é o líder e principal divulgador dos saberes aprendidos e desenvolvidos por ele mesmo. A maioria dos moradores são parentes próximos, que se dividem entre os avanços da cidade e a tradição do modo de vida rural.



Imagem 01 – Residências na Floresta do Acre.
Fonte - Acervo do Pesquisador, 2021.

2.1 CENA FICCIONAL 1 – A HISTÓRIA DA COMUNIDADE FLORESTA DO ACRE

Nesta cena ficcional vamos conversar com o Sr. Raimundo Capistana da Silva, que há 29 anos fundou a comunidade. Neste diálogo serei denominado como **Pesquisador**, e nosso entrevistado como **Capistana**. O diálogo foi efetivado sem roteirizações, de forma livre, no sentido de abraçar as falas, sem perguntas rígidas, mas que evidenciassem a história do nosso entrevistado.

Em uma tarde de sábado, estávamos na comunidade Floresta do Acre, o calor

¹² O motor rabeta, ou de centro-rabeta, como também é chamado, é um motor que fica acoplado ao casco do barco, ocupando menos espaço. Disponível em: <https://www.ferramentaskennedy.com.br/blog/motor-rabeta-ou-popa-quais-sao-as-vantagens-e-desvantagens>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

era intenso, em meados de setembro, o igarapé da floresta estava seco, nenhuma canoa conseguia fazer o percurso, o único caminho acessível até a comunidade era o ramal, 15 minutos em cima de uma motocicleta. Naquela oportunidade eu estava presente na comunidade como convidado para ser o preletor de um culto religioso, mas também, ali estava a figura do pesquisador, observando, degustando e contemplando o modo de vida dos moradores, seus costumes, seus entrelaces, sua culinária, sua ecologia. O local da conversa foi o prédio da Igreja Assembléia de Deus, pois Sr. Capistana foi também um dos responsáveis pela implantação da igreja naquele lugar. Estávamos preparando os equipamentos de som para um culto religioso logo mais a noite. Tínhamos acabado de almoçar um delicioso churrasco de carneiro, a comunidade estava toda reunida, pois aquela data simbolizava o encerramento de uma “campanha de oração”. Enquanto os irmãos da igreja preparavam o espaço e os equipamentos, aproveitei o ensejo para conversar com o fundador da comunidade Floresta do Acre.

PESQUISADOR (Com um largo sorriso) – Boa tarde Sr. Capistana! Tudo bem? Paz do Senhor!

CAPISTANA (Com um generoso e afetivo sorriso, aperta bem forte minha mão) – Opa pastor, Boa Tarde, Paz do Senhor! Vamos tocar hoje a noite?

PESQUISADOR (Bastante motivado) – Eu trouxe meu violão, o senhor trouxe a sua viola?

CAPISTANA (Apontando em direção ao violão) – Tá ali, na capa, mas vou já tirar ele pra fora e afinar, deixar tudo pronto pra noite.

PESQUISADOR (Aproveitando a oportunidade para tecer diálogo relacionado a pesquisa) – Seu Capistana, me diga uma coisa – Foi o senhor que fundou a comunidade Floresta do Acre?

CAPISTANA (Balançando a cabeça de forma afirmativa) – Sim! Fui eu mesmo, já faz 29 anos que cheguei aqui, não tinha ninguém. A primeira pessoa a chegar na área (local mais próximo da área do rio) onde moro fui eu.

PESQUISADOR (Corta e pergunta) – Mas já morava alguém aqui pra trás (local mais afastado da margem do rio)?

CAPISTANA – Morava mais pouco, depois foi todo mundo embora, ficou só eu mesmo.

PESQUISADOR – Mas hoje tem muita gente morando aqui?

CAPISTANA – Ah! Tem sim, tem mais de 10 famílias, todos são parentes, uns

são meus filhos, outros são sobrinhos, netos, todo mundo é parente aqui. (risos)

PESQUISADOR – Mas como o senhor chegou a esta terra seu Capistana?

CAPISTANA (Faz uma breve pausa e responde) – Eu tava na cidade, ai chegou um conhecido meu e disse que lá no INCRA¹³ tinha um pedaço de terra solto, era muita terra, boa pra plantar e pra criar gado, terra alta que era difícil chegar água do rio na época da enchente. Ai... eu fui lá no INCRA e chegando lá o encarregado me disse que eles estavam dando sim uma terra no centro do Igarapé Floresta, não era na beira do rio, porque as terras da beira do rio já tinham dono, era o seu Santana. As terras dele faziam divisa com o igarapé. Então, eles resolveram me dar as terras do outro lado do igarapé, eu registrei com o nome de Bom Jesus, que é até o nome da escola que foi fundada em ... (breve pausa), 2001, na época já tinha muito menino e o prefeito da época resolver construir uma escola pequenininha. Mas foi bom, porque para educar as crianças os pais tinham que mandar pra cidade, e ai dificultava as coisas.



**Imagem 02 – Escola Municipal Bom Jesus.
Fonte - Acervo do Pesquisador, 2021.**

PESQUISADOR – E a igreja Seu Capistana, foi o senhor que fundou também?

CAPISTANA (Olhando para a janela) – Foi sim! Todas as construções aqui dessa comunidade fui eu que doei os terrenos. Dei terreno para meus filhos, para os netos, para a igreja, pra construir a escola, e até pra quem queria se mudar da cidade pra cá eu dei terreno também. A gente não leva nada né... (risos).

¹³ O INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – foi criado dia 9 de julho de 1970, durante a ditadura militar. À época, os conflitos de terra vinham se agravando e o governo viu neste projeto a possibilidade de neutralizá-los, ao mesmo tempo em que promoveria a ocupação da região Amazônica. Disponível em: <http://www.politize.com.br>. Acesso em: 29/05/2022.

PESQUISADOR – Mas o senhor também é músico na igreja, aprendeu com quem?

CAPISTANA (Sorrindo, coloca a mão no queixo) – Eu aprendi sozinho, não tive professor não. Comecei a pegar no violão, tentando pegar os hino de ouvido, comprei um violão bom na cidade e fui aprendendo sozinho. Mas não sei tocar não... (risos).



Imagem 03 – Igreja Assembléia de Deus Floresta do Acre.
Fonte: Acervo do Pesquisador, 2021.

PESQUISADOR – Seu Capistana, vou lhe fazer uma pergunta interessante – Qual a diferença da Floresta do Acre do ontem, quando o senhor chegou aqui, e a Floresta do Acre de hoje?

CAPISTANA (Faz uma breve pausa, esboça um leve sorriso e responde) – Se essa geração de hoje em dia, entendesse a importância desse lugar aqui, eles não chegavam com motosserra acabando com tudo, derrubando uma árvore aqui e outra acolá, porque você está tirando vida... tira a vida de uma castanheira aqui, tira a vida de outra ali... tudo isso é vida que você tá tirando e tá vindo a destruição, essa destruição está vindo pelo povo de agora mesmo, esse povo que não conhece nossos saberes. Nós aqui temos que lutar pra viver e não lutar pra morrer, se todos fizessem assim, o Brasil não ia pra trás, ia pra frente, essa geração agora quer destruir, procura um mulateiro na beira desse rio pra ver se você encontra, daqui alguns dias vão

procurar madeira e não vão encontrar, porque só querem destruir, não querem preservar.

PESQUISADOR (Imensamente feliz e grato) – Seu Capistana, que lição maravilhosa o senhor nos trouxe agora. Esse olhar acerca da preservação ambiental, pena que as novas gerações não dão a devida importância, não é a toa que a gente vê os campos de gado tomando conta do cenário ambiental deste lugar. Mas muito obrigado pela nossa conversa. Foi um grande prazer lhe conhecer e ouvir sua história.



Imagem 04 – Encontro musical com Sr. Capistana, fundador da Comunidade Floresta do Acre.
Fonte: Acervo do Pesquisador, 2021.

Os sujeitos¹⁴ da pesquisa foram os moradores e educadores (professor, gestor e supervisor) da comunidade, esparramando-se para docentes da zona urbana em escolas estaduais e municipais, além de abraçar também os discentes do 6º período do Curso de Licenciatura em Matemática da UFAC da Disciplina de Estágio Supervisionado na Extensão e na Pesquisa II. Suscitamos e destacamos suas práticas e falas, trajetórias, desafios, diálogos, construções culturais, reflexões. Nestes banzeiros¹⁵ evitou-se a passividade, mas familiarizamo-nos com os acontecimentos e práticas cotidianas, obtendo a real percepção das concepções que chancelam os saberes/fazeres destes.

A pesquisa abraçou os seguintes momentos:

- Investigação acerca do processo histórico de formação da comunidade Floresta do Acre, realizado por meio de escuta junto aos moradores

¹⁴ Todos os sujeitos estão representados como personagens fictícios nos diálogos ficcionais das próximas seções desta dissertação.

¹⁵ Sucessão de pequenas ondas que são provocadas durante movimento nas águas de algum transporte fluvial.

mais antigos;

- Investigação acerca da dinâmica de se viver em uma comunidade ribeirinha;
- Investigação dos saberes/fazeres tradicionais;
- Investigação acerca do uso ou não destas práticas em espaços formais educativos;
- Investigação acerca dos novos aspectos e novos olhares sobre os saberes tradicionais a partir da fala dos moradores mais jovens;

Mesmo com o itinerário de questões previamente elaborado, durante as entrevistas buscamos conservar a característica de uma conversa, uma prosa, na qual não houve obrigatoriedade das perguntas seguirem a ordem rígida e determinada pelo roteiro. Valorizamos o livre entrelaçamento de respostas, questões, diálogos e adaptações, buscando valorizar o assunto proposto pelo próprio entrevistado, evitando cortar o “rumo da prosa”.

O processo subjetivo essencial para construção da pesquisa tomando como principal instrumental a conversação, fora necessária e imprescindível para reconstituição do trajeto histórico da comunidade, pois concedemos voz e inteligibilidade aos sujeitos e aos aspectos essenciais da cultura daquela comunidade. Enfatizamos que a conversação com os sujeitos de pesquisa obedeceu uma dinâmica coloquial não ditando perguntas a priori, mas engajando-se em um sistema conversacional que permitiu a mais pura e clara expressão.

Suscitamos diálogos, com o propósito de significar aos objetivos da pesquisa a qual anseiou em descrever, identificando costumes e instrumentais específicos aferindo de que maneira essas práticas ocorrem, quais necessidades atendem, como são confeccionadas, como podem ser evidenciadas, descritas e valoradas em espaços educacionais formais. As falas foram colhidas utilizando gravadores de áudio onde captamos as conversas, risos, histórias, lendas, intricamentos e esperanças.

3 OS RIOS PERCORRIDOS PELO PROFESSOR/PESQUISADOR

Faz mais de 28 (vinte e oito) anos e nunca me esqueci daquela cena. Eram mais ou menos 13 h. tínhamos acabado de almoçar, meu pai José Bertholdo de Souza, um carregador d'água¹⁶, viu um tempo de chuva se aproximando, parecia que vinha um temporal, estávamos na cozinha que ficava de frente para o barranco às margens do Rio Acre, onde poucos metros em seguida se encontrava com o Rio Purus. Lembro-me que ele pegou uma caneca de alumínio, pôs água e em seguida jogou em direção ao temporal, mas via seus lábios balbuciando, como uma espécie de reza, ele fez isso por três vezes, cada vez que enchia a caneca e jogava em direção ao temporal ele balbuciava sua reza, mas o que mais me surpreendeu foi o fato de ver aquele tempo fechado, nuvens carregadas, em poucos minutos se dissipando. Perguntei a meu pai o que ele tinha falado, ele não me repetiu as palavras, mas disse que era uma antiga reza para afastar temporais e que sempre a utilizava quando avistava o anúncio de temporal dentro da canoa atravessando os rios Acre e Purus. Por mais que não consiga explicar, sei que aquela cena fincou lembranças permanentes, até hoje pergunto-me quais eram aquelas “palavras mágicas”, não sei se podemos comprovar cientificamente o fenômeno, mas sei que existia um tenro e singelo “saber ribeirinho”.

Ingressar em uma faculdade no final da década de 90 era um sonho distante para a maioria dos jovens bocacrenses, apenas famílias com boas condições financeiras poderiam financiar uma faculdade para seus filhos. O destino era sempre a capital Manaus, ou a capital mais próxima Rio Branco, distante 208 km do município de Boca do Acre. Mas no início dos anos 2000 chegou ao município a tão sonhada Universidade do Estado do Amazonas – UEA, um projeto ousado do então governador Amazonino Mendes, o qual pretendia ofertar cursos de nível superior nos principais polos no interior do Amazonas.

Enfim, o primeiro vestibular, o curso ofertado tinha nome bonito que chamava atenção - Bacharelado em Ciências Políticas com ênfase em Administração Pública Municipal. Oito semestres e meio, conhecendo teoricamente o fazer da verdadeira e legítima política, contraposição da experienciada politicagem, um curso importante,

¹⁶ Profissão muito comum em municípios de pequeno porte entre as décadas de 80 e 90. O carregador d'água coletava água de alguma fonte natural próximo a igarapés e distribuía esta água para os domicílios, devido a ausência de água encanada à época.

grade curricular que percorria todos os meandros da gestão pública, ousado, desafiador, formador de cidadãos críticos e pensantes, mas, sem mercado de trabalho, a única fonte de emprego seria a prefeitura, mas quem romperia com as velhas práticas dos cargos por indicação? Meu trabalho de conclusão de curso teve como plano de intervenção criar um programa de rádio que pudesse trazer aos munícipes informações sobre seus direitos enquanto cidadãos, além de convidar outros cientistas políticos em formação a apresentarem suas soluções para a administração pública.

Dividia meu tempo entre família, igreja, bacharelado e o trabalho como instrutor de música concursado em um projeto chamado **PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil**¹⁷, promovido pela Secretaria Municipal de Assistência Social voltado para crianças e adolescentes. Foi desta forma que iniciei meu contato com a docência, ensinando crianças carentes, vitimizadas pelo trabalho infantil, insalubre e degradante, o maravilhoso e transformador mundo da música, naquele projeto ensinava violão, percussão, flauta, e canto coral, além de esporadicamente ministrar palestras sobre drogas, famílias e importância da educação.

Pelo fato de estar ligado à igreja desde os 08 (oito) anos de idade, participante ativo da denominação batista, fui incentivado deste cedo a sonhar com a possibilidade do pastorado. Após o curso de bacharelado em Ciências Políticas foi-me ofertado pelo Pastor da igreja um Curso de Teologia, a educação à distância estava dando seus primeiros passos, a internet ainda era muito recente no município, mas conseguimos encontrar um curso de teologia à distância promovido pela extinta FATESP – Faculdade de Teologia de São Paulo. O curso não tinha registro no MEC (naquela época nenhum curso de teologia, independente da modalidade, tinha reconhecimento do MEC), mas mesmo assim, era tido como legítimo perante a igreja para posterior possibilidade de assumir o pastorado.

¹⁷ O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) teve início, em 1996, como ação do Governo Federal, com o apoio da Organização Internacional do Trabalho (OIT) [...]. Sua cobertura foi, em seguida, ampliada para alcançar progressivamente todo o país num esforço do Estado Brasileiro para implantação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento do trabalho infantil, atendendo as demandas da sociedade, articuladas pelo Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI). Disponível em < <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/servicos-e-programas-1/acao-estrategica-do-programa-de-erradicacao-do-trabalho-infantil> > Acesso em: 13 abr. 2022.

Dois anos depois um amigo me contou que o vestibular da UEA estava aberto para inscrições e que o curso ofertado para o município seria **Pedagogia Intercultural Indígena**¹⁸, comentei com minha esposa e a incentivei a inscrever-se, como já tinha um curso superior no currículo, gostaria que ela fosse a próxima acadêmica da família. Combinamos que eu iria me inscrever também, como forma de incentivá-la, nos inscrevemos, fizemos o vestibular juntos, mas dias depois o mesmo amigo me parou na rua e me parabenizou – parabéns meu amigo, você passou no vestibular - fiquei surpreso, não esperava e nem almejava, o fiz apenas para motivar minha esposa, mas para minha surpresa, ao conferir o resultado, lá estava meu nome em 42º (quadragésimo segundo lugar), então lá vamos nós, estudar Pedagogia, adentrar nos rios da educação.

Trago a memória os intensos desafios durante a licenciatura, pois, ela chegou justamente no momento em que estava assumindo a direção da Secretaria Municipal de Assistência Social depois de 17 (dezessete) anos de casa. Havia recebido o desafio de gerir a secretaria onde iniciei minha carreira profissional e ainda por cima desenvolver estudos em uma área completamente diferente da realidade a qual estava inserido.

O curso de Pedagogia Intercultural Indígena fora arquitetado objetivando alcançar especificamente os povos indígenas, mas como as vagas não foram preenchidas, entramos nas vagas remanescentes.

Durante todo o curso nos deparamos com toda cultura, ritual, cosmologia e cosmogonia dos mais variados povos indígenas, éramos instigados a valorizar, catalogar, descortinar e divulgar o modo de vida, as relações, a língua, os hábitos, os sonhos e lutas dos povos indígenas.

Atravessamos os semestres nos alimentando de sensibilidade, cada disciplina nos motivava a desenvolver um olhar para o diferente sem categorizar, sem hierarquizar, sem comparar, sem compartimentalizar, apenas aprender, descrever,

¹⁸ Criado pelo Decreto 21.666, de 01/02/2001, autorizado pela Lei Estadual nº 2.637, de 12/01/2011. O Curso de Pedagogia Intercultural Indígena teve como finalidade licenciar para exercício do magistério na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, bem como a qualificação para a gestão pedagógica em educação escolar e áreas afins. O currículo desse curso dialoga com a diversidade amazônica com enfoque na questão indígena. Fora ofertado na modalidade presencial modular, através do sistema IP. TV, sendo este veiculado para 52 municípios do Estado, durante os meses de janeiro, fevereiro e julho, de cada ano. Disponível em: <https://cursos1.uea.edu.br/index.php?dest=info&curso=87>. Acesso em: 13 abr. 2022.

respeitar e desenvolver instrumentos pedagógicos que consolidassem e fomentassem o ser indígena.

Nos últimos quatro semestres a coordenação do curso retirou a palavra “indígena”, doravante as discussões e temáticas não abraçavam apenas o universo da criança indígena, mas também, a educação do caboclo, do campo, povos quilombolas, povos marginalizados, cujas práxis pedagógicas vivenciadas eram completamente descontextualizadas, requerendo uma profunda reflexão, análise, criticidade e descrição, no intuito de fomentar uma pedagogia que ofertasse o equilíbrio entre conteúdos formais e práticas e vivências do cotidiano, a licenciatura finalizou-se com a nomenclatura “**Pedagogia Intercultural**”.

A formatura foi marcada para a sexta-feira, porque no domingo, coincidentemente na mesma semana iria ocorrer o tão aguardado concurso público realizado pela SEDUC/AM – Secretaria Estadual de Educação do Amazonas, um evento raro e pela primeira vez foram ofertadas vagas para pedagogos atuarem no interior do estado. Terceiro lugar, esta foi a colocação, a vaga estava garantida, agora bastava apenas aguardar a convocação que veio dois anos e meio após o concurso ser homologado.

Após a convocação me deparei diante de uma equipe de professores em uma escola de tempo integral com alunos apenas do ensino médio. Sabia que desafios viriam, mas que o maior desafio era continuar aprendendo, pesquisando e buscando novas ferramentas que pudessem melhorar a qualidade do ensino na escola onde estava atuando.

Assim como no início dos anos 2000 era raro um bocacrense adentrar em uma universidade para fazer uma graduação, era extremamente raro realizar um curso de pós-graduação de forma presencial. Em nossa cidade apenas nos últimos quatro anos é que foram ofertadas algumas graduações em formato presencial, todas as demais, tanto graduações como pós-graduações eram ofertadas (até a presente data) em formato EAD. Neste interim surgiu a oportunidade de realizar uma Pós-graduação em **Metodologia do Ensino de Sociologia e Filosofia**, ofertado pela Faculdade São Brás. Aproveitei a oportunidade para continuar me aprimorando, o fato de morar no interior faz com que suas opções para cursos sejam limitadas, e para não parar você tem que abraçar as oportunidades disponíveis.

O mestrado estava nos planos, nos sonhos, nos alvos, meta profissional, meta de vida. Em 2015 a UFAC abriu seleção para Mestrado em Educação, estava ali a

chance, sabia que se caso conseguisse a vaga, talvez teria que me mudar para a cidade de Rio Branco, acabei não conseguindo, mas o sonho ainda estava lá, fincado, inalterável e latente.

Após dois anos como pedagogo na Escola Estadual de Tempo Integral Prof. Antônio José Bernardo de Vasconcelos, recebi o convite para assumir a Coordenadoria Estadual de Educação no município de Boca do Acre, agora ao invés de ajudar na administração e questões pedagógicas de 01 (uma) escola, assumi a responsabilidade de gerir em conjunto com uma excelente equipe técnica, dez escolas estaduais na zona urbana e onze escolas na zona rural que utilizavam o ensino mediado por tecnologia, e foi justamente enquanto estava na coordenadoria que consegui ingressar no tão sonhado mestrado, esse chamado de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática (MPECIM) da Universidade Federal do Acre (UFAC), turma 2020.

Desde os tempos de Pedagogia Intercultural, meu coração foi incendiado por uma paixão e curiosidade acerca dos saberes culturalmente construídos pelo homem do campo, pelo homem ribeirinho. Valorizar para não esquecer sempre foi um objetivo, pois diante de uma geração que possui um mar de informações à sua frente, que se depara com mudanças repentinas e constantes, que absorve conhecimentos de diversas fontes e que consegue por meio da tecnologia e das mais diversas mídias acesso e contato com diversas culturas, se faz necessário conhecer, descrever, investigar e evidenciar saberes que são daqui, da terra, da nossa gente, gerado no seio dos rios, dos nossos igarapés, da nossa floresta.

Lembro-me de ser profundamente tocado por descobrir estes saberes e descrevê-los após uma interessante experiência. Convidei um morador de Boca do Acre, conhecido pela sua habilidade de furar poços, ao chegar no terreno não o vi portando nenhum aparelho ou ferramenta de avançada tecnologia para localização com precisão do lençol freático, então perguntei – como o senhor faz para saber o local certo? Aquele senhor pegou um galho de goiabeira, cortou até que ficasse parecido com um “y”, então ele me disse: quando a gente tiver em cima do lençol o galho vai vibrar – e não é que começou a vibrar na mão dele mesmo, então ele me deu o galho e pude sentir com minhas próprias mãos o quanto aquele pedaço de pau cortado de uma árvore vibrava com intensidade a medida que a gente se aproximava de uma determinada parte do terreno. Devolvi a ele e perguntei - como o senhor descobriu esta técnica? Ele me respondeu: aprendi com os mais antigos, eles sempre

faziam assim quando queriam cavar poços. E por que dá certo? Perguntei novamente, ele me disse: não sei, só sei que funciona, eu não erro uma. Horas depois e após 06 (seis) metros de profundidade, lá estava uma água límpida, realmente aquele era o local exato.

Quem nunca recorreu ao chá feito com todo carinho pela vovó? Quem nunca tomou um lambedor para curar a tosse ou prevenir a gripe? Quem nunca andou em uma canoa fabricada por um ribeirinho que mal sabe ler e escrever, mas que constrói com precisão um meio de transporte que dura anos e não afunda mesmo diante do banzeiro ou dos temporais. Quem nunca se admirou pela previsão do tempo feita pelos anciãos ribeirinhos, quando previam se a chuva seria pouca, se haveria uma alagação, se haveria fartura ou escassez de peixe ou se o verão seria longo, utilizando apenas a experiência advinda da observação de anos e anos. E o que dizer das parteiras, aquelas que “desemborcam o bebê”, que anunciam o dia do parto e adivinham até o sexo da criança, mulheres que nunca frequentaram o banco da escola, mas que foram e são responsáveis pelos partos nos lugares mais longínquos, longe de qualquer hospital ou posto de saúde.

Mather Luther King¹⁹ é o autor da célebre frase: “eu tenho um sonho”, suas palavras ecoam por gerações, alimentando o desejo pela igualdade, respeito e fraternidade. Trazemos nesta dissertação um sonho de contemplar a presente e futura geração descobrindo, descrevendo e significando estes saberes. Tememos que os infantes de nossa região se encontrem tão amalgamados com as tecnologias digitais, com o mundo virtual, que acabem enclausurando no barranco do esquecimento estes saberes que por gerações preservaram, sustentaram, socorreram e desenharam o viver ribeirinho. Anseia-se em suscitar junto aos docentes um fazer pedagógico que dialogue com estes saberes, que revelem estes atores sociais, cujas práticas são heranças culturais que podem e devem adentrar no espaço escolar, devem estar presentes na sala de aula e que devam ser significados nos usos em momentos de atividades por quem as pratica.

A escola deve trilhar caminhos de convergência junto às práticas e vivências em espaços não formais, as comparações não são bem-vindas neste encontro, mas

¹⁹ Martin Luther King (1929-1968) foi um ativista norte-americano, lutou contra a discriminação racial e tornou-se um dos mais importantes líderes dos movimentos pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964. Disponível em: https://www.ebiografia.com/martin_luther_king/. Acesso em: 13 de abril de 2022.

sim as descrições, as investigações, os jogos de linguagem, as histórias e construções e porque não dizer as semelhanças de famílias entre os dizeres e fazeres entre uma prática e outra na concepção wittgensteiniana.

Conhecer, compreender, e levar nossa história as próximas gerações é a única maneira de garantir a permanência, vivência, continuidade. Nesta caminhada abraçamos estes postulados que exprimem e expressam nossa existência amazônica, congregamos eventos, períodos, vozes, esperanças. Não podemos deixar de dizer que nessa investigação, compreender algo, é uma atividade manifesta no uso na aceção dessa pesquisa, conforme Wittgenstein.

Não Pense! Mas Veja! (WITTGENSTEIN, 1999, IF- & 66. p. 52).

4 MOBILIZAÇÕES TEXTUAIS

Na Amazônia, especialmente no Estado do Acre, a diversidade não envolve apenas as dimensões étnicas. O processo de miscigenação gerou também outras formas de concepção de vida e de organização social: o cabloco ou ribeirinho é produto historicamente construído pela miscigenação. Essa legítima construção arregimenta-se relações entre o poder e o saber pautadas pela positividade ou negatividade dos saberes teóricos/práticos no processo de validação e legitimidade do conhecimentos e das concepções de mundo, revelando-se como desafio para a promoção da valorização dos saberes/fazeres.

Os saberes/fazeres ribeirinhos não podem se caracterizar apenas como mais uma temática presente no plano anual ou projeto pedagógico, mas deve se apresentar como um elemento que promove a reflexão, apontando propostas metodológicas, pesquisando e produzindo conteúdos, promovendo estreito diálogo entre as diferentes formas de conceber e produzir ciência. Para Araújo, Farias & Nunes:

Há críticas ao emprego do termo “conhecimento tradicional” que estaria associado à ideia de um conhecimento anacrônico, estático, genuíno, puro (sem mistura), ou seja, um patrimônio intelectual imutável, quando, na verdade, com o passar do tempo, sofre modificações e renovações. (ARAÚJO, FARIAS & NUNES, 2017, p.04).

Assim, Cunha (1999), apud Araújo, Farias & Nunes (2017), nos explica de forma relevante que:

[...] o termo “tradicional” qualifica o processo de construção e o modo como o saber é utilizado e adquirido, e não o produto ou as informações geradas. Assim, o conhecimento tradicional, como o conhecimento científico, é uma obra aberta, inacabada e que se refaz constantemente. Esses saberes não podem ser entendidos separados de suas identidades, organização social, sistemas de valores, enfim, de sua visão cosmológica (CUNHA, 1999, apud, Araújo, Farias & Nunes, 2017, p. 04).

Quando falamos em educação e saberes/fazeres ribeirinhos, abrange-se em sua abordagem a representatividade e importância da cultura local, podendo esta ser repassada de forma oral, vivenciada, experienciada, fruto da convivência e da confluência entre gerações como instrumento significativo de ensino/aprendizagem.

De acordo Chassot (1995), apud, Araújo, Farias & Nunes (2017) “os saberes populares são os muitos conhecimentos produzidos solidariamente e, às vezes, com muita empiria”, esta característica intrínseca tem colaborado para o injusto submetimento à marginalidade por partes das instituições escolares. Estes saberes

enquanto expressão da cultura folclórica, do povo, fruto da interação, construção, hábitos, e significados, apresenta-se a criança/aluno como imprescindível instrumento para seu desenvolvimento em todos os aspectos.

No entender de Gimeno Sacristán (1995) em aspectos gerais, a cultura escolar apresenta em sua realidade um caráter monocultural.

A cultura dominante nas salas de aula é a que corresponde à visão de determinados grupos sociais: nos conteúdos escolares e nos textos aparecem poucas vezes a cultura popular, as subculturas dos jovens, as contribuições das mulheres à sociedade, as formas de vida rurais, e dos povos desfavorecidos (exceto os elementos de exotismo), o problema da fome, do desemprego ou dos maus tratos, o racismo e a xenofobia, as consequências do consumismo e muitos outros temas problemas que parecem “incômodos”. Consciente e inconscientemente se produz um primeiro velamento que afeta os conflitos sociais que nos rodeiam quotidianamente. (SACRISTÁN, 1995, p.97).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais escolheram a Pluralidade Cultural como parte integrante dos temas transversais no intuito de compreender e atender as singularidades dos educandos.

[...] a educação escolar deve considerar a diversidade dos alunos como elemento essencial a ser tratado para a melhoria da qualidade de ensino aprendizagem. A escola ao considerar a diversidade, tem como valor máximo o respeito as diferenças - não o elogia a desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa, podem e devem, portanto, ser fator de enriquecimento (BRASIL, 1997, p. 96-97).

Os saberes/fazer vivenciados pelos povos tradicionais e povos ribeirinhos é vista por uma crescente gama de pesquisadores como um caminho que investiga a relação entre a educação e a realidade apresentada pelos vários atores sociais em suas multiculturalidades (REIS, 2014). A protagonização destes saberes favorece em seu contexto e prática o diálogo e as relações recíprocas que se interpõe entre os “desiguais e diferentes”. Conforme Candau (2000) este formato de educação afirma as características presentes em nossa sociedade que se pauta nos processos de hibridização cultural, mobilizando identidades que se convergem, respeitando e reivindicando seus espaços.

[...] A interculturalidade exige um ‘novo pensamento’ e este poderá surgir, tão somente, se aceitarmos a ‘destruição’ do pensamento único e a deslegitimação dos dogmatismos; as relações entre culturas diversas não são totalmente simétricas, pois são relações de força dialética entre culturas hegemônicas e subalternas, entre Centro e Periferia; a escola (e educadores/as) não são mediadores culturais neutros, mas estão historicamente situados [...] (NANNI e ABBRUCIATI, apud Souza, Fleuri, apud Sá & Cortez, p. 06).

Desta forma, a educação que busca e investiga saberes/fazeres tradicionais, assume uma postura que incentiva o pensar, ressignificar, produzir e dialogar com os diferentes processos que compõe o ensino e aprendizagem, tendo como base o respeito entre os diversos grupos, assumindo a proposta de construção recíproca. As diferentes ciências/matemáticas proporcionam um espaço de encontro entre culturas, e nesse encontro a apresentação de significados, a visão de mundo e processos identitários são compartilhados mantendo o respeito e negando qualquer intenção de supremacia cultural, sobreposição ou aculturação.

Os saberes/fazeres experienciados pela comunidade ribeirinha necessitam ampliar seu espaço nos conteúdos nas disciplinas de ciência/matemática. Conhecimentos, competências e atitudes, que permitam ao discente vislumbrar a riqueza da diversidade cultural, são eixos fundamentais para a compreensão das vivências culturais e suas complexidades. Os professores devem possuir amplos conhecimentos sobre a realidade em que vivem em diferentes dimensões cultural, social, econômica e ambiental. (BASEI & FILHO, 2008).

Diante do exposto, acredita-se que a prática docente, atrelada a uma perspectiva que investiga esses outros saberes, apresenta-se como subsidio norteador para a confecção de conteúdos que atendam e compreendam profunda e sistematicamente o emaranhado cultural presente na escola, fomentando o diálogo e uma educação inclusiva.

Nesse sentido, acredita-se que o docente exerce fundamental papel na promoção da mudança e de um fazer pedagógico, pois são esses projetos os instrumentos eficientes para a promulgação de qualquer renovação pretendida. Os planos de aula não devem possuir apenas a responsabilidade de incluir conteúdos relativos a temas culturais nos quais se destaque a diversidade, as diferenças, etc., mas também a de desenvolvimento de metodologias de ensino que permitam a reflexão e a análise dos conhecimentos tradicionais.

Podemos afirmar que o contexto cultural e educadores são ativos e importantes agentes corroboradores na construção do sujeito e na construção da aprendizagem. Tanto docente, quanto representatividades manifestadas na cultura e por meio dela, servem de modelo para alunos/crianças as quais por meio da cognição são capazes de incorporar e imitar comportamentos, estruturas, experiências e contextos.

Nossa premissa saberes/fazeres ribeirinhos traz como proposta a possibilidade de os professores incluírem nos seus planos de aula na disciplina de ciência e matemática, a exposição dessas outras ciências/matemáticas locais, folclóricas, culturais avançando paulatinamente até a exposição dos conteúdos situados e citados nos livros didáticos.

Nesta perspectiva o professor assume o papel de mediador, pois a criança encontra na cultura e na interação com esta, um campo fértil para pesquisas espontâneas, descobertas e experiências deixando-as livres para reconstruir e reinventar verdades e saberes legados historicamente.

Os saberes/fazeres do homem ribeirinho abre espaços para manifestações representativas do infante enquanto este age e interage com o meio social. Por ser dinâmico, o processo de desenvolvimento científico folclórico é constituído pelas experiências, dito isto, acreditamos que o papel e propósito da práxis pedagógica no espaço sala de aula deve ser o de incentivar a criança a criar seu percurso experiencial partindo de sua própria ação.

É necessário que o docente, diante da atual conjuntura social, possa saber tratar pedagogicamente as questões relativas a diversidade no contexto escolar. A ação pedagógica não deve limitar-se apenas ao respeito e diálogo entre culturas, mas apresentar-se como mecanismo arrefecedor das práticas educacionais hegemônicas, estereotipadas e aculturais, valorando o outro para além dos muros da escola.

A ciência encontra-se duplamente ao serviço da globalização hegemônica, quer pela maneira como a promove e a legitima, quer pela maneira como desacredita oculta ou trivializa a globalização contra hegemônica. A hegemonia pressupõe um policiamento e uma repressão constantes das práticas e dos agentes contra hegemônicos. Desacreditar, ocultar e trivializar a globalização contra hegemônica dá-se, em grande parte, conjuntamente com o desacreditar, ocultar e trivializar os saberes que informam as práticas e os agentes contra hegemônicos. Perante saberes rivais, o conhecimento científico hegemônico ou os converte em matéria-prima (como é o caso dos saberes tradicionais sobre biodiversidade) ou os rejeita na base da sua falsidade ou ineficácia à luz do critério hegemônico da verdade e da eficácia (SANTOS, 2007 CITADO POR RIBEIRO, 2014, p. 135.)

A Educação deve possuir a premissa básica de suscitar valoração aos saberes dos povos, comunidades e agentes sociais que historicamente construíram conhecimentos e sentidos que acompanham a humanidade, tornando-se nosso principal objeto de estudo na jornada acadêmica.

Atualmente, em um mundo globalizado, torna-se cada vez menor o distanciamento entre os atores sociais e suas culturas, fomentando a articulação entre

saberes, comportamentos e relações, gerando articulações e conectividades necessárias à nova dinâmica de interação social.

O observado, o modelo assimilado, abriga-se na cultura, na expressão de vida, pois a cultura determina comportamentos, crenças, valores. A cultura do povo, do cotidiano, são produtos e produtores, estabelecendo um mover dinâmico de identidades, conexões e construções. O indivíduo além de ser influenciador é influenciado pela coletividade, podendo contribuir com suas significações.

Tanto os saberes culturais, quanto o conhecimento científico devem se estabelecer em plena convivência, pois não são antagônicos ou polarizados²⁰. Essa “primeira cultura”, estes saberes arraigados do povo local, da comunidade, não sistematizados, cotidianos, não podem ser ignorados pela instituição escola.

Marginalizado pelo rótulo de “não científico”, carregando uma imagem popular de inferior, como “não verdadeiro” e ausente de fundamento, o saber ligado à tradição tem sido visto somente, cada vez mais, como apenas um instrumento de análise da ciência. A autora defende que para o enriquecimento do conhecimento é necessário exercitar a prática transdisciplinar que ultrapasse o positivismo cartesiano e produza pesquisas junto a essas populações, a natureza e a imaginação e propiciem a inadiável conversa entre ciência e tradição no contexto da educação e do ensino. (ALMEIDA, 2001 CITADO POR ARAÚJO, FARIAS & NUNES, 2017, p. 05).

A premissa educação e saberes/fazerem ribeirinhos se constrói em duas perspectivas. A primeira busca valorar epistemologicamente a ciência do caboclo, do ribeirinho, do homem do campo. Não é intento comprová-las ou afirmar sua veracidade à luz dos protocolos cientificistas, mas sim, apresentar a contribuição destes outros saberes na concepção e compreensão da ciência popular. A segunda perspectiva apresenta-se na busca em inserir, valorar, implantar, sistematizar e fortalecer a interculturalidade como promotora de uma política educacional que contemple a composição do mosaico cultural existente em nossa região.

Antes de adentrar ao espaço escolar, o discente carrega em si conceitos, significâncias, aprendizagens não formais, extraídas da sua relação social, este conhecimento, deve ser explorado pelo docente, pois revela experiências prévias, mas não apequenadas. O infante não é um ser pré-moldado, mas um sujeito autônomo, criativo, que vai construindo inteligências e pensamentos a partir de sua interação com o sociocultural. Esta educação intercultural, esta ciência folclórica é

²⁰ Utilizamos destes termos apenas por questão semântica, no sentido de demonstrar que os saberes/fazerem ribeirinhos não se configuram, no âmbito educacional, protagonistas de oposições ou disputas de razão ou eficácia do processo de ensino/aprendizagem, mas sim, interpela-se diálogos e aproximações.

constante, ativa, pedagógica e influente, o epicentro para o desenvolvimento e conhecimento das demais ciências.

Portanto, é possível propor a aquisição do conhecimento tradicional, cultural, folclórico, não epistemológico, como base para a aquisição, apreensão, compreensão da ciência chancelada pela academia. É importante manter viva a ciência dos iletrados como fruto do processo de construção social, pois, construir ciência a partir dos saberes caboclos, engrena saltos maiores em direção a despolarização, não apontando para representações de certo/errado. Neste sentido, remamos em direção a desnaturalização das representações enraizadas no processo histórico evidenciados nos discursos produzidos acerca destes saberes.

5 O LUGAR DOS SABERES/FAZERES TRADICIONAIS NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC

[...] porque a vida ri-se das previsões e põe palavras onde imaginamos silêncios”
(SARAMAGO, 2008, p.32)

Nesta seção, teceremos uma cena ficcional que traz como principal problematização²¹ - “O lugar dos saberes/fazeres tradicionais na Base Nacional Comum Curricular - BNCC”. Em relação ao uso de cenas ficcionais, BEZERRA (2016, p. 22) nos esclarece que:

Cena ficcional não quer significar aqui fantasiosa, irreal, ficção em oposição à ciência, mas uma cena construída a partir de escritas, vozes, dizeres, falas reais que, porque trazidas para o diálogo inscrito a seguir e significadas segundo a intenção desta pesquisa, passam a ser rastros espectrais de seus autores e não extrações “ipsis litteris” de suas obras, como vem explicado de modo referencial na escritura do próprio diálogo.

Partindo do exposto, abraçamos este formato de texto científico, pois o vemos como linguagem enquanto ação, pois estas cenas narradas nos revela uma sequência de dobras, performances, interações, vinculando o texto a sua ocorrência, ou seja, situadas em um contexto espaço-temporal (MARIM & FARIAS, 2017).

De forma contundente, os diálogos ficcionais estabelecidos nos jogos de cena possibilitam a:

Ampliação da concepção de narrativa, vista como ato de narrar ou encenar a linguagem – de modo que no ato narrativo, o narrado não pode ser visto dissociado do próprio ato que o encena [um compósito que inclui a cena que o produz] –, reconhece a performatividade do autor ou narrador e nos autoriza a mobilizar o discurso em diferentes sujeitos espectrais situados em temporalidades descontínuas, ou por assim dizer, a ir e voltar-se palintropicamente (MARIM, 2014, p. 36).

É salutar ressaltar que os jogos de cena podem ser gerados a partir de vários momentos que não envolvem apenas diálogos entre entes, mas também diálogos internos, diálogos com artigos, dissertações, teses, proposições, entrevistas, falas informais, enfim, todas as ações que permeiam o universo do ato de pesquisar.

²¹ A problematização tem sentido de percorrer/esclarecer os diferentes usos/significados nas diferentes práticas culturais de algo que se quer conhecer, neste sentido, tem semelhanças de família com a terapia desconstrucionista, porque ao percorrer diferentes usos, desconstrói significados privilegiados que restringem o conhecimento, desconstrói significados únicos tido como essenciais e universais do algo que se quer conhecer (BEZERRA, 2016, p. 32).

Podemos afirmar que toda interação captada pela nossa parabólica, ou todas os peixes pescados em nossa tarrafa, podem se constituir e expressar-se por meio de jogos de cena e diálogos ficcionais.

E se quisermos não nos deixar prender em dicotomias, como nos sugere o movimento derridiano da desconstrução, ou não nos deixar enfeitiçar pela linguagem, como nos diz Wittgenstein, não empreenderemos esforços para a pergunta ‘o que é jogos de cenas?’, mas ‘como são vistos?’, ou ‘como são usados?’ ou, ainda, ‘quais os efeitos que eles provocam?’ (MARIM & FARIAS, 2017, p.179).

A intenção nesta cena, durante este diálogo ficcional não é realizar um estudo qualitativo exaustivo acerca da BNCC, mas sim tentar encontrar neste documento norteador do ensino brasileiro possíveis encontros e diálogos com o objeto de nossa pesquisa, que são os saberes/fazerem construídos historicamente pelos povos ribeirinhos. Serei chamado de **PESQUISADOR** neste diálogo. Nossos personagens, que também são sujeitos da nossa pesquisa, serão descritos como o **SUPERVISOR**, o **PROFESSOR** e o **GESTOR** Nesta cena ficcional nossos sujeitos espectrais²² estarão identificados em negrito, os enxertos de outros textos serão diferenciados pelo tipo de letra Arial, tamanho 12, estilo itálico.

5.1 CENA 02 – O LUGAR DOS SABERES/FAZERES TRADICIONAIS NA BNCC

Manhã de sexta-feira. Era dia de avaliação naquela sala multisseriada, os alunos tinham saído mais cedo na hora do recreio. Estávamos reunidos na sala de professores, que também é a sala do Gestor da Escola Municipal Bom Jesus, na comunidade Floresta do Acre. A escola estava recebendo a visita do supervisor, este responsável por visitar outras escolas em outras comunidades também. Aproveitei a oportunidade, e intencionalmente iniciei a discorrer um diálogo sobre BNCC.

PESQUISADOR (Lendo no notebook um artigo sobre BNCC) – Amigos, vocês já tiveram alguma formação aqui na escola sobre a BNCC²³?

²² As palavras espectros/espectrais/espectralidade aparecerão no nosso texto, sendo seus usos sempre referenciados na perspectiva derridiana, associados, portanto, aos significados de citacionalidade na e da escritura e aos efeitos performativos dessas próprias citações. A escritura, na perspectiva derridiana, é inicialmente entendida como o projeto gramatológico da escrita [o grama, o traço, o rastro] e, posteriormente, como o fantasma, a spectralidade. Todavia, a escritura abarca todo tipo de linguagem, seja ela falada, escrita, imagética ou a linguagem corpórea [...] (MARIM, 2014, p. 33-34).

²³ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver

SUPERVISOR – Se não me engano, ano passado, tivemos alguns encontros formativos onde estiveram presentes os Supervisores de Polo, Coordenadores e Gestores da Secretaria de Educação do município de Boca do Acre, onde nos foi apresentada a proposta. Foi um encontro muito esclarecedor!

GESTOR – Olha! A BNCC é um documento importantíssimo e requer muito estudo, muito debate, pois nos traz várias propostas e dúvidas também.

PROFESSOR – Sabe, tem vezes que sinto dificuldade em compreender profundamente a BNCC, acho que a gente deveria realizar grupos de estudo, nos reunir mais vezes, até pra gente discutir se realmente a BNCC abraça nossa realidade, pois as vezes, nossas autoridades criam documentos e procedimentos que estão muito longe da nossa realidade.

PESQUISADOR – Concordo professor! Como sabemos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017 *é um documento de caráter normativo que estabelece um conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais para que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica*²⁴. Esta base norteia a construção dos currículos das escolas públicas e privadas, sendo documento essencial para a elaboração dos projetos políticos pedagógicos destas instituições.

SUPERVISOR (Balançando a cabeça de forma afirmativa) - Sim, certo! A gente percebe também, através de várias leituras que a BNCC tem uma preocupação em alinhar conteúdos, na intenção de que todos os alunos tenham acesso as mesmas competências. Nota-se também uma preocupação com as formas de avaliação e estrutura da escola e enxergamos de forma clara a intenção de homogeneização do conteúdo.

PROFESSOR (folheando algumas páginas de um caderno de anotações)
– Me lembro que eu tinha anotado aqui algumas percepções que tive lendo artigos acerca da BNCC. Um ponto que me chamou a atenção é que a BNCC se apresenta como uma proposta de determinar os conteúdos essenciais para a jornada escolar na educação básica para os discentes de todo país, ou seja, é um processo contínuo onde se destaca principalmente a aprendizagem e o desenvolvimento, buscando de

ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30/03/2022.

²⁴ Menezes & Miranda. O LUGAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA NOVA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO. Disponível em: <http://www.revistaeea.org/artigo.php?idartigo=4152>. Acesso em: 02/04/2022.

forma intencional a integração entre os aspectos sociais, afetivos, cognitivos e emocionais (BRASIL, 2016).

PESQUISADOR – Trago para nossa conversa mais uma vez as falas de Menezes & Miranda (2022), destacando dois pontos fundamentais na construção pedagógica da BNCC. No primeiro ponto destacamos o anseio na BNCC em desenvolver competências, indicadas claramente por aquilo que o aluno deve “saber”, ou seja, considera-se a *“constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores²⁵”*, e sobretudo a mobilização destes conhecimentos sinalizada por um “saber fazer” através de *“habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho²⁶”*. O segundo ponto de destaque considera o educar como uma *“construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea²⁷”*.

SUPERVISOR (entra na conversa) – Vemos, portanto, nesta proposta educacional uma premissa em anunciar os suplementos que carecem na educação, enfatizando os fundamentos e principais elementos na Matemática, nas Linguagens e nas Ciências da Natureza e Humanas (BRASIL, 2017).

PESQUISADOR – (empolgado porque a conversa desatracou do porto) Quero trazer algumas problematizações inerentes a estas falas. Encontramos nas entrelinhas da BNCC um lugar sólido, consistente, claro e preciso acerca dos saberes/fazeres ribeirinhos? Como será que esta questão acerca da interculturalidade e saberes tradicionais é evidenciada ou apresentada neste documento norteador dos programas curriculares, no que tange ao ensino de ciência e matemática?

GESTOR (Com a mão no queixo, de forma pensativa, responde) – Acredito ser relevante para nós professores da zona rural esta pesquisa, pois será que nossos saberes/fazeres tem lugar cativo nesta proposta? Será que a BNCC incentiva a investigação, contemplação e valorização destes saberes?

SUPERVISOR (Levantando a mão) – Como falei anteriormente, a BNCC apresenta a clara intenção de homogeneização do conteúdo. Acredito também ser importante apresentarmos a seguinte problematização – a BNCC possibilita

²⁵ (Ibid, 2022).

²⁶ (Ibid,2022).

²⁷ (Ibid, 2022).

instrumentos, dinâmicas e estratégias que orientam o fazer docente frente a estes saberes/fazeres ribeirinhos? Encontramos neste documento norteador uma preocupação clara e concisa com a diferença cultural e o abraçar de saberes não escolarizados construídos historicamente?

PESQUISADOR – Quantas problematizações surgiram neste instante. Bem! No que diz respeito a área de Ciências da Natureza, o documento apresenta oito competências para o Ensino Fundamental. Analisando estas competências na tentativa de enxergar proximidades e referências aos saberes tradicionais, duas destas me chamam atenção, a primeira, cuja premissa é: *Compreender as Ciências da Natureza como empreendimento humano, e o conhecimento científico como provisório, cultural e histórico*²⁸.

GESTOR (intrigado pergunta) – Por que esta competência lhe chamou atenção professor?

PESQUISADOR (olhando brevemente pela janela, responde) – Esta competência apresenta o conhecimento científico formado a partir de uma tríade interdependente e não sobreposta, perfazendo-se em um descobrir e discutir crescente, evidente e urgente. É estranho a educação e o espaço escolar não abraçar os elementos culturais e buscar inseri-los no contexto escolar, pois culturas e saberes acobertados, são saberes silenciados.

PROFESSOR (corta e entra na conversa) – É necessário enfatizar também, o fato de que planos de curso, formação de professores e projetos pedagógicos com este tom ainda são pouco explorados, trazendo conseqüentemente uma ampla necessidade de repensar a formação de professores para que estes sejam capazes de fortalecer a cultura e saberes locais, desenvolvendo a plena habilidade de recondicionar estes saberes a rotina escolar.

PESQUISADOR (Olhando novamente para a tela do notebook) – A segunda competência que me chama atenção é a número quatro, expressa da seguinte maneira: *Avaliar aplicações e implicações políticas, socioambientais e culturais da ciência e de suas tecnologias para propor alternativas aos desafios do mundo contemporâneo, incluindo aqueles relativos ao mundo do trabalho*²⁹. Está claro

²⁸ BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf. Acesso em: 29/03/2022.

²⁹ (Ibid, 2017).

o fato de que a ciência interfere no ecossistema relacional. Mas, me vem à mente novas problematizações – a ciência a que se refere o texto é apenas esta ciência escolarizada, promulgada pelos livros didáticos? A ciência praxiológica vivida em espaços não escolares, construídas pelo caboclo, pelo ribeirinho, pelo indígena não são capazes de propor alternativas aos desafios do mundo contemporâneo? Estes saberes/fazeres ribeirinhos sem dúvida foram construídos como resposta aos desafios que a floresta, a mata, o entrelaçar de igarapés e rios impõe.

SUPERVISOR (Pede a palavra) – Pesquisador, eu sei que neste instante estamos destacando apenas as competências relacionadas a área de Ciências da Natureza para o ensino fundamental. Mas ao lançarmos nosso olhar sobre as competências gerais da BNCC, verificamos que há esta preocupação em valorizar também a diversidade e saberes de vivências. A competência nº 6 é apresentada no documento com o seguinte texto: *Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade*³⁰. Destaco também, que “a BNCC é uma base com objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para serem transformados em cada estado ou município em componentes curriculares regionais e de base nacional. A parte nacional existente na BNCC recomenda-se que componha 60% e a parte regional 40% dos currículos elaborados nas diversas regiões do Brasil”³¹. Tendo como base estas falas, podemos afirmar positivamente que a BNCC valoriza estes saberes/fazeres ribeirinhos?

PESQUISADOR (Dando um forte suspiro) – Bem! Realmente temos alguns termos que trazem uma vaga impressão de valorização, posso destacar aqui alguns como: “cultura”, “valorizar diversidade de saberes”, “vivências culturais”, mas entendo, que essas citações são vagas, carentes de maior aprofundamento, pois ao que parece, prevalece esta epistemologia dos livros didáticos. A BNCC estimula o acesso ao conhecimento científico formal, contudo mais importante ainda é que nesta transmissão esteja bem claro que este conhecimento científico não é superior ou substituto dos saberes construídos historicamente. Estes saberes tradicionais

³⁰ (BNCC, 2021, p. 09).

³¹ COMPIANI, Maurício. COMPARAÇÕES ENTRE A BNCC ATUAL E A VERSÃO DA CONSULTA AMPLA, ITEM CIÊNCIAS DA NATUREZA. Ciências em Foco, v. 11, n. 1, p. 91-106, 2018. 91.

possuem identidade, valores e são frutos de uma organização social, fatores relevantes para sua legitimação, neste sentido, a BNCC deveria incentivar de forma contundente aproximações e cooperações.

GESTOR (Pensativo a respeito...) Penso que este arrefecido apontamento aos saberes tradicionais, ao conhecimento tradicional, apequena a possibilidade de um educar inovador, investigativo e contextualizado. Todo e qualquer documento norteador deve servir a necessidade da comunidade onde a escola está inserida, partindo de seus anseios, concepções, lutas e construções sociais.

PROFESSOR (Satisfeito, pede a palavra) – Acredito também, que os livros didáticos não se configuram como únicos ou exclusivos instrumentos de conteúdo pedagógico, a sala de aula não se configura como único ou exclusivo espaço formativo. A BNCC, principalmente na área de Ciências da Natureza, deveria ser sensível às lugarizações didáticas, pois qualquer lugar, prática, e expressão cultural pode tornar um pressuposto valioso e fomentador de uma educação qualitativa.

PESQUISADOR (Alegre) – Muito bem caros educadores, que diálogo rico, este tema não se esgota aqui, ao passo que nos convida para novos encontros, novas problematizações, novas angularidades e novas lutas. Muito obrigado por esse momento!

Não tenho dúvidas que contemplar saberes/fazeres ribeirinhos é adentrar em um universo de sentimentos, lutas de sobrevivência, crenças limitantes causadas pela homogeneização das epistemologias europeias. É uma busca pelo fortalecimento de identidades, histórias, olhares, jogos de linguagem, ressignificações de uso e fazeres, pela fomentação de uma prática que ultrapassa as ferramentas pedagógicas, as carteiras, os muros, adentrando numa cosmogonia onde sempre esteve presente em nossa vivência, formação e estrutura biopsicossocial.

6 OS SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS NA CANOA DE WITTGENSTEIN E DERRIDA

O rastro filosófico do austríaco Ludwig Wittgenstein³² (1889-1951) tem se tornado cada vez mais frequente em dissertações e teses. Conforme Magalhães (2014), apud Dall’Agnol et al. (2008) os estudos e publicações acerca deste filósofo sofreram crescimento qualitativo e quantitativo a partir da década de 1990. A vertente, ou a canoa da Etnomatemática³³, tem se fortalecido com o pensamento wittgensteiniano, através de um estreitamento dialógico com outras áreas do conhecimento, inclusive a filosofia (MAGALHÃES, 2014).

Para Duarte e Taschetto (2013), apud Magalhães (2014) esta interlocução se estabelece em decorrência de pelo menos dois fatores:

o esfacelamento das fronteiras disciplinares que até então impediam o trânsito entre as diferentes áreas do conhecimento”; e o segundo, relacionado “à ousadia movida pela vontade de saber de alguns pesquisadores que têm se lançado na aventura de buscar em outros territórios as ferramentas teóricas [...] e conceituais que potencializam o pensamento [...] (DUARTE E TASCETTO, 2013 CITADO POR MAGALHÃES 2014, p. 57).

Diante do exposto, busca-se em canoas filosóficas, aporte teórico na intenção de averiguar, investigar e descrever outros saberes/fazer, além de analisar os discursos que circundam o fazer educação, e a preocupante capacidade desta educação escolarizada lançar à marginalidade outras ciências, em ambientes não formais. (MAGALHÃES, 2014).

Nossa viagem em busca dos saberes/fazer, ribeirinhos na canoa de Wittgenstein tem a premissa de fortalecer a ideia da existência e necessária

³² Ludwig Josef Johann Wittgenstein nasceu em Viena, em 26 de abril de 1889 e morreu em Cambridge em 1951. Foi um filósofo e pensador da modernidade, considerado um dos pais da filosofia analítica. Integrante do Círculo de Viena contribuiu para a renovação da Lógica na década de 1920, estudou engenharia em Berlim e Manchester e posteriormente se interessou pela lógica matemática e estudou com Bertrand Russel entre 1912 e 1913, em Cambridge. Entre 1913 e 1914 viveu na Noruega dedicando-se ao estudo da lógica. Sua principal obra publicada em vida foi o *Tractatus logico-philosophicus*, de 1922, um livro que exerceu profunda influência no desenvolvimento do positivismo lógico. A segunda obra principal de Wittgenstein, as *Investigações filosóficas*, foi publicada depois de sua morte em 1953, a obra traz grandes críticas sobre o *Tractatus*, pois Wittgenstein passa entender as palavras a partir de seus diferentes significados, denominados jogos da linguagem.

³³ A etnomatemática é um termo que surgiu na década de 70 e baseia-se em críticas sociais relacionadas ao ensino tradicional da matemática. Cunhada com a junção dos termos *techné*, *mátema* e *etno*, esta proposta educacional defende que a matemática deve ser explicada e entendida dentro de um contexto cultural próprio, tendo Ubiratan D’Ambrósio como precursor e idealizador no Brasil. Disponível em <https://www.estudopratico.com.br/a-etnomatematica/>. Acesso em: 30/05/2022.

convivência dialógica com outras inteligibilidades produzidas a partir de vivências e construções culturais diversas. (MAGALHÃES, 2014).

A questão não é abraçar um e odiar o outro, mas sim iniciar a caminhada de descoberta e aprendizagem científica a partir da cultura local, dos fatos experienciais folclóricos. Arrefecida a comunhão com a ciência do povo, arrefece-se a própria identidade do infante, do homem, do ser, da sociedade, da história.

Alguns pesquisadores atestam que:

uma das maiores contribuições de Wittgenstein à cultura contemporânea seja exatamente essa “desconstrução” de uma pretensa racionalidade universal, enormemente ancorada na ideia de categorias, que é não apenas idealista, mais arrogantemente etnocêntrica. (CONDÉ, 2004 CITADO POR MAGALHÃES, 2014, p. 58).

Ao passo que se estreitam relações e tipos de culturas, devemos estar atentos aos fenômenos de desapego cultural, ou aculturação, os quais são resultados de uma exacerbada valorização das epistemologias do norte³⁴. Nossa epistemologia folclórica deve ser evidenciada sem estereótipos, isenta de preconceitos, pois sua riqueza, valor e significância resultam de saberes construídos historicamente, sendo balizadores da cultura regional.

Nesta canoagem somos desconstrutores do fazer científico estruturado de olhar crítico, incisivo e preconceituoso, dos achismos ególatras, das validações ou rigores verificacionistas. Utilizamos a palavra desconstrução à luz do pensar de Bezerra (2016) citado por Carneiro (2020):

[...] todo pensamento é um construto, dessa forma, sujeito a falhas. Daí a inerência da noção de desconstrução sobre qualquer pensamento, que sempre apresenta fissuras, brechas, portanto, uma falsa homogeneidade. [...] A desconstrução pode ser pensada como uma prática de leitura e escrita, um modo de análise e crítica, que depende profundamente de uma interpretação da questão. Deve-se ter em mente, que ela não admite o pensamento dialético, trazendo sempre à tona uma possibilidade dentro de um mesmo ou não jogo de linguagem, com isso, desestruturando propostas tidas como claras, racionais e certas dentro de uma perspectiva estruturalista (BEZERRA, 2016, p. 31 CITADO POR CARNEIRO, 2020, p. 35).

Neste intento, lançamos o convite ao filósofo franco-magrebino Jacques Derrida³⁵ (1930 a 2004). Embarcando em nossa canoa filosófica nos apresenta

³⁴ Contraponto inspirado no livro “Epistemologias do Sul”. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) São Paulo; Editora Cortez. 2010.

³⁵ Jacques Derrida (El Biar, Argélia, 15 de julho de 1930 — Paris, 9 de outubro de 2004) foi um filósofo franco-magrebino que iniciou, durante os anos 1960, a Desconstrução em filosofia. Foi um dos pensadores mais influentes e controversos da segunda metade do século XX. Sua obra assinala um corte decisivo nos saberes científicos, artísticos e filosóficos, com implicações não menos significativas no campo dos estudos literários. Publicou, entre outros, Torres de babel e A escritura e a Diferença.

conceitos como desconstrução³⁶, rastros derridianos³⁷ e enxertia³⁸. Em Derrida somos conduzidos a assumir novas leituras do mundo e dos conceitos postos, prontos e indissolúveis, trazemos a existência realidades maiores, desconhecidas pela realidade comum, natural. O ato de ler de forma desconstrutiva é um ato libertador e constante, um potencial ininterrupto, soberano, desapegado das significações tradicionais, dos arquétipos impetrados. Esta leitura desconfigura as formas, trazendo a existência novas nuances, interpelações e constructos (MENESES, 2013).

A Desconstrução não é um projeto filosófico arbitrário de um autor. É antes o “princípio da ruína”, que faz parte de qualquer texto na sua letra, ou seja, ele age como um vírus inseminado para a origem e que desmonta qualquer “edição” textual ou institucional. Neste sentido, a desconstrução não é nem uma crítica nem uma crítica da crítica, ela não supera os textos que falam. Ela não é uma teoria, uma vez que não sai dos textos e não os desapruma, ela não é uma filosofia da filosofia. (MENESES, 2013, p. 184)

A desconstrução enquanto espectro conceitual e situacional não intenciona ferir, tratar de forma grosseira ou erradicar outras falas, mas apontar novos usos, novos fazeres, construções inteligíveis, desbancando unicidades interpretativas. Portanto, “assumimos a desconstrução como uma atitude metódica de pesquisa, que opera como uma ação de subverter significados privilegiados, de desmanchar, de ir além da clausura metafísica” (BEZERRA, 2016 CITADO POR CARNEIRO, 2020, p. 31).

No filosofar wittgensteiniano a linguagem fruto da ação promovida pela fala e/ou escrita abraça também formas de pensamento e ação. Nesta perspectiva a prática e a razão se interligam sustentando a linguagem. Esta discussão se coaduna com nossa investigação, pois, se de acordo com Wittgenstein não existe universalidade na linguagem, podemos confrontar a pretensão da existência de

(DERRIDA, 2002, p. 42).

³⁶ Por sua vez, o termo “desconstrução”, em um de seus aspectos usado por Derrida, é visto por Culler (1997) como uma estratégia que questiona as dualidades em oposições tradicionais da fala e da escritura que Derrida chama de clausura metafísica, não somente para inverter essas oposições, mas também para deslocá-las. Em síntese, o que a desconstrução almeja é uma “horizontalização” dos termos, abrindo o horizonte de sentidos, ao não permitir a centralização de imagens (MOURA, 2015, p. 09).

³⁷ “[...] No modo derridiano de dizer, não há significado essencial que se transfira idêntico de um antes para o agora. A iterabilidade consiste não na repetição de escrituras, mas na remissão a rastros de significações, ao constituir outras escrituras com significações diferentes, mesmo que guardem semelhanças de família” (MOURA, 2015, p.77).

³⁸ Derrida faz uso do termo “enxertia textual” analogamente às chamadas “enxertia vegetal” e “enxertia animal”. Diz Culler (1997, p. 155) que “ele trataria o discurso como o produto de vários tipos de combinações ou inserções. Explorando a iterabilidade da língua, sua capacidade de funcionar em novos contextos com nova força, um tratado sobre enxertia textual tentaria classificar vários modos de inserir um discurso em outro ou de intervir no discurso que se está interpretando” (MOURA, 2015, p. 24).

apenas um fazer ciência. (MAGALHÃES, 2014) “Para Wittgenstein existiriam diferentes formas de vida em que diferentes jogos de linguagem seriam utilizados conforme o contexto em que estão inseridos”. (MAGALHÃES, 2014)

Bezerra (2016) nos aponta sobre a importância da prática da terapia wittgensteiniana ao afirmar que esta:

[...] implica em não buscar uma essência, um único sentido da matemática escolar. Já com a prática da desconstrução, nós não simplesmente rejeitamos um sistema conceitual de significados, mas o problematizamos a partir de dentro, ao trazer para dentro possibilidades de significação que haviam sido deixadas fora do sistema, isto é, colocando lado a lado o reconhecido e o não reconhecido, o aceito e o rejeitado, ou seja, a matemática escolar e a matemática praticada fora da escola por diferentes grupos culturais. (BEZERRA, 2016, p. 30 - 31).

Wittgenstein utiliza a expressão formas de vida, conforme Magalhães (2014), apud Glock (1998), na intenção de destacar o “entrelaçamento entre cultura, visão de mundo e linguagem”. Quartieri (2012), apud Magalhães (2014), argumenta que “não se poderia dizer que existe uma única forma de vida, mas diferentes formas de vida com características de diferentes culturas e épocas”. Nesta perspectiva Wittgenstein destacaria “a existência de diferentes formas de vida em que diferentes jogos de linguagem são utilizados conforme o contexto em que estão inseridos”. MAGALHÃES (2014). Nesta mesma canoa argumentativa, Glock (1998), apud, Magalhães (2014), afirma que “uma forma de vida é uma formação cultural ou social, a totalidade das atividades comunitárias em que estão imersos os nossos jogos de linguagem”.

Miguel, Vilela e Moura (2010, p. 196), apud, Silva (2019), destaca que o divã terapêutico wittgensteiniano é instrumento necessário para se “conhecer as regras do jogo em que os enunciados são mobilizados para entender os seus significados, pois, potencialmente, há muitos significados possíveis”, desta forma, esta percepção nos permite dizer que descortinar temáticas significa propriamente “aprender a ver de outras maneiras” no inadiável anseio wittgensteiniano de flexibilizar olhares e pensamentos.

A ciência/matемática praticada em espaços formais é construída essencialmente pela linguagem escrita, mas estas ciências/matемáticas ribeirinha, cabocla, interiorana, assim como os jogos de linguagem em espaços não formais são percebidos e exercidos tendo suas significações alicerçadas nas práticas culturais. Este novo olhar que apresentamos, nas palavras de Magalhães (2014) “é o de

problematizar nessas práticas culturais como os jogos de linguagem se orientam as ações ao alcance dos objetivos dessas práticas”.

A canoa de Wittgenstein rema em direção aos usos de determinados jogos, buscando significar estes na sua prática cotidiana. Para Bezerra (2019) “Wittgenstein não estava preocupado em definir “o que é” uma determinada palavra ou conceito, mas “como” se dá seu uso nos diversos jogos de linguagem/práticas culturais”. Neste sentido, Magalhães (2014) enfatiza que “como não há uma essência para Wittgenstein, os significados das palavras se constituem e se transformam em seus usos em diferentes contextos, isto é, dependem do jogo de linguagem de que participam”.

Nossa preocupação, também não se estabelece em conceitualizações, não se pretende afirmar se isto, ou aquilo é comprovado cientificamente. Os conceitos derridianos ecoam pela mata nos levando não a apontar caminhos, na realidade - perder-se é o caminho! Este caminho é infinito, horizontalizado, e tudo o que temos são rastros, sombras, silhuetas, contornos que se posicionam ininterruptamente entre as luzes das certezas e o assombramento dos espectros, entre o estreitamento e o alargamento. Conforme Bezerra (2016, p. 22) estes rastros nos ajudam a:

Pensar a estrutura de significação em função do jogo das diferenças que supõe sínteses e remessas que impedem que um elemento esteja presente em si mesmo e remeta apenas a si mesmo. Tanto na ordem do discurso falado, quanto do discurso escrito, qualquer elemento, o qual, ele mesmo, não está simplesmente presente, ou seja, cada termo traz em si o “rastro de todos os outros termos que não ele próprio.

Não carecemos em provar a eficácia do chá, do lambedor, a eficácia da previsão da estiagem ou do inverno observando a posição da lua, ou o comportamento de alguns insetos. A formação escolarizada dos atores sociais não é fator preponderante para valoração do seu saber, mas sim seu uso, mas sim a tradução destes saberes tendo como sustentáculo sua práxis na realidade cultural.

[...] esperamos que a pesquisa possibilite outros olhares capazes de articular as diversas Matemáticas, possibilitando que outras investigações se façam nos rastros dessa, em outras culturas tidas como ‘dominadas’ e que nos permitam dizer no sentido Wittgensteiniano ‘não pense, veja!’, ou seja, problematize o diferente, vamos ouvi-lo. Não pense, veja! Transporta-nos ao divã do pensamento wittgensteiniano a eliminar a visão metafísica da linguagem em especial (linguagem matemática), mostrando ser possível olhar através de seus diversos usos”. (CASTRO 2019, p.120).

Nesta canoa na companhia de Wittgenstein e Derrida enquanto remamos, observamos sem julgamentos, observamos com olhar desprendido, praticamos a

contemplação desarraigada de evidências chanceladas por epistemologias formais, vamos interiorizando saberes, fazeres, práticas, culturas, significações, jogos, cosmogonias, canções, olhares, suspiros, sorrisos. Esta desconstrução esfacela nosso eu e constrói abraços, simples e profundamente, abraços.

7 PERCORRENDO OS USOS E SIGNIFICADOS DOS SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS MOBILIZADOS EM CENAS FICCIONAIS

O homem da Amazônia é um herói, um forte, sob todos os pontos de vista. Na trama de seu biotipo, na amálgama de seu tipo, na mestiçagem de seu todo, ele traz qualidades admiráveis de inteligência, de valor para construir uma grande civilização no ambiente de que dispõe (ARAÚJO, 1956, p. 74).

Nesta seção, buscar-se-á descrever algumas práticas culturais mobilizadas por sujeitos que carregam em sua história saberes/fazerens ribeirinhos em momento de diálogo e escuta. Contemplaremos nas falas destes sujeitos de nossa pesquisa, essas outras ciências/matемáticas problematizadas no cotidiano, carregadas de usos/significados. A constituição dos jogos de cena enxertados³⁹ no corpus deste texto foi realizada a partir dos registros, gravações em áudio e encontros (in)formais com moradores da comunidade Floresta do Acre esparramando-se para entes de outras comunidades ribeirinhas.

Ressaltamos que as falas aqui evidenciadas são recortes intencionais destes momentos de diálogo e escuta. Estas falas *não são falas irrealis ou imaginárias, criadas de qualquer forma e sem nenhum embasamento pelo pesquisador. São falas que se situam nos rastros⁴⁰ de outros textos, nos rastros de falas reais, nos rastros do pesquisador (OLIVEIRA, 2019, p.107).* Nossos personagens⁴¹ adquirem nomes

³⁹ [...] Derrida faz uso do termo “enxertia textual” analogamente às chamadas “enxertia vegetal” e “enxertia animal”. Diz Culler (1997, p. 155) que “ele trataria o discurso como o produto de vários tipos de combinações ou inserções. Explorando a iterabilidade da língua, sua capacidade de funcionar em novos contextos com nova força, um tratado sobre enxertia textual tentaria classificar vários modos de inserir um discurso em outro ou de intervir no discurso que se está interpretando” (MOURA, 2015, p. 24).

⁴⁰ Nas palavras de Bezerra (2016, p. 194), Derrida passa a utilizar o termo rastro ao perceber que não há significado em si, também não há significante, uma vez que o significante só o é o que é segundo o lugar que ocupa numa cadeia de diferenças, ou seja, cada “significante”, cada palavra, cada termo, numa frase, num discurso traz o rastro de todos os outros, em que o “rastro é verdadeiramente a origem absoluta do sentido em geral. O que vem afirmar, mais uma vez, que não há origem do sentido em geral” (DERRIDA, 2008, p. 79-80). Sendo assim, para Derrida, só há remetimentos, rastros dos rastros... Dessa forma, poder-se-ia dizer que a escritura é o transbordamento do conceito de linguagem, e é transbordamento porque é jogo. E tal jogo é um jogo de diferenças, não entre coisas, mas entre rastros e o “advento da escritura é o advento do jogo” (DERRIDA, 2008, p.08 citado por OLIVEIRA, 2019, p.31).

⁴¹ Na sessão de terapia, tais personagens - efetivos ou remotos - são e não são eles próprios. São, porque, de fato, são as suas falas efetivas textualizadas que fornecem a substância e o substrato para a produção de meu próprio jogo de cena. Não são, porque, de certo modo, quando falam, falam através de minha fala, dos modos como eu recrio e trans-crio as suas falas, mesmo quando - mobilizando-as fragmentariamente no texto produzido - eu as cite literalmente (MIGUEL, 2011, p. 274 CITADO POR OLIVEIRA, 2019, p. 56).

fictícios, trazem histórias que saem do coração, contam seus dias, seus passados, suas esperanças, uma coleção de memórias, heranças familiares abstradas, concretizadas no existir.

De acordo com Bezerra (2016) “um diálogo uma vez acontecido não é possível reproduzi-lo de modo idêntico, nas condições, em que aconteceu, só é possível encená-lo nos rastros de seus significados”. Nestes diálogos somos ensinados, somos convidados a banhar-se nas águas da história, entramos em histórias descronológicas, valores e vivências que teimam em presentificar-se.

Nessas conversas apresentamos nosso intento que é o de investigar e contemplar estes saberes por meio destas falas, além de dar voz a estes sujeitos, desejamos que eles sintam orgulho e honra em olhar para estes conhecimentos, em ressignificarem suas histórias, são estrelas que precisam ser vislumbradas pelas novas gerações, são histórias que precisam lutar contra o arrefecimento e o esquecimento, são ontologias que precisam ser fincadas nos espaços escolares, são o que são.

7.1 CENA 3: PRÁTICAS CULTURAIS MOBILIZADAS NA OBSERVAÇÃO DOS ASTROS PARA DEFINIR AS ESTAÇÕES INVERNO E VERÃO

A cena ficcional abaixo descreve um diálogo realizado entre o **PESQUISADOR** e o **Sr. VALDECI** (denominado desta forma fictícia com vistas a preservar sua imagem), morador de uma comunidade na cidade de Sena Madureira/AC. Nesta conversa vamos falar sobre a arte da observação dos astros, neste caso a lua, para definir se o verão será prolongado, ou curto.

Em um lindo final de tarde, estávamos Sr. Valdeci e eu, as margens do Lago Novo, um ponto turístico na cidade de Boca do Acre. Ele nasceu em Sena Madureira, mudou-se para Boca do Acre com vistas a melhorar de vida, mas logo retornou para sua terra natal, mas desta vez procurando morar em uma comunidade dista 04 horas de canoa do município acreano. Nesta oportunidade, Sr. Valdeci veio visitar a família e claro participar do casamento de sua neta que já não via algum tempo. Contemplando a beleza do lugar e observando também os profissionais ornamentando o local no estilo “rustico”. Enquanto aguardávamos o início do ensaio para cerimônia de casamento de sua neta, comecei a puxar conversa, pois o conhecia

já alguns anos.

PESQUISADOR – Boa tarde Seu Valdeci, tudo na paz?

Sr. VALDECI – **(Com um simpático sorriso)** Opa pastor! Tudo bem e o Senhor?

PESQUISADOR – Está feliz com o casamento da neta?

Sr. VALDECI – Feliz demais pastor, vim só pra esse momento.

PESQUISADOR – Voltou pra Sena Madureira Seu Valdeci?

Sr. VALDECI – Sim! – mas não estou em Sena não, tô numa colocação⁴² que fica lá perto.

PESQUISADOR – E o senhor gosta de lá?

Sr. VALDECI – Ah pastor lá é bom demais sabe? Tranquilo, não tem barulho de nada. Eu tô morando com um casal que eu conheci lá mesmo.

PESQUISADOR – Ah! Eu pensava que o senhor estava morando com sua filha.

Sr. VALDECI – Não senhor! Ela fica em Sena mesmo, mas pra mim lá é melhor, me sinto mais a vontade, me sinto bem.

PESQUISADOR – Poxa Seu Valdeci, fico feliz pelo senhor. Seu Valdeci, vai dar certinho (fiquei feliz no momento porque o fato dele morar em uma comunidade poderia me apresentar algum “saber ribeirinho” e claro, não iria deixar escapar esta oportunidade). Sabe Seu Valdeci, eu estou escrevendo um trabalho que fala dos saberes do povo do interior. Sabe aqueles conhecimentos dos antigos, que eles usavam para pescar, pra saber os tempos, pra caçar, pra fazer chá, lambedor.

Sr. VALDECI – A gente usava muitos, na minha época tinha muitos mais agora não me lembro mais. Era a experiência dos antigos.

PESQUISADOR – Mas o senhor lembra de alguma? Alguma experiência dessas que marcou sua infância?

Sr. VALDECI – Rapaz, eu me lembro da experiência da lua sabe.

PESQUISADOR – Da lua Seu Valdeci? Como era essa experiência da lua?

Sr. VALDECI – Quando a gente queria saber se o verão ia ser longo a gente no mês de setembro olha para onde a lua está aprumada⁴³. Nos ciclos da lua a gente

⁴² Termo ribeirinho utilizado para se referir a um local habitado por um número menor de famílias, que possui área florestal pouco explorada. Um local afastado da zona urbana e de outras comunidades ribeirinhas com potencial de tornar-se futuramente uma comunidade.

⁴³ No linguajar ribeirinho “a lua está aprumada” se refere a lua minguante.

olha para onde está apumada a pontinha dela.

PESQUISADOR – Que interessante! Então olhando para a ponta da lua a gente vai saber se o verão é curto ou longo?

Sr. VALDECI – Isso mesmo. Se a ponta dela estiver apumada para o sul o verão vai ser bom. Essa é uma boa experiência.

PESQUISADOR – O senhor aprendeu com quem?

Sr. VALDECI – Eu aprendi com meus pais e com meus tios. Aprendi no seringal com meus antigos parentes.

PESQUISADOR – Mas sempre dava certo?

Sr. VALDECI – Dava não. Dá certo.

PESQUISADOR – Mas o senhor sempre faz essa experiência?

Sr. VALDECI – Um dia desses eu tava pesquisando, olhando e observei que ela tava inclinada para o sul, e esse verão vai continuar para o mês de outubro.

PESQUISADOR – O senhor está lembrado de alguma outra experiência?

Sr. VALDECI – Não pastor, agora para o momento não. Mas essa da lua é muito boa e dá certo.

PESQUISADOR – Seu Valdeci que bacana! Muito obrigado viu pela conversa. Faça uma excelente viagem de retorno. Espero que tudo dê certo lá na colocação onde o senhor se encontra agora. Sucesso!

7.2 CENA 4: PRÁTICAS CULTURAIS MOBILIZADAS NA OBSERVAÇÃO DO CLIMA PARA DEFINIR A INTENSIDADE DAS CHEIAS, DAS CHUVAS, DO INVERNO E VERÃO.

A próxima cena ficcional será entre o Pesquisador e a dona Júlia (nome ficcional), o diálogo ocorreu no final da tarde de sábado. Dona Júlia é moradora da Comunidade Floresta do Acre, estávamos nos preparando para participar de um culto evangélico na comunidade que acontece todos os sábados. A cena ficcional aconteceu na casa do pastor da igreja que nos convidou para o culto.

Dona Júlia chegou bem cedo e adentrando a cozinha nos cumprimentamos, ao olhar para dona Júlia percebi que poderia descobrir em suas falas saberes/fazer importantes para nossa contemplação e valoração. Nossa conversa discorreu sem roteiros definidos e gerou cenários e espectros riquíssimos em relação a estes

saberes tradicionais não reconhecidos academicamente. Nesta cena eu serei denominado como Pesquisador e nossa entrevistada como Dona Júlia.

PESQUISADOR (Com um largo sorriso no rosto) – Boa noite! Paz do Senhor minha irmã, tudo bem com a senhora?

DONA JÚLIA (Com um sorriso tímido) – Paz do Senhor pastor! Tudo bem graças a Deus. Ainda bem que agora dá pra vir de canoa, o rio tá bem cheio, fica mais fácil a gente chegar.

PESQUISADOR (Ansioso para aprofundar a conversa) – Irmã Júlia, quanto anos tem que a senhora mora aqui na comunidade?

DONA JÚLIA (Colocando a mão na cabeça) – Ah! já tem mais de vinte e três anos que moro aqui. Faz muito tempo, minha filha mais nova nasceu aqui e ela já tem mais de dezenove anos. Faz muito tempo que sou moradora deste lugar. Eu gosto tanto daqui.

PESQUISADOR (Aproveitando o embalo da conversa) – Dona Júlia, deixe lhe perguntar uma coisa – a senhora lembra daquelas experiências dos antigos, aqueles conhecimentos e saberes tradicionais que nossos avós nos ensinavam sobre a observação da lua, o calendário agrícola, a fabricação de lambedor, entre outros?

DONA JÚLIA (Com um leve sorriso) – Ah pastor, a gente sabe de muita coisa, mas vai passando o tempo e a gente vai esquecendo, eu nesses dias estou muito esquecida, mas a gente pode lembrar de algumas coisas sim.

PESQUISADOR (Na tentativa de resgatar memórias) – Me diga como é que vocês faziam para saber se naquele ano teria uma grande cheia. Eu ouvi falar que tinha uma experiência com pedras de sal que os antigos usavam.

DONA JÚLIA (Balançando a cabeça afirmativamente) – Sim! Tem essa experiência mesmo! Eu faço todos os anos.

PESQUISADOR (Interrompe admirado) – Sério dona Júlia? Poxa que legal e como a senhora faz? Porque me contaram que a gente coloca três pedras de sal no sereno⁴⁴, no dia de Santa Luzia.

DONA JÚLIA (Corta e fala) – No sereno não! A gente não coloca no sereno, bem... Pelo menos a que eu faço a gente não coloca no sereno. Eu faço assim - coloco doze pedras de sal, uma para cada mês do ano, e deixo em um lugar onde não possa

⁴⁴ No linguajar ribeirinho é um fenômeno que ocorre devido o resfriamento noturno, causando a saturação do ar e formando pequenas gotas de água em cima de qualquer objeto.

ter contato com a umidade. Aquelas que tiverem com tamanho reduzido, é porque naquele mês vai ter muita água. Se ela se esparramar para a pedra ao lado é porque um mês vai entregar água para o outro.

PESQUISADOR (Fala com admiração) - Ah! então a senhora não coloca apenas três pedras, mas doze pedras de sal. Então se a segunda pedra que representa fevereiro se esparramar em direção a terceira pedra é porque fevereiro vai entregar água para o mês de março.

DONA JÚLIA – Isso mesmo! E se aquela pedra ao derreter não se esparramar em direção a outra pedra, então já sei que a enchente será apenas naquele mês mesmo e que vai durar pouco tempo. Eu lhe digo com toda certeza, porque eu faço essa experiência e sempre dá certo até hoje.

PESQUISADOR (Com um largo sorriso) – E pra saber se vai chover muito dona Júlia, tinha alguma experiência?

DONA JÚLIA – Tem sim! A gente faz o seguinte. A gente observa os doze primeiros dias de janeiro. Por exemplo, se chover muito no terceiro dia, a gente já saber que março será um mês de muita chuva. Se chover pouco no quinto dia, a gente já sabe que maio terá pouca chuva. Se dê uma chuva rápida no sétimo dia, mês de julho chove, mas chuva rápida.

PESQUISADOR (Já emendando outra pergunta) – E pra saber se vai fazer frio, se vai dar uma friagem⁴⁵?

DONA JÚLIA – A mesma experiência serve para tudo. Serve pra saber se vai chover muito ou pouco, serve pra saber se vai ter uma grande estiagem⁴⁶, porque se fizer um sol bem forte no sexto dia de janeiro a gente sabe que em junho vai ter uma grande estiagem, o verão vai ser bem forte. Serve pra saber se vai dar uma friagem, se oitavo dia de janeiro for um dia com cara de frio, a gente sabe também que agosto vai fazer frio. Se chover muito os quatro primeiros dias a gente sabe que vai ter muita água, o rio vai encher bem, e aí a gente sabe que vai ser um ano de muito peixe também. Então essa experiência de observar os primeiros doze dias de janeiro ajuda a gente para o ano todo.

⁴⁵ Na Amazônia, a entrada do ar frio é conhecida como friagem.

⁴⁶ No linguajar ribeirinho refere-se a um longo período de verão, com temperaturas elevadas e muita seca.

PESQUISADOR (Com um largo sorriso e muito admirado) – Bom! Tem essa maneira de saber sobre o frio, a estiagem, a enchente, o verão, mas quais outros sinais que a natureza nos dá e que nos ajuda a fazer essas previsões?

DONA JÚLIA (Colocando a mão no queixo e olhando para cima, tentando lembrar de algo a mais) – Olha! Eu sei que meu velho pai me dizia que quando você ver muita formiga da roça⁴⁷, aquelas que andam em fila (risos), diz que é ano de muita chuva. Quando a gente vê muito percevejo⁴⁸ também, vai dar muita água. Mamãe falava também que quando dava muita manga, podia esperar que vinha muita água no ano seguinte.

PESQUISADOR – E na sua infância tinha algum saber ou lenda que lhe chamava mais atenção?

DONA JÚLIA (Pensa por um pequeno instante e responde) - Tinha a história da Rasga Mortalha⁴⁹, meus pais diziam que era um pássaro que trazia notícia ruim. Quando ele passava de noite pelo telhado da casa e fazia um grunhido esquisito, chega deixava a gente todo arrepiado, diziam que alguma coisa ruim iria acontecer, alguma notícia mal ia chegar. Ai a gente muito pequeno ficava com medo, mas acho que era só lenda mesmo (risos).

PESQUISADOR (Estendendo a mão em gratidão) – Dona Júlia a senhora tem muita história hein!

DONA JÚLIA (Sorrindo alegremente) – Ah pastor! Tem muita coisa ainda, é porque o tempo vai passando e a gente vai se esquecendo, mas são memórias importantes, e hoje o pessoal não se interessa mais por essas coisas, mas essas experiências faziam parte da nossa infância, nossos pais ensinavam pra gente quando nos levavam para a mata, para caçar ou pescar, quando a gente ia para o roçado. Agora ninguém fala mais sobre essas coisas. Mas é importante a gente resgatar isso tudo.

⁴⁷ Chamam-se saúvas as formigas-cortadeiras no Brasil, especialmente aquelas maiores do gênero Atta, insetos da família dos formicídeos. [...] São chamadas ainda, entre outros nomes, de saúba, formiga-cortadeira, formiga-carregadeira, formiga-de-mandioca, formiga-cabeçuda, formiga-de-roça[...]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sa%C3%BAva>. Acesso em: 13 de abril de 2022.

⁴⁸ O percevejo é qualquer membro da ordem dos insetos Heteroptera, que compreende os chamados insetos verdadeiros. Este grande grupo de insetos, composto por mais de 40.000 espécies, pode ser reconhecido por um desenho em forma de X no dorso, que é formado pelas asas em repouso. Disponível em: <https://fsm2009amazonia.org.br/percevejo/>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

⁴⁹ A Rasga-Mortalha é uma espécie de coruja da Amazônia, de voo baixo, que passa crocitando pelos ares. O povo do interior tem pavor de seu grito agourento, tido como aviso de que alguém vai morrer. Disponível em: <http://www.institutosilviomeira.net.br/a-rasga-mortalha-e-o-passaro-roca-entre-o-medo-e-a-fantasia/>. Acesso em: 13 de abril de 2022.

PESQUISADOR (Já próximo da hora de começar o evento religioso, tivemos que encerrar nossa conversa) – Dona Júlia, fico muito grato e muito feliz com nossa conversa, foi muito gostosa e agradável, aprendi muita coisa hoje. Ah! e agora vou começar a observar os doze primeiros dias de janeiro (risos). Muito obrigado! Deus lhe abençoe.

7.3 CENA 5: PRÁTICAS CULTURAIS MOBILIZADAS NA PRODUÇÃO DO LAMBEDOR

Esta cena ficcional ocorreu na casa da Sra. Maria Socorro Mustafa de Azevedo, nasceu na comunidade Nova Vida e durante 39 anos vem produzindo lambedor. O lambedor é um tipo de medicamento muito utilizado pelo povo ribeirinho, podendo em sua composição conter diversas ervas e utilizado para combater doenças que afetam o aparelho respiratório, entre outras. Nesta cena estarei denominado como pesquisador e nossa entrevistada como Dona Maria (nome ficcional). Em nosso diálogo as palavras “lambedor”, as plantas e ervas e outros insumos naturais utilizadas na confecção deste medicamento natural serão descritas em fonte Arial 12 estilo itálico.

Em uma tarde de quinta-feira no mês de fevereiro, Dona Maria Socorro me recebeu em sua residência, com um sorriso alegre e cativante me convidou a entrar e sentar no sofá da sala. Ao sentar expliquei a Dona Maria a intenção da nossa conversa que era de evidenciar e dar destaque a este método partícipe do cuidar ribeirinho conhecido como “Lambedor”. No ato, pedi permissão para registrar em áudio nossa conversa, pois não queria perder nenhum detalhe, além claro de desejar registrar as receitas de “ouro” utilizadas na fabricação deste medicamento tradicional. Em um clima de bastante cordialidade iniciamos nossa conversa.

PESQUISADOR (Com um largo sorriso, inicia a conversa) – Dona Maria, boa tarde! Tudo bem com a senhora? Olha, quero lhe agradecer por nos ceder essa conversa, muito obrigado mesmo.

DONA MARIA (Com sorriso tímido) – Boa tarde! Tá tudo bem graças a Deus.

PESQUISADOR (Direto ao assunto) – Dona Maria, me diga o que é um

lambedor, porque muita gente não sabe o que significa e nem para que serve. O que é um *lambedor*?

DONA MARIA (Sem titubear responde) – Lambedor é um remédio que a gente cura gripe. Serve pra gripe, para pneumonia porque na composição dela tem o *cupim*, serve pra bronquite, porque as plantas que eu coloco no lambedor também cura bronquite, limpa, tira aquela secreção toda pra fora.

PESQUISADOR – Há quanto anos que senhora faz lambedor?

DONA MARIA – Desde de 1983, o pessoal do Acre que ensinou a gente, foi o seu Roberto da Pastoral da Saúde⁵⁰, nos ensinou muitos remédios caseiros.

PESQUISADOR – Dona Maria, na sua infância, como fazia para curar a gripe, até porque como a senhora morava na comunidade Nova Vida, ficava mais complicado vir para o hospital, como vocês faziam para curar a gripe ou um resfriado muito forte?

DONA MARIA (Falando de forma lenta mas precisa) – A gente fazia o chá de *limão* com *xicória* e *alho* e tomava com um comprimido, uma cibalena, um melhoral, naquele tempo que existia né... ai sarava da gripe, a mãe da gente fazia lambedor também.

PESQUISADOR (Neste trecho, procuro suscitar a (im)possível existência de medicamentos para cura de picadas de animais peçonhentos) – Dona Maria, me diga uma coisa, naquela época era muito comum uma pessoa ser picada por uma cobra, e as vezes não dava tempo de chegar ao hospital. Então como vocês faziam para tratar aquela picada?

DONA MARIA – Lembro que eles utilizavam a *surucuína*⁵¹ né, uma batata que tirava da terra. A gente ralava aquela batata, tirava a massa, a gente misturava uma

⁵⁰ Pastoral da Saúde é um organismo de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, vinculada à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. A Pastoral da Saúde, de acordo com as diretrizes da CNBB, é a ação evangelizadora "de todo o povo de Deus, comprometido a defender, promover, preservar, cuidar e celebrar a vida, tornando presente na sociedade de alguns tempos hoje a missão libertadora de Cristo no mundo da saúde". Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pastoral_da_Sa%C3%BAde. Acesso em: 15/03/2022.

⁵¹ Essa planta é atualmente uma das grandes riquezas amazônicas. Na Reserva Extrativista Chico Mendes, no Sul do Acre, ela é encontrada em abundância. A *surucuína* e outras 160 espécies de plantas consideradas medicinais pelos seringueiros da reserva foram estudadas e catalogadas pelo engenheiro agrônomo Lin Chau Ming, do Departamento de Horticultura da Faculdade de Ciências Agrônomas do campus de Botucatu (SP). Ming passou um mês do ano pesquisando as plantas, morando com os nativos e se submetendo a toda sorte de aventuras. O trabalho fez parte de sua dissertação de doutorado defendida no final de 1995 no Instituto de Biociência de Botucatu. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/indios-usam-tuberculo-contra-picada-de-cobra-na-amazonia>. Acesso em: 16 de maio de 2022.

colherada daquela goma na água e dava pra pessoa beber e ficava bom, era um contraveneno.

PESQUISADOR (Retornando ao assunto sobre lambedor) – Dona Maria, o *lambedor* que a senhora faz serve para que tipo de doença?

DONA MARIA (Faz uma pequena pausa e responde) – Olha! Minha receita é uma só. Por exemplo, a pessoa tem bronquite, então eu já coloco as plantas que servem para curar bronquite. A pessoa tem pneumonia, ai na minha infância falava que era bom o chá do *cupim*.

PESQUISADOR (Interrompendo e perguntando admirado) – Chá do *cupim*, com os bichinho e tudo? (risos)

DONA MARIA – Sim! Com bichinho e tudo. Ai aproveito e coloco no xarope também o *cupim* pra curar a pneumonia. Uso também o *agrião*, que serve pra bronquite, 200 gramas de *agrião*, 200 gramas de *mastruz* e 200 gramas de *flor de mamão macho*, ai tudo isso eu já ponho no meu xarope, porque quando a pessoa tomar já serve pra tudo, pra gripe, pra bronquite, pra pneumonia.

PESQUISADOR (Aproveito para perguntar sobre outras mazelas) – Dona Maria eu sofri muito com asma na minha adolescência, o que a senhora faz para combater a asma?

DONA MARIA – O da asma é o lambedor só do *limão*. É assim – a gente pega 1 *limão*, tira a água dele e põe numa panelinha né, aí põe 2 colher de açúcar e faz aquele lambedor bem rapidinho, ai toma, acabou toma de novo, toma até a pessoa vomitar, porque a asma, a tosse é tudo uma baba que dá na gente, quando a gente joga aquilo fora fica bonzinho.

PESQUISADOR (Intigando outra mazela, pergunta) - E pra anemia Dona Maria, o que a senhora usa?

DONA MARIA (Faz uma leve pausa e responde) – É... o *jenipapo* né, a gente faz o *lambedor* do *jenipapo*, faz o suco também pra tomar, outros falam da *raiz da tiririca*⁵² e do *açaí* que é bom pra anemia também, esses eram os remédios caseiros.

PESQUISADOR – Dona Maria, ensine pra gente a receita do tipo de *lambedor* que a senhora mais usa. A senhora poderia ensinar o passo a passo, os tipos de

⁵² A tiririca é uma planta comestível. No meio das raízes dela, se formam pequenas bolinhas pretas – os tubérculos, a partir dos quais surgem novas tiriricas. Disponível em: <https://www.leetdoc.com.br/tiririca/>. Acesso em: 16/05/2022.

plantas, a quantidade, a senhora poderia nos ensinar?

DONA MARIA (Faz uma leve pausa, acompanhada de um sorriso) – Pois é... as plantas que eu uso são o *eucalipto*, *alfavaca*, *sabugueiro*. Eu uso as plantas que são antibióticos, a *meracilina*, *tetraciclina* e *penicilina*, ponho no xarope. Eu coloco também as ervas que servem como calmante, que é o *capim-santo*, *erva-cidreira*, a *novalgina* que serve para acalmar e para febre e dor, uso a planta do *anador*, tudo eu tenho essas plantas, eu tenho aqui no meu quintal e pego lá na comunidade Nova Vida também, minhas irmãs plantam e aquela que eu não tenho aqui, eu mando buscar lá.

PESQUISADOR – Quantas miligramas a senhora utiliza para cada erva dessa?

DONA MARIA – Eu não faço muita medição não, é uma base de 100 miligrama, mas eu não meço não. (continua citando os ingredientes...) Pra tosse eu coloco a *casca da manga*, o *agrião* e o *angico*, porque o angico é uma casca também. A gente usa a *flor do mamão macho*, a *palma da Índia*, que serve pra bronquite. Coloco também o *jucá* e peço a Deus que cure as pessoas e que abençoe aquele remédio.

PESQUISADOR – A senhora utiliza quantos litros de água?

DONA MARIA – A gente coloca 15 litros de água num panelão e para cada litro de água eu coloco 1 quilo de açúcar. É... eu ponho pra ferver tudo junto, as vezes demora 1 dia, aí... deixo esfriar. Depois de esfriar eu vou coar aquela fervura pra poder apurar e colocar o açúcar. Pra não ficar muito doce, arripunando, eu coloco ervas amargas, eu coloco *boldo* e a *carqueja* que serve até pra quem tem açúcar no sangue. Eu coloco de novo pra ferver, e fico apurando, coloco também 1 litro ou 2 de água de limão, aí vou apurando até ficar com aquela consistência grossa de mel, depois disso tá pronto pra guardar. Eu coloco naquelas garrafinha “pichulinha”, aquelas garrafinhas pequenas ou então naquelas de 2 litros e vendo.

PESQUISADOR – E qual a maneira certa de tomar esse lambedor Dona Maria?

DONA MARIA – Tem que tomar uma colherada de sopa 3 a 4 vezes ao dia o adulto. A criança pode tomar de 3 a 4 vezes a colherzinha de chá.

PESQUISADOR – Dona Maria, agora não fico mais gripado (risos)... já sei fazer um lambedor, está faltando apenas as ervas (risos)... Muito obrigado por essa conversa tão gostosa, aprendi muito com a senhora e parabéns por carregar este saber tão rico. Muito obrigado!

7.4 CENA 6: PRÁTICAS CULTURAIS MOBILIZADAS PELO ROÇADOR PARA PREPARAÇÃO DO ROÇADO

A seguinte cena ficcional, objetiva vislumbrar a prática agrícola muito utilizada entre os ribeirinhos e homem do campo chamada de “roçado”. Nesta conversa vamos descobrir o que é um roçado, como se faz um roçado, o que podemos plantar em um roçado. Neste diálogo, teremos a participação dos personagens fictícios: Sr. Margarido nos revelando sua experiência com a prática do roçado, da Prof^a. Lena que trará uma breve discussão sobre o perigo da utilização dos agrotóxicos na plantação do roçado eu como Pesquisador.

Era uma noite de sábado, o jantar estava sendo servido, uma deliciosa sopa. Estava presente boa parte da comunidade Floresta do Acre, pois o jantar foi servido após um evento religioso protestante, e como de costume na comunidade, todos se reúnem após o culto na casa do pastor. O senso de amizade, coletividade, companheirismo, sinergia é empolgante, todos se reúnem entre conversas, abraços e sorrisos. Neste momento convido para uma conversa (in)formal o Sr. Margarido, um dos líderes da igreja e morador da comunidade. Filho de um dos primeiros moradores da Floresta do Acre, traz em sua história o ser e o fazer do homem ribeirinho. As águas do rio acre estavam cheias, mas com sinais de vazante, anunciando o término das chuvas e a chegada do verão. Enquanto os moradores degustavam a sopa, servida ao lado da casa do pastor, o Sr. Margarido e eu iniciávamos uma descontraída conversa. Não poderia perder a oportunidade de suscitar os saberes personificados ali na minha frente. Mesmo sem roteiro pré-definido, iniciei a conversa trazendo a palavra “roçado” como âncora inicial.

PESQUISADOR (Iniciando a conversa com um largo sorriso) – Irmão Margarido, como vai a família?

MARGARIDO (Com um singelo sorriso) – Tudo bem graças a Deus! Todo mundo com saúde, isso é o que importa né.

PESQUISADOR – Quantos anos o senhor já mora aqui na Floresta do Acre?

MARGARIDO (Faz uma breve pausa) É... já faz tempo, eu nasci e me criei praticamente aqui, hoje tenho 45 anos, nasci na realidade na comunidade Tambaqui, um igarapé que fica a uma hora e meia daqui. Mas morando mesmo aqui já faz uns

15 anos. Eu sempre morei no interior, vim pra cá porque lá no Tambaqui⁵³ não tinha escola para os meus filhos, eu não queria que eles parassem de estudar, ai eu vim pra cá com minha família por causa da escola.

PESQUISADOR – Seu Margarido, eu estou fazendo uma pesquisa, sobre os saberes/fazeres ribeirinhos, e gostaria de falar sobre o roçado⁵⁴.

MARGARIDO (Com um leve sorriso, interrompe e fala) – Ah! Sobre roçado eu entendo muito, trabalhei muito tempo no roçado eu e minha família. Na verdade o que a gente mais faz no interior é trabalhar no roçado, faz parte da nossa vida, quem mora no interior tem que trabalhar no roçado.

PESQUISADOR (Com um largo sorriso e bastante motivado) – Ótimo! O senhor vai me ajudar bastante... (risos). Seu Margarido – o que é um roçado?

MARGARIDO – Hoje em dia, quase as pessoas não dão muito valor, mas o roçado era nosso meio de vida... fazer um roçado, plantar e colher pra vender pra sobreviver, a gente sobrevivia disso, hoje em dia tem outros meios de ganho que o governo dá, mas antes não a gente tinha que plantar, tinha que depender do roçado para viver, do roçado a gente tirava tudo, plantava o arroz né... na época da gente plantar o arroz a gente começava a brocar praticamente em junho, ai pra queimar em setembro e plantar em outubro.

PESQUISADOR – Seu Margarido, tem um tamanho ideal de roçado?

MARGARIDO – Cada produtor que escolhia o tamanho de acordo com o que ia plantar, a gente fazia um multirão, cada um da comunidade ia trabalhar para outro morador, ai quando chegava a nossa vez de plantar, aquele que a gente ajudou vinha pra ajudar a gente, não usava dinheiro, a gente retribuía aquele dia de trabalho, trabalhando no roçado do outro.

PESQUISADOR – O que mais se planta aqui na comunidade Floresta do Acre?

MARGARIDO – O que mais se planta aqui é o milho, a roça... a roça aqui que a gente chama é a macaxeira, hoje em dia pouca gente planta, mais ainda planta o

⁵³ Comunidade ribeirinha localizada a margem direita do rio Acre no município de Boca do Acre. O nome da comunidade faz referência a um peixe muito conhecido e consumido na região.

⁵⁴ Cultivos em quintais, geralmente utilizados para o consumo da própria família. Os roçados, além de atender a subsistência, podem desempenhar papel importantíssimo na geração da renda familiar. A produção deste cultivo de subsistência não tem notoriedade nas estatísticas oficiais da economia local, embora de forma evidente o consumo em família e a mão-de-obra empregada neste processo representem importante investimento na economia doméstica e nos espaços ribeirinhos. (DONATTI, SCUDELLER, 2011).

arroz, planta também feijão de praia.

PESQUISADOR – Como vocês fazem para medir... é porque dependendo do que se vai plantar, tem que ter uma determinada distância de uma cova para outra né? E como vocês fazer para medir essa distância entre essas covas?

MARGARIDO – É na roça a gente chama de cova mesmo... a gente não chega a medir né, mas se baseia no pisado do pé da gente, na passada da gente, que dá tipo 1 metro de um pé para o outro, ai a gente sabe que tá bom. A gente usa essa medida para o milho também, uma passada de um pé para o outro. Pra plantar o milho a gente usa a carreira também, de uma carreira para a outra tem que ser mais larga, tem que ser mais ou menos 2 metros, pra ele dá bom, pra dá as espigas grande. Se a gente plantar o pé muito perto do outro fica muito pequeno o milho, fica um milho mais bonito... isso serve tanto pro milho, quanto pra roça.

PESQUISADOR – Me diga uma coisa... a gente sempre escuta falar que para plantar é preciso observar a lua, as pessoas falam – não planta na lua minguante porque se não a plantação não vai prestar – tem que plantar na lua crescente, na lua cheia... realmente tem essa “interferência” da lua na plantação? (risos)

MARGARIDO (Sorrindo, coloca a mão no queixo) – Os antigos sempre tem esse mistério né... hoje em dia quase a gente não se importa com essas coisas, as pessoas tinha isso, por exemplo, quando a gente ia fazer o roçado pra alguém, dizia que a gente não podia começar um roçado dia de segunda feira, porque se não, não dava certo... (risos), acho que é ilusão dos antigos.

PESQUISADOR – Quanto tempo demora pra limpar um roçado?

MARGARIDO – Se for no machado é uns 15 dias, isso se for um alqueire...

PESQUISADOR (Corta e pergunta) - Roçar um alqueire e deixar a terra pronta pra plantar e como é que a gente faz isso, qual o passo a passo?

MARGARIDO – A gente roça a terra, limpa o mato menor, espera uns 10 dias para poder derrubar as árvores maiores... ai a gente tem que esperar mais ou menos 1 mês que é pra secar bem pra poder botar fogo.

PESQUISADOR (Interrompe e pergunta) – Como faz pra não incendiar a floresta? Porque vimos nos ultimos anos muitos casos de queimadas, e a gente sabe que geralmente os moradores ribeirinhos ao manejar a terra, tem esse cuidado em não incendiar a floresta, como vocês fazem para evitar estes incêndios florestais?

MARGARIDO – Primeiro a gente não pode tocar fogo no verão muito forte, porque se não o fogo não apaga, ele entra na mata e queima a mata toda. A gente

tem que esperar dar pelo menos uma chuva pra poder tocar fogo, e quando esquentava de novo a gente tocava fogo, mais ou menos mês de julho e agosto. Em outras ocasiões a gente tinha que fazer o açeiro, que era aqueles caminhos largos, uma estrada limpa, sem folha nenhuma, que a gente fazia para o fogo não passar para outro roçado, ou para o pasto ou campo do vizinho.

PESQUISADOR – E depois de tocar fogo no roçado, espera quanto tempo pra plantar?

MARGARIDO – Quando toca fogo, a gente espera só dar uma chuva, que é pra tirar aquela cinza, pra poder plantar.

PESQUISADOR – Quais são as épocas do ano em que vocês plantam?

MARGARIDO – Depende de onde você mora... se você mora na beira do rio, tem que esperar baixar as águas, e quando você vê que a água não vai mais voltar, aí é época de plantar, quanto mais cedo melhor. Quando descobre a praia a gente planta o feijão, a melancia, a roça também, o milho. Se você mora na terra firme, onde não alaga, a gente começa a fazer o roçado em junho e julho, planta em setembro, pra colher em dezembro.

PESQUISADOR – Depois da semeadura, quando o plantio já está se formando e nascendo, vocês utilizam algum remédio natural para evitar as pragas?

MARGARIDO – Na realidade a gente utiliza o DDT⁵⁵. O pessoal da SUCAM⁵⁶ vem aqui jogar veneno pra matar as carapanã, e a gente aproveita borra deste veneno pra jogar nas plantas para evitar alguma praga.

PROF^a. LENA – Seu Margarido, o alimento saudável é garantia de saúde para toda comunidade. O senhor tem conhecimento do mal à saúde que o DDT pode causar?

MARGARIDO – Não professora, na realidade, ja é um costume aqui na comunidade, até porque é a única alternativa que temos.

⁵⁵ O DDT (sigla de diclorodifeniltricloroetano) é o primeiro pesticida moderno, tendo sido largamente usado durante e após a Segunda Guerra Mundial para o combate aos mosquitos vetores de doenças como malária e dengue. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/DDT#:~:text=O%20DDT%20%28sigla%20de%20diclorodifeniltricloroetano%29%20%C3%A9%20o%20primeiro,mosquitos%20vetores%20de%20doen%C3%A7as%20como%20mal%C3%A1ria%20e%20dengue](https://pt.wikipedia.org/wiki/DDT#:~:text=O%20DDT%20%28sigla%20de%20diclorodifeniltricloroetano%29%20%C3%A9%20o%20primeiro,mosquitos%20vetores%20de%20doen%C3%A7as%20como%20mal%C3%A1ria%20e%20dengue.). Acesso em: 30/05/2022.

⁵⁶ Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam), órgão que resultou da fusão do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DENERu), da Campanha de Erradicação da Malária (CEM) e da Campanha de Erradicação da Varíola (CEV), a Fundação herdou experiência e conhecimento acumulados, ao longo de várias décadas, de atividades de combate às endemias de transmissão vetorial, que transformaram a Sucam no órgão de maior penetração rural no país. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/antecedentes-historicos-da-funasa>. Acesso em: 30/05/2022.

PROF^a. LENA – De acordo com vários estudos *a exposição aos agrotóxicos pode causar alterações celulares, e, conseqüentemente, pode estar associada a alguns tipos de câncer, como neoplasia no cérebro, linfoma não-Hodgkin, melanoma cutâneo, câncer no sistema digestivo, sistemas genitais masculino e feminino, sistema urinário, sistema respiratório, câncer de mama e câncer de esôfago*⁵⁷. Uma geração inteira pode ficar com a saúde comprometida.

MARGARIDO – A gente nunca tinha pensado sobre isso, é assustador, porque quando a gente olha para a dificuldade de acesso a saúde, tudo tem que ir para a cidade, a gente se preocupa.

PROF^a. LENA – É muito comum a gente encontrar em comunidades onde utilizam agrotóxicos doenças e sintomas *como diabetes, doença de Alzheimer, boca seca, visão alterada, dor nas pernas, doenças neurológicas, síndromes dolorosas e doenças orais*⁵⁸. É importante PESQUISADOR, trazermos esta temática para dentro das escolas, discutirmos sobre saúde alimentar, suscitar pesquisas sobre os malefícios do uso de agrotóxicos nas plantações e clarificar as benesses do sistema de cultivo orgânico.

PESQUISADOR – Professora é uma excelente sugestão, pois é um tema que está geograficamente no quintal de cada educando, vai de encontro com o anseio de motivá-los a olhar ao redor e perceber todos os processos, todas imbricações, gerando ideias, ideais, reconfigurações, revisões de hábitos. Esta pesquisa não somente convida a olhar e valorizar o passado, contemplando saberes/fazeres ribeirinhos, mas também, olhar para o futuro, em uma busca pela compreensão e coragem para trazer à luz temas que dizem respeito não somente a valorização cultural, mas também, temas que evidenciam e denunciam agressões à natureza e a saúde coletiva.

PROF^a. LENA – Quero aproveitar PESQUISADOR e fazer outra observação.

PESQUISADOR – Fique a vontade professora!

PROF^a. LENA – O fato do seu Margarido e os demais moradores da comunidade utilizarem este tipo de agrotóxico em suas plantações, nos mostram sobre o quanto o Estado está ausente destas pessoas. A ausência de orientação, de apoio, de insumos agrícolas, de estudos mais profundos, fazem com que a população fique à margem das políticas públicas, comprometendo este alimento que vai chegar

⁵⁷ (LOPES & ALBUQUERQUE, 2018, p.254).

⁵⁸ (Ibidem, 2018).

na mesa deste ribeirão apresentando sérios riscos a saúde. A utilização de agrotóxicos tanto inviabiliza o consumo, como impede de que a agricultura nesta comunidade possa tornar-se uma importante fonte de renda, engessando a preservação da biodiversidade e a produção agroecológica.

PESQUISADOR – Seu Margarido, este é um assunto muito sério! Vocês já receberam algum órgão do Estado aqui na comunidade ligado a questão da agricultura?

MARGARIDO – Não! Aqui a gente nunca recebeu a visita de nenhum técnico. Realmente o estado é ausente, esta prática de agrotóxicos traz riscos pra gente, para nossos filhos, é um assunto que teremos que discutir com a comunidade, temos que ter coragem de mudar esta prática, buscar ajuda e encontrar novas formas de ter um roçado livre de agrotóxicos.

PESQUISADOR – Seu Margarido, qual a lição de vida que o roçado ensina?

MARGARIDO (Suspira fortemente, faz uma breve pausa e responde) – No tempo dos nossos pais, a gente via neles o desejo de ser um homem sincero, de trabalhar com honestidade... hoje a gente tenta passar para o filho da gente também, a gente quer que eles tenham o respeito e o cuidado que a gente tinha, porque o roçado era o futuro para as nossas vidas... se não fosse o roçado a gente ia ter outro rumo de vida, mas como a gente estava aqui na mata... foi um caminho que Deus trilhou pra gente né. Hoje as pessoas não dão valor as coisas, porque consegue muito fácil, então a gente conseguia derramando muito suor, era muito difícil, então a gente tinha aquele cuidado, aquela responsabilidade de entender que foi difícil para nossos pais... e a gente tinha maior cuidado, porque a gente via neles nos nossos pais o sofrimento deles... Eu acredito que o aprendizado do roçado, deveria estar na nova geração, porque a gente aprendia desde cedo o valor do trabalho. Hoje, tem muita coisa errada acontecendo com os jovens, porque eles não dão valor ao trabalho.

PESQUISADOR (Balaçando a cabeça de forma afirmativa com um sorriso de satisfação) – Seu Margarido, muito bem! Que lição de vida maravilhosa e importante para as novas gerações. Quantos valores e quanta riqueza nos traz a prática do roçado. Muito obrigado pela nossa conversa.

7.5 DESDOBRAMENTOS REFLEXIVOS ACERCA DAS CENAS FICCIONAIS

Estes diálogos ficcionais, estas cenas, são um convite para adentrarmos no modo de vida, nos jogos de linguagem, nas mobilizações culturais, nos usos/significados destes saberes/fazeres ribeirinhos. Nos deparamos em cada palavra com aspectos culturais que envolvem memórias, emoções, sujeitos éticos e estéticos, nos conduzindo a um resgate de nós mesmos. Esta obra não se configura como “[...] uma pesquisa verificacionista que tenha o propósito de confirmar ou negar uma determinada hipótese. Mas procuro significar, mediante uma atitude terapêutica, a semelhança [através dos diálogos e encontros relatados, como estes ribeirinhos] fazem uso de conceitos matemáticos [científicos] nas problematizações das práticas culturais” (BEZERRA, 2016, p. 29).

No divã filosófico wittgensteiniano, não buscamos unicidades de sentido ou essência, mas convidamos o leitor a um interessante entrelace de olhares, necessário e importante, urgente e latente, nos fazendo questionar se estamos dispostos a olhar ao redor. Certamente temos um trabalho exaustivo, desafiador, mas também enobrecedor, pois instalar em sala de aula um buscar pelo saber do outro, este saber tradicional, sem as algemas da unicidade e verificabilidade, remonta a nossa própria história - rica, pungente, ditosa, mas esquecida, marginalizada, estigmatizada nos espaços escolares formais.

Para um maior aprofundamento e significação destas cenas e diálogos ficcionais, se faz necessário recorrermos a lente da “atitude terapêutica desconstrucionista”. Nas palavras de Bezerra (2016):

A desconstrução pode ser pensada como uma prática de leitura e escrita, um modo de análise e crítica, que depende profundamente de uma interpretação da questão. Deve-se ter em mente, que ela não admite o pensamento dialético, trazendo sempre à tona uma possibilidade dentro de um mesmo ou não jogo de linguagem, com isso, desestruturando propostas tidas como claras, racionais e certas dentro de uma perspectiva estruturalista (BEZERRA, 2016, p.31).

Cada fala, cada sorriso, cada verbalização, cada experiência, cada suspiro, cada expectativa é conduzida ao divã terapêutico desconstrucionista. Neste processo, exclusivismos, doutrinações, definições, fechamentos, polarizações e homogeneizações, são paulatinamente desmanchadas, diluídas e destronadas. Nessa desconstrução derridiana vamos explorando “[...] tudo o que puder ser explorado num texto, mesmo os significados que não estão nele explícitos”.

(BEZERRA, 2016, p. 30). A palavra se movimenta, os sentidos se movem e se recriam, as certezas e intencionalidades são desarraigadas.

Observando os diálogos podemos perceber expressões como “olha para onde a lua está aprumada” (cena 1), “doze pedras de sal, uma para cada mês do ano” (cena 2), “quando a gente vê muito percevejo também, vai dar muita água” (cena 2), “lambedor é um remédio que a gente cura gripe” (cena 3), “eu não faço muita medição não, é uma base de 100 miligrama, mas eu não meço não” (cena 3), “a gente não chega a medir né, mas se baseia no pisado do pé da gente, na passada da gente” (cena 4), “quando você vê que a água não vai mais voltar, aí é época de plantar, quanto mais cedo melhor” (cena 4), descortinam formas diversificadas de representação, são outras ciências e matemáticas que são reveladas em modos de fazer e saber, aqui desvinculadas das normatizações escolar/acadêmicas, e ressignificadas a partir do seu uso.

As expressões relacionadas a utilização de condimentos (pedra de sal), a observação da lua para onde ela está “aprumada”, e a presença de “percevejos” como sinal de cheia, são efetivadas sem nenhuma cobrança de resultados, e nem tensionamentos, favorecendo a estes ribeirinhos o desenvolvimento da observação como ato de curiosidade, lançando mão destas tecnologias caseiras como resposta a necessidade de prever os rios e estações, na finalidade de proteger suas plantações, suas casas, seus rebanhos e seus investimentos. O observar conjuga-se com o esperar, com a responsabilidade, a autonomia frente a ação de prever eventos naturais, conferindo a ação humana a problematização do existir frente aos desafios da natureza, transformando a observação dos tempos em um mediador de conhecimentos. Neste passo e compasso o saber/fazer se conserva, recria, presentifica-se, coletiva-se, dinamiza-se.

Quando nos deparamos com as expressões relacionadas a medidas, tais como “eu não meço muito não”, “se baseia no pisado do pé da gente”, enxergamos uma matemática diferente da escolarizada, pois esta matemática traz em seu escopo “[...] uma carga rigorosa, por vezes metódica, e desqualifica e/ou inferioriza as matemáticas de outras culturas, contextos e épocas” (CARNEIRO, 2020, p. 77). Nossos personagens utilizam cálculos mentais, partes do corpo para medição, valores aproximados, nos conduzindo ao entendimento de que este matematizar assume formas, técnicas e sentido conforme seu uso neste jogo de linguagem.

Contemplar estas outras ciências/matemáticas não implementa um campo de disputas, mas confronta/questiona o que já existe, o posto, o (in)violável, o (in)discutível, o (in)tocável, propondo novas maneiras de enxergar o que parece invisível. É necessário mergulhar neste rio, desatracar esta canoa, presentear nossos olhos e sentidos, deixando emergir diversos usos/significados descortinados de forma praxiológica que desaguam em diferentes formas de vida.

De forma contundente estas cenas ficcionais valorizam saberes considerados irrelevantes, pois, a grande maioria dos teóricos e educadores não se atentavam para esta propositura. Nosso intento nesta contemplação é estabelecer um senso de valor as habilidades encontradas nestes sujeitos que não fazem parte deste mundo acadêmico, tão marcado por absolutismos, paradigmas, universalidades e estereótipos conceituais.

Cada cena ficcional, abraça nossa singela intenção de dar luz e voz aos que dantes não se encaixavam nos perfis aceitos no círculo escolar - quantas vezes desprezamos os saberes/fazeres ribeirinhos, apenas por que estes não se vestem de armaduras epistêmicas eurocêntricas e colonizadoras? Estes saberes/fazeres emergidos em seus usos/significados vislumbrados nos jogos de linguagem, nos convidam a descortinar e desafiar o aprimoramento do olhar para o outro com suas significâncias, inteligências e contribuições sócio/culturais. Este doravante é nosso desafio - apurar prismas, deslocar separatismos de saberes, arrefecer refutamentos, esfacelar suspeitas, negar confortos teóricos totalitários, duvidar dos sentidos clarificados, suspeitar dos consensos, alimentar a percepção e o entendimento que nenhuma ciência/matemática é eterna ou universal.

8 SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS SIGNIFICADOS NA FORMAÇÃO SUPERIOR DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Serpenteando rios e igarapés, iremos expor em nosso mosaico textual uma cena ficcional que traz como objetivo fundamental, refletir e responder a crucial questão norte de nossa pesquisa: Como os saberes/fazeres ribeirinhos produzidos na comunidade Floresta do Acre podem ser significados na formação superior e/ou básica?

Apresentaremos esta cena em dois atos, no intuito de vislumbrar como alunos em formação acadêmica, significam em sua prática de estágio os saberes/fazeres ribeirinhos anunciados nesta obra e significados no produto educacional “Florestacast”. Cabe destacar que estes alunos também são sujeitos da pesquisa, entendo que estes serão os futuros promotores destes saberes tradicionais, além de outros fundamentais saberes partícipes da jornada escolar.

O primeiro ato terá a participação de alunos em formação, são discentes do Curso de Licenciatura em Matemática disciplina de Estágio Supervisionado na Extensão e na Pesquisa II, realizado pela Universidade Federal do Acre – UFAC. Esta cena apresentará recortes da intreação ocorrida de forma remota, no ensejo, socializaremos a proposta da dissertação, assim como o produto educacional. Os participantes desta cena/diálogo terão nomes fictícios: Ithamara, Murilo, Nataelson, Andin, Naihara e o pesquisador. Impetrar-se-á também, em formas de enxertias espectrais as falas dos teóricos Vilela, Marim & Farias, estas falas estarão destacadas em fonte Arial, tamanho 12, estilo itálico.

8.1 CENA 7 – SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS – UM CONVITE AOS ALUNOS EM FORMAÇÃO ACADÊMICA A EMBARCAR NESTA CANOA

06 de setembro de 2021, a aula estava prevista para iniciar as 15 hrs, as 14.50 pego meu violão, enquanto afino, os alunos vão entrando na sala virtual, vou cumprimento cada um, e aproveito para cantarolar um canção. Quase no horário, professora Simone pede pra cantarmos uma linda canção “Noites traiçoeiras”, ao término da música Professora Simone cumprimenta a todos.

PROF^a. SIMONE (Com um sorriso cativante) – Boa tarde gente. Fico feliz em ver vocês aqui nesta tarde. Ainda estamos sentindo a falta de alguns, mas, vamos

começar. Teremos hoje a presença do professor Itamar que vai falar sobre sua pesquisa. Estejam atentos, pois vocês terão que significar esta pesquisa na prática do estágio de vocês. Essa aula será gravada e ficará disponível para a turma. Professor Itamar, Boa tarde, fique a vontade.

PESQUISADOR (Bastante entusiasmado) – Boa tarde gente bonita.

(Alguns alunos respondem de forma uníssona) – Boa tarde!

PESQUISADOR – Gente bonita, antes de mais nada quero agradecer ao convite da minha querida professora, orientadora Dra. Simone, será um grande prazer compartilhar nossa pesquisa para este seletto grupo, lembrando que vocês tem toda liberdade de interromper a qualquer momento e fazer perguntas ou comentários. O tema da nossa pesquisa é “A epistemologia dos usos entre rios e igarapés: os saberes/fazeres ribeirinhos produzidos na comunidade Floresta do Acre”. Alguém aqui sabe o que é um lambedor? Já ouviram falar na figura da parteira? Já tomaram algum tipo de chá para curar alguma doença? Sabe como faz para prever grandes enchentes, períodos de intensas chuvas ou grande estiagem? Você sabe como o raçador prepara a terra para o plantio? Sabe como se faz uma canoa ou uma balieira, ou quais são as matemáticas e ciências envolvidas neste processo?

MURILO (Corta e fala) – Professor, eu sempre tive curiosidade neste assunto, como vim do interior, vim de Sena Madureira⁵⁹ e trabalhei muito tempo em escola da zona rural, e sempre tive curiosidade e vontade de pesquisar sobre isso também.

NAIHARA (Corta e fala) – Eu tenho uma tia que entende muito desse negócio de chá, ela faz chá pra qualquer coisa (risos).

PESQUISADOR – Então gente, como podemos ver, esses saberes fazem parte da nossa história, são nosso chão, estão impregnados nas barrancas dos nossos rios. Cada um de nós tem na família alguém que conhece algum destes saberes. Continuando nossa apresentação, destacamos o local da pesquisa que é a comunidade Floresta do Acre, que fica a mais ou menos 60 minutos subindo o rio Acre em um motor de rabeta. Os sujeitos da pesquisa são os moradores daquela

⁵⁹ **Sena Madureira** é um município brasileiro do estado do Acre, sendo o terceiro município mais populoso do referido estado, ficando atrás apenas da capital Rio Branco e da cidade de Cruzeiro do Sul. Foi o primeiro município da Regional Purus, situa-se às margens do rio Iaco, tendo como principais afluentes os rios Macauã e Caeté. A igreja mais antiga do Acre localiza-se em Sena Madureira, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, de 1910. Fica a cerca de 145 km da capital do estado do Acre, pela Rodovia federal BR-364, sendo hoje o polo mais importante da Região do Alto Purus, e um dos principais municípios do Estado. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sena_Madureira. Acesso em: 05/04/2021.

comunidade, podendo esparramar-se para outras comunidades também. Como sujeitos também temos professores e gestores de escolas municipais e estaduais na zona urbana e rural, no intuito de entrelaçar discursões sobre como podemos abraçar estes saberes tradicionais nos espaços escolares. Claro que vocês também não poderiam ficar de fora, pois vocês fazem parte desta nova geração de professores, queremos aproveitar este momento para despertar em vocês o desejo por esta temática, aguçar o olhar acerca destes conhecimentos que fazem parte da nossa construção cultural. Ao apresentar o trabalho a vocês, queremos contemplar os usos que vocês darão a estas temáticas e saberes/fazeres descortinados durante a pesquisa em momento de estágio.

ANDIN (Corta e fala) – Mas professor, o senhor vai querer fazer uma comparação entre estes saberes e os dos livros didáticos?

PESQUISADOR – Obrigado pela pergunta. Em nossa canoa, Wittgenstein, o grande filósofo Wittgenstein está na proa, ou seja, a terapia desconstrucionista é a condutora da nossa canoa e nossa lente.

NATAELSON (Rindo, corta e fala) – Se esse nome é difícil de pronunciar, imagine a terapia dele... (risos)

PESQUISADOR – O legal da terapia desconstrucionista é que ela nos faz um convite para “ver”, isso mesmo, contemplar, deslumbrar. Nossa intenção não é verificar se aquela prática, à luz da epistemologia escolarizada, esta certa ou errada, não existe polaridades e nem binariedades, o que fazemos é ver, contemplar e observar os significados daquelas práticas no seu uso, ou seja, é o uso, a ação vivenciada naquela forma de vida que vai trazer significado a prática.

VILELA (Acrescentando diz) – *“A perspectiva wittgensteiniana assume o ponto de vista de que os significados se constituem e se transformam em seus usos em diferentes contextos, e, nesse sentido, podem variar conforme o jogo de linguagem de que participam⁶⁰”*.

PROF^a. SIMONE (Complementando diz) – Como nos diz Wittgenstein: o significado de uma palavra é seu uso na linguagem!

MARIM & FARIAS – *“Nossas práticas de pesquisa estão, muitas vezes, assombradas pelos espectros da metafísica dualista, digamos, do pensamento ocidental, que nos impõe as divisões, as categorizações, o centrismo, a busca de*

⁶⁰ (VILELA, 2010, p. 439).

*correspondência entre partes, as oposições clássicas entre razão/sentido, prática/teoria, bem/mal, cientificidade/ senso comum, as tabelas-verdade/falso[...]*⁶¹

PESQUISADOR – Bem meus caros, diante desta perspectiva, traçamos nossa jornada entre rios e igarapés, subindo e descendo barrancos ao logo do rio Acre. Essas conversas, esses diálogos se tornaram em um produto educacional o “Florestacast: o uso do podcast como instrumento pedagógico dos saberes/fazeres ribeirinhos. Em um primeiro momento pensamos em realizar um documentário, depois pensamos em uma revista em quadrinhos, mas a questão da pandemia e também a questão da escassez de profissionais na região que pudessem realizar este documentário ou produzir esta revista nos fez repensar.

MURILO (Corta e fala) – Professor, mas o podcast está em alta, e também é fácil de produzir e de disponibilizar ao público.

NATAELSON – Eu mesmo gosto muito deste tipo de mídia.

PESQUISADOR – Foi justamente pensando na facilidade de produção e na facilidade de distribuição que pensamos neste produto, fruto de uma conversa, até porque o podcast tem essa característica de ser uma conversa em tom informal, com roteiros pré-definidos, mas não enrijecidos.

NAIHARA – E já está disponível esse podcast?

PESQUISADOR – Sim. Já temos alguns episódios produzidos, outros em andamento. Já está disponível no Spotify, quem tiver acesso é só digitar FLORESTACAST que você encontra facilmente.

PROF^a. SIMONE (Corta e anuncia) – E vocês terão que ouvir os episódios e significar as práticas observadas no estágio de vocês nas próximas semanas.

PESQUISADOR – É interessante que vocês ouçam as conversas e fiquem livres para pensar em como trazer estes saberes para o espaço escolar, pensando neste momento de intervenção em planos de ação que contemplem estes saberes/fazeres.

PROF^a. SIMONE – Vocês podem pesquisar entre os familiares de vocês, estes saberes ribeirinhos. A atividade consistirá em vocês significarem essas práticas relatadas nos episódios em momentos de estágio. Vocês poderão enviar por e-mail, assim como por Whatsapp, e apresentando aqui na sala via meet nos próximos encontros remotos.

⁶¹ (MARIM & FARIAS, 2017, p. 181).

8.2 CENA 8 – SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS – COMO OS ALUNOS EM FORMAÇÃO ACADÊMICA OS SIGNIFICAM EM SUA PRÁTICA DE ESTÁGIO?

O objetivo neste ato é vislumbrar por meio de “flashes memorialísticos” (MIGUEL, 2010), os significados e usos que os discentes do Curso de Licenciatura em Matemática disciplina de Estágio Supervisionado na Extensão e na Pesquisa II, realizado pela Universidade Federal do Acre – UFAC, mobilizaram durante o estágio supervisionado. Nesta cena apresentaremos algumas das atividades apresentadas. Nossos “flashes”, abraçam momentos de encontro remoto em um período de 08 semanas, tempo de duração da disciplina. Impreterível destacar que nosso objetivo não é evidenciar usos/significados certos ou errados, adequados ou não adequados. Nossa prática de pesquisa não abraça polaridades, mas sim, neste ato cênico, somos convidados a ver estas práticas mobilizadas por estes discentes, configurados também como sujeitos da nossa pesquisa.

Mais uma vez estou acompanhado com meu violão, para mim uma forma afetiva de recepcionar e saudar a turma naquela tarde de terça-feira. As 15 horas nosso encontro se inicia, a canção que cantamos agora inicia-se com a seguinte e conhecida frase: “quero que valorize o que você tem, você é um ser você é alguém, tão importante para Deus”⁶². Penso ser uma canção cativante, acolhedora, trazendo paz e esperança em meio a tantas notícias ruins e tristes sobre pandemia naquele momento.

PROF^a. SIMONE (Sempre com um cativante sorriso) – Boa tarde turma.

ALUNOS RESPONDEM: Boa tarde!

PROF^a. SIMONE – Vamos desconstruir? (risos). Todos prontos para serem desconstruídos? (risos).

NATAELSON – Eu já estou desconstruído faz tempo professora. (risos).

PROF^a. SIMONE – Hoje estamos recebendo mais uma vez o Prof. Itamar, e estamos aqui para ouvir vocês apresentando as atividades que passamos algumas semanas atrás.

PESQUISADOR – Boa tarde gente bonita.

⁶² “Canção: Mover do Espírito/ Armando Filho. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/armando-filho/354320/>. Acesso em: 15/04/2021.

PROF^a. SIMONE – Aqui nossa intenção é ver, queremos ver como vocês mobilizaram os saberes ribeirinhos em momentos de estágio. Como vocês trouxeram estes saberes primeiramente para a vida de vocês e se alguém conseguiu aplicar em sala de aula.

PESQUISADOR – Nobres, quero salientar também que as pesquisas que vocês realizaram junto aos familiares valida-se neste ato também, caso alguém não conseguiu aplicar em sala de aula, mas realizou alguma pesquisa, conversou com alguém da família, significou algum destes saberes tradicionais, saiba que o nosso desejo é contemplar todas as significações produzidas por vocês independente do espaço onde elas ocorreram.

NATAELSON (Corta e pede a palavra) – Professor eu gostaria de começar.

PESQUISADOR – Sim, fique à vontade.

NATAELSON - Meu avô, desde pequeno acompanhou seu pai na plantação, o plantio era realizado no começo do mês de setembro, da seguinte forma: Primeiramente amarravam-se nós em uma corda onde a distância entre cada nó era a mesma, equivalente a 3 palmos (aproximadamente 70 cm). Em seguida, amarrava cada ponta da corda em um pedaço de pau e esticava a corda em todo o comprimento do pedaço de terra que seria utilizada para o plantio. Onde estava os nós delimitava o local onde o pé de milho iria ser colocado, após preencher essa fileira, distanciava 1 passo largo, que dava aproximadamente 1 metro, para construir a próxima fileira de pés, e assim sucessivamente até completar a área de plantio. Essa experiência, apesar do meu avô inicialmente não compreender os conceitos matemáticos formalizados, como conceito de subdivisão de área e ladrilhamento, proporcionou a construção de um conhecimento não formalizado que estava presente em sua prática.

PROF^a. SIMONE – Muito bem, vemos mais uma vez nesta sua fala, as palavras significadas no seu uso. Você cita a palavra “palmo” e neste sentido esta palavra não se encerra em apenas um significado matemático, pois, ao deslocá-la por diferentes práticas culturais, é possível atribuir-lhe outros significados que não o matemático.

PESQUISADOR – Podemos também, destacar o fato de que essas práticas culturais resultam de respostas a problemas frequentes no universo ribeirinho. Na ausência de um instrumento medidor criou-se um sistema, uma tecnologia, uma forma de fazer que naquele contexto adquire outros significados, e nossa intenção é destaca-los. Mais alguém?

NAIHARA - Aprendi a cozinhar com 11 anos de idade. Minha mãe ficava no trabalho e me mandava “me virar” para fazer a comida. Quando perguntava qual a quantidade de cada tempero, ela me dizia com a medida “em dedos”, como por exemplo, para o arroz, era só pôr uma quantidade de água que ficasse “dois dedos” acima do arroz, na panela. Aos 16, fui morar em outra cidade para cursar o nível superior, ao dividir o apartamento com colegas, descobri que a maneira de cozinhar era diferente da minha e que usavam as medidas em quantidades de copos, sendo dois copos de água para cada copo de arroz. Diante disso, percebi que as medidas ensinadas variam de família para família, mas sempre é necessário obedecer a uma proporção, onde a quantidade de arroz será sempre menor que a de água e que, quanto mais arroz, mais água. Ou seja, a quantidade de arroz é diretamente proporcional a quantidade de água.

PROF^a. SIMONE - Em cada contexto de atividade humana, temos uma significação diferente de uma palavra, que será estabelecida conforme Wittgenstein, de acordo com o jogo em curso. E o que mais você percebeu nesta observação ao ver outras pessoas cozinhando também?

NAIHARA - Diante disso, percebi que as medidas ensinadas variam de família para família, mas sempre é necessário obedecer a uma proporção, onde a quantidade de arroz será sempre menor que a de água e que, quanto mais arroz, mais água. Ou seja, a quantidade de arroz é diretamente proporcional a quantidade de água.

PESQUISADOR – Bem, essas semelhanças que você evoca na sua observação é o que chamamos de semelhanças de família baseado na terapia wittgensteiniana. Na realidade são traços que se conectam enquanto diferentes usos são praticados.

PROF^a. SIMONE – A atitude terapêutica assumida, nesta pesquisa do Prof. Itamar, permite encontrar nos rastros desses significados essas semelhanças e ampliar os usos possíveis da matemática mostrando a sua não essencialidade e diferentes modos de vê-la que apontam para diferentes matemáticas situadas nas diferentes práticas humanas.

MURILO – Professor, eu gostaria de apresentar minha atividade. Quero iniciar com o seguinte comentário - A elaboração de remédios naturais a partir de ervas medicinais reflete a riqueza biológica e cultural amazônica. E incluindo o ensino da Etnomatemática podemos entender o quanto ela está presente no nosso dia a dia, por exemplo, a compreensão da matemática que é envolvida nas receitas de remédios

caseiros fabricados por pessoas mais antigas, ou seja, a matemática cultural, utilizada para suprir as necessidades. Dessa forma, podemos considerar a matemática como uma ciência de fundamental importância para a nossa vida, pois ela condiciona a pensar e criar um senso crítico, trabalhando o raciocínio diante das tarefas que encontradas diariamente utilizando os saberes populares como demonstração. Quero trazer para todos, duas receitas - A primeira é de um lambedor caseiro, dizem que é muito bom para inflamação de intestino e fígado. Para preparar a gente faz o seguinte - coloca os ingredientes na panela: uma vagem de jatobá quebrada, babosa, a casca de pau ferro, a romã lavada e cortada, as folhas de mastruz e corama, a casca do cajueiro branco e 1 litro de água com o quilo de açúcar. Levar tudo ao fogo. Depois de 4 horas apurando, o lambedor está pronto. O produto parece um xarope e, geralmente, uma colher é tomada de duas a três vezes por dia. A segunda receita é o Chá de Capim Santo e Limão, a gente prepara da seguinte maneira - ferve a água e depois acrescenta o capim santo, gengibre cortado e limão siciliano. Desliga o fogo e tampa por, aproximadamente, 5 minutos, fica uma maravilha. (Risos).

PESQUISADOR – E qual o significado que você atribui no uso destas ervas e demais insumos em relação a ciência e a matemática, ou demais conteúdos partícipes do cenário escolarizado?

MURILO (Faz uma breve pausa e responde) – Bem professor, vejo que a partir das duas receitas apresentadas, a gente pode observar que a matemática está presente, seja na quantidade ou até mesmo na medida utilizada no ingrediente. Através disso podemos ensinar nossos alunos como a matemática está presente no nosso cotidiano, além de apresentar receitas tradicionais utilizadas pelos nossos ancestrais. A partir das receitas podemos trabalhar problemas matemáticos como, por exemplo, a quantidade de ml que a receita pede como calcular 300 ml em um recipiente qualquer? Como saber o tamanho adequado para se utilizar na receita? E a partir disso mostrar aos nossos alunos uma maneira de ter um raciocínio lógico na hora de preparar algo, para ter a noção de quantidades e medidas sejam elas em gramas, miligramas ou até mesmo em litros e milímetros, trazendo o cotidiano do aluno para sala de aula de maneira didática e de fácil compreensão.

PROF^a. SIMONE – *“O currículo escolar, de uma maneira geral, trabalha a partir de uma base cartesiana, que leva a um conhecimento fragmentado de tal forma que fica difícil os alunos realizarem conexões entre os mesmos e entre esse*

*conhecimento e a sua vida*⁶³. “Além disso, o saber desses alunos é ignorado, na maioria das vezes, em nome da validade do conhecimento científico. Esquece-se que “[...] a sabedoria popular [...] representa o uso da razão sob outro sistema muito mais empírico e simbólico, ao mesmo tempo, muito mais sapiencial e dialético que cartesiano e positivista⁶⁴”

PESQUISADOR (Entusiasmado com o curso da aula) – Muito bem Murilo, obrigado pela sua participação. Trazer o cotidiano do aluno para a sala de aula é uma das nossas propostas, porque este cotidiano é encharcado de saberes, sejam ribeirinhos, indígenas, rurais, quilombolas ou atrelados a outras vivências. Ao trazer este cotidiano, não queremos rivalizar saberes, mas pretendemos descobrir estes saberes/fazeres significados no seu uso. Mas alguém, tem algo a compartilhar?

ANDIN – Boa tarde a todos. Com os conhecimentos obtidos pela minha mãe, depois de ter uma conversa com ela consegui obter uma receita ótima para sinusite, podendo ser feita com galhos de arruda, um dente de gengibre, metade de uma cabacinha e dois dedos de álcool, depois de misturado e colocado dentro de uma vasilha fechada por 3 a 4 dias, pode ser usado inalando. Agora, matematicamente falando, essa porção feita com esses ingredientes plantados em casa, então, só não vai ter custo zero por causa do álcool, e pensando em uma fabricação em grande escala para a família toda por exemplo, quanto precisaríamos? De mesmo modo, consegui uma receita que ela ouviu falar que era ótimo e contém muitas vitaminas, era imbatível contra a Covid-19, era feito com 2 limão, um pacote de jambu e 2 dentes grandes de alho e 2 litros de água, coloca tudo em uma vasilha e coloca pra ferver, depois de frio tomar meio copo todo dia, ótimo para a imunização e se por acaso pegasse, sairia na urina. Em tempos de desespero, temos, mesmo que frágil, uma esperança nos conhecimentos dos antigos, que sempre tem alguma solução para qualquer doença, ao invés de ficar esperando remédios de farmacêuticas, agora imaginemos se a cura fosse encontrada através de conhecimentos dos antigos?

PESQUISADOR – Interessante essa tua problematização, “imaginemos se a cura fosse encontrada através de conhecimentos dos antigos? Podemos gerar novas problematizações – Por que estes conhecimentos se fazem ausentes hoje nos espaços escolares? Como podemos trazer estes conhecimentos não apenas relacionados a questão de saúde, mas que trazem saberes relacionados a caça,

⁶³ (QUINTERO E FONSECA, 2018, p. 116-117).

⁶⁴ (PARKER, 1996, p. 318 CITADO POR QUINTERO E FONSECA, 2018, p. 163).

pesca, previsão do tempo dentre outros, para dentro da escola? Quem são estes antigos? A escola, o alunado os valoriza? Como falamos em nosso primeiro encontro, esses saberes estão arraigados em nosso chão amazônico, todos nós trazemos no seio familiar, no seio relacional alguém que cultiva um saber, uma lenda, uma prática, uma vivência. Isso é nosso, somos constituídos historicamente por estes percursos, por esta epistemologia dos barrancos.

PROF^a. SIMONE – *Entendendo o currículo como um artefato social e cultural, perguntamos: por que a visão de mundo encontrada nas comunidades tradicionais não é levada para dentro da escola como material sociocultural a ser trabalhado? Continuamos a tratar o mundo, os seres humanos, a partir de uma visão asséptica, científica, enquanto fora da escola nossos alunos e até nós mesmos encaramos uma vida diferente daquela apresentada nas salas de aula⁶⁵. Vamos lá gente, o bate-papo está gostoso, mas o tempo avança, quem mais quer compartilhar a atividade?*

ITHAMARA – Professora, quero compartilhar uma entrevista que realizei. Entrevistei minha vó, Maria de Fátima, após alguns dias observando como ela preparava algumas receitas, tais como arroz, feijão, bodó, café. E então lhe perguntei -Vó a senhora consegue me passar as medidas para o preparo de arroz: Ela meio confusa responde: - Meu filho, eu faço tudo muito no automático, como é muita gente aqui em casa eu faço: um pouco de alho na panela, alho picado, 2 copos de arroz e 4 copos de água, tempero com uma colher rasa de sal e deixo semi destampado a panela em fogo alto. E quando eu preciso diminuir a receita me atrapalho toda, porque me acostumei fazer essa mesma quantidade várias vezes. Após a resposta dela percebo que será bem fácil onde eu queria, e digo: - A senhora consegue ver que tem números envolvidos nesse processo de fazer arroz? Ela em um tom humorado responde: - Números não, mas ingredientes sim! (risos)

PESQUISADOR – E como você significou este saber/fazer da sua avó?

ITHAMARA - Após algumas risadas eu procurei significar a prática dela, explicando da seguinte forma - Se a senhora ver bem, os números estão desde a quantidade de cada ingrediente que a senhora coloca na panela, até o tempo de preparo do arroz, no caso de aumentar ou diminuir a receita, conseguimos fazer, sem dificuldade com a ajuda da matemática, pelo que a senhora me disse temos para cada dois copos de arroz 4 de água e essa relação é quantidade de copos de água no arroz

⁶⁵ (MOREIRA E SILVA, 1995 CITADO POR QUINTERO e Fonseca, 2018, p. 116-117).

= $2x$ (onde para cada um copo de arroz temos 2 copos de água), x representa a quantidade de copos de arroz. E podemos estender isso para os demais ingredientes envolvidos, se você usa 4 dentes de alho para cada 2 copos de arroz, então quantidade de alho = $2x$ (onde x mais uma vez é quantidade de copos de arroz), isso só é só um pouco de como a matemática está presente nas coisas mais simples do nosso dia a dia.

PROF^a. SIMONE – Muito bem. Quero acrescentar a tua fala que a visão wittgensteiniana da matemática como um jogo de linguagem como qualquer outro, como uma atividade humana orientada por uma gramática, nos permite ver matemáticas diferentes nas diferentes práticas humanas, isto é, ver matemática nos jogos de linguagem/práticas orientados inequivocamente por um conjunto de regras.

PESQUISADOR – É a busca por estas práticas, jogos de linguagem, significadas no uso que buscamos. Acredito que temos que focar nesta palavrinha mágica “uso”, como estas práticas são mobilizadas e como estas experiências são significadas. Estou muito feliz e admirado com as socializações de cada um de vocês. Nosso intento aqui foram contemplar complementariedades, matemáticas herdadas por diferentes grupos sociais, matemáticas que se complementam, que se estabelecem no cotidiano. Como alunos em formação acadêmica e futuros docentes, vocês estão tendo uma enorme oportunidade, de abrir os olhos, degustar outras dietas matematizadas. Conhecer nossas matemáticas, conhecer nossa gente, levar essas histórias, esses saberes/fazeres aos nossos alunos. Esse contemplar, este ato libertador de “ver outras matemáticas” é a forma mais contundente de fomentar estes conhecimentos, mantendo-os lúcidos, lúdicos, vibrantes, vívidos e presentes.

Esta cena destaca os significados que os alunos em formação acadêmica atribuíram aos saberes/fazeres ribeirinhos. Destaca-se que estes significados foram realizados de forma livre, valorizando as falas e posturas apresentadas.

Cada personagem traz postulados, congrega eventos e experiências vivenciadas na própria família, não é estranho este fato, pois em nossa região amazônica, os saberes/fazeres se constituem como verdadeiros construtores da nossa história e da nossa identidade.

Esta seção nos lançou um tenro convite – pensarmos juntos os significados de uma matemática que se constrói na coletividade, valorizando aspectos culturais que envolvem emoção, memória, significados. Nestas remadas, pretendemos “captar

a linguagem [saberes/fazer] em suas aplicações, tanto efetivas como as consideradas possíveis e imagináveis, mas nunca cristalizadas em uma considerada essencial e definitiva” (MORENO, 2005 CITADO POR VILELA, 2010, p. 441).

Convidamos aqui os futuros docentes em matemática a assumir que existem outras práticas matemáticas impetradas em diversos grupos étnicos. Estes educadores são transformadores de um currículo engessado, inflexível, intragável, currículo este que não consegue, até o momento, dimensionar a riqueza destes conhecimentos cultivados de forma singela, peculiar, frutos de amor-próprio e autoconservação. Convidamos estes professores em formação a intensificarem o ato de leitura do mundo, devemos ir mais além, e olhar para fora da nossa matemática, revelando outras matemáticas que a matemática não conhece.

9 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional intitulado – **Planos de Ação com o Florestacast: O USO DO PODCAST COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DOS SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS** apresenta a possibilidade de realizar novos estudos que explorem outras conotações, olhares e perspectivas com vistas a aprofundar o discurso sobre a efetividade de uma educação que contemple estes saberes/fazerem ribeirinhos. A intencionalidade de novos enfoques e investigações apresenta-se não como tentativa de esgotar a temática apresentada, mas sim de formular novos olhares, propor novas mobilizações pedagógicas que signifiquem esta capilarização de saberes.

Diante disto, apresentamos o produto educacional – **Planos de Ação com o Florestacast: O USO DO PODCAST COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DOS SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS**, que contempla um podcast que traz como proposta a epistemologias de usos de outras ciências/matemáticas através das vozes daqueles que carregam estes saberes em sua história e nas suas relações. Os episódios do “*Florestacast*” desembocam em mobilizações culturais e atividades didáticas que promovem a investigação, a descoberta não verificacionista, a contemplação destes outros modos de vida.

Nesta seção, nos propusemos a lançar mão de duas cenas ficcionais. Na primeira cena revelar-se-á como surgiu a ideia do “*Florestacast*”, faremos uma tessitura de um diálogo com personagens ficcionais, as problematizações levantadas terão o intento de aprofundar-se na compreensão do podcast, sua importância, aceitação no atual cenário cultural digital e o passo a passo para sua construção até acesso ao público. A segunda cena, apresentará um encontro entre professores de escolas estaduais, municipais da zona urbana e zona rural, discutindo possíveis situações e mobilizações para inserção destes temas apresentados no podcast em espaços escolares e uma terceira cena, em que são colocados em cena um plano de ação de mobilização de culturas Matemáticas/Ciências na Formação Inicial do professor de Matemática, na disciplina de Estágio Supervisionado na Extensão e na Pesquisa II (CCET 350), disciplina do 6º período, do Curso de Licenciatura em Matemática ministrada de forma remota no período de 12 de julho de 2021 a 05 de outubro de 2021. Em que os relatos dos alunos, em número de 22 participantes da mesma, foram entregues via e-mail, whatsapp e disponibilizados também no google classroom da disciplina.

9.1 CENA 9: COMO SURTIU A IDEIA DE UM PODCAST?

A cena ocorreu em uma tarde de quinta-feira na residência do video-maker Tago, um profissional bastante respeitado no município de Boca do Acre, sendo considerado uma grande autoridade quando o assunto é mídias digitais. Neste diálogo eu serei chamado de Pesquisador e nosso participante de Produtor.

PESQUISADOR (Animado e motivado) - Boa tarde campeão! Como estás?

PRODUTOR (Com um largo sorriso) - Boa tarde pastor! Tudo bem graças a Deus. Entre aqui (convidou-me para entrar em seu quarto), fica melhor pra gente conversar, tá muito quente aqui fora – é aqui que me escondo (risos).

PESQUISADOR (Ao ver seu computador ligado perguntei) - está desenvolvendo algum projeto?

PRODUTOR (Puxando a cadeira e sentando na frente do computador) - sim! sim!, estou fazendo um trabalho para a polícia militar, um video corporativo, vamos apresentar um pouco da rotina e divulgar os trabalhos realizados nos ultimos 12 meses. Eu faço muito trabalho institucional e estamos fazendo vários vídeos para a polícia. Dá uma trabalhadeira.

PESQUISADOR (Esboçando uma certa ansiedade) - Então. Vim aqui porque na realidade eu gostaria de trocar uma ideia com você. Estou desenvolvendo um produto educacional, um item essencial para a conclusão da minha dissertação de mestrado. Eu estava pensando em algo que pudesse ajudar e contribuir na divulgação dos saberes ribeirinhos, aqueles saberes dos nossos avós, das pessoas que moram no beiradão, da mulher que faz o chá, o lambedor.

PRODUTOR (Com olhar e expressão de concordância) - Poxa pastor que legal! Muito importante a gente falar sobre isso, e... olha, são conhecimentos que a gente nem valoriza mais.

PESQUISADOR (Feliz pela colocação, corta e fala) - Minha intenção é incentivar essa nova geração a ter esse olhar de valor para com essas pessoas, porque, para mim elas são cientistas, fazem ciência de uma forma não apresentada nos livros didáticos, fazem coisas extraordinárias e estão aqui bem perto da gente e precisam serem ouvidas, valorizadas.

PRODUTOR - E pelo que vejo são conhecimentos que estão morrendo né? Porque hoje essa geração não conhece nem o nome das plantas.

PESQUISADOR (Com expectativa alta) - Eu pensei em um canal no youtube, um documentário, um podcast e até mesmo uma revista em quadrinhos, mas eu queria algo que pudesse ser fácil de fazer e ter fácil acesso, até porque, minha intenção é que o professor e o aluno também possa replicar essa prática em sala de aula.

PRODUTOR - Mas como o senhor quer fazer? Como é mais ou menos sua ideia para que eu possa entender melhor o formato?

PESQUISADOR - Bem. Minha intenção é ouvir estes ribeirinhos, minha pesquisa está sendo realizada junto aos moradores lá da Floresta do Acre. Então, eu quero conversar com eles, e quero que as pessoas possam conhecê-los e ver também aquilo que eles produzem. Mas por outro lado, quero um formato que seja fácil para o professor ou os alunos também produzirem, até porque, meu desejo é que este professor, juntamente com os alunos, possam realizar novas pesquisas como essas, mas utilizando material de fácil acesso.

PRODUTOR (Com olhar pensativo, colocou a mão no queixo) - Então pastor, pensando nessa nova geração que está mergulhada na internet, hoje uma entrevista utilizando vídeo atrai muita atenção, mas pensando nessa situação de material, até porque a gente sabe da dificuldade da educação, eu penso que o podcast seja muito útil, devido ao formato e facilidade de produção.

PESQUISADOR (Com um grande ponto de interrogação na consciência)
- Mas como seria o podcast⁶⁶?

PRODUTOR - O podcast é mais fácil, até mesmo porque evita a gente ter problema com direito a imagem ou algo assim. O senhor pode fazer em formato de entrevista, em qualquer lugar, pode utilizar o gravador do celular mesmo, mas tem que ser em um lugar com pouco barulho e ruídos, ou se quiser o senhor pode utilizar um microfone de lapela (tirou um modelo de dentro da mochila para me mostrar).

PESQUISADOR (em tom de extrema curiosidade) - Mas se caso na gravação houver muitos ruídos externos devido ao ambiente? Até porque eu queria fazer essas entrevistas na casa mesmo destes participantes.

⁶⁶ Os podcasts são programas de áudio sob demanda, e o ouvinte pode escutá-los na hora que quiser, ao contrário dos programas de rádio tradicionais. Esse tipo de formato de áudio está cada vez mais popular no Brasil. Segundo dados divulgados pelo Spotify em novembro, o consumo desse modelo de conteúdo no país cresce 21% ao mês desde janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/12/o-que-e-podcast-saiba-tudo-sobre-os-programas-de-audio-online.ghtml>. Acesso em: 14 de abril de 2022.

PRODUTOR - Bom! Ai o senhor pode utilizar um programa de edição, o mais simples de todos é o Audacity⁶⁷, é grátis, é de fácil manuseio, muito intuitivo, através dele o senhor pode editar, retirar ruídos, adicionar vinhetas, e quando o senhor for salvar o programa pode escolher o formato, o mais utilizado é o mp3.

PESQUISADOR - E quais plataformas⁶⁸ a gente pode utilizar para divulgar este produto?

PRODUTOR - Hoje a internet disponibiliza várias, a mais conhecida é o Spotify e o Deezer, mais dá pra gente colocar até no youtube, tem um programa chamado Anchor que tem parceira com o Spotify, assim que você se cadastra nele, esse programa já disponibiliza o teu episódio o Spotify.

PESQUISADOR (Muito animado com a ideia) - Mas como é que funciona um episódio de podcast?

PRODUTOR - Pastor...(suspiro profundo, buscando informações mais detalhadas), primeiro a gente tem que pensar em uma identidade visual, o ícone ou o logo do programa, porque hoje, tanto o conteúdo, quanto a identidade visual são extremamente importantes para identificar e diferenciar de outros podcasts.

PESQUISADOR (Uma imagem veio a cabeça) - Olha, você falando ai e eu pensando que a gente poderia pensar em um microfone de estúdio, mesclado com uma árvore (risos). Mas acho que a gente tem que pensar em um nome primeiro.

PRODUTOR - É, tem que ter tudo haver com a proposta do tema, e os assuntos que serão abordados. Tem que ser um nome fácil, que pega bem sabe.

PESQUISADOR (Um nome interessante surge neste instante) - Rapaz, me veio agora uma ideia... que tal “florestacast”, acho que tem tudo haver, até porque, a pesquisa está sendo na comunidade Floresta do Acre, os saberes apresentados vem do povo que vive na floresta, e tem uma estreita relação com nosso ecossistema (neste instante surgiu também a ideia da vinheta de abertura). E pra vinheta de abertura a gente poderia cantar ou citar a primeira frase daquele famosa música acreana “ecoou pela mata afora⁶⁹” e a frase continuaria – “ecoando pela mata afora

⁶⁷ O Audacity é um poderoso editor de áudio, que permite reproduzir, importar, exportar e gravar uma ampla gama de formatos de arquivo, incluindo WAV, AIFF e MP3. O software vem repleto de recursos e de código aberto e de uso gratuito. Disponível para download em <<https://audacity.softonic.com.br/>> Acesso em 14 de abril de 2022

⁶⁸ Plataformas (aplicativos e/ou sites) são agregadores de podcasts que permitem o armazenamento e a transmissão de arquivos de áudio. Permitem ao usuário acessar, ouvir e baixar podcasts pelo desktop ou pelo smartphone. Disponível em: <https://www.prosanova.com.br>. Acesso em: 14 de abril de 2022.

⁶⁹ Música “Seringueiro”, do poeta e compositor acreano Tião Natureza. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/forrozao-baby-som/442791/>. Acesso em: 14 de abril de 2022.

saberes/fazeres ribeirinhos”.

PRODUTOR (Balançando a cabeça em ato de concordância) - Legal. Realmente tem tudo haver com sua proposta, importante também, a gente pensar nas cores, pode ser um verde com marrom terra e um microfone em formato de árvore, tipo assim, como uns galhos saindo (risos).

PESQUISADOR (Em tom bastante animado) - E o que mais um podcast tem que ter?

PRODUTOR - O senhor tem que ter uma relação dos convidados, é importante que cada episódio tenha entre 15 (quinze) a 20 (vinte) minutos, senão corre o risco de ficar cansativo, mas pra isso o senhor tem que ter um roteiro com a definição de cada detalhe e sequências dos assuntos que o senhor irá abordar com o convidado.

PESQUISADOR (Interrompendo a fala do produtor) - O legal da nossa pesquisa e da forma como a gente acessa os conteúdos, é que o participante fica a vontade para contar suas histórias e experiências, é como um bate-papo, bem descontraído, mas sei que é importante o roteiro, mas quero deixar os convidados bem a vontade, porque quero trazer a tona suas lembranças e práticas.

PRODUTOR - Claro, sim, legal isso, mas o roteiro ajuda bastante, para a condução da conversa e também por questão do tempo, mesmo que a conversa esteja sendo agradável, a gente tem um limite e é bom controlar este limite, caso a conversa se alongue o senhor pode fazer um episódio parte 2, com a continuação da entrevista, gera até mais expectativa por parte do ouvinte.

PESQUISADOR - Então você acredita que o podcast é mais ideal?

PRODUTOR - Pensando na facilidade de se fazer, sim é o ideal. Até porque, para gravar vídeo o senhor tem que ter uma boa câmera, ou um aparelho celular com uma boa resolução. Além disso, para gravar esta época do ano (*nossa conversa aconteceu em fevereiro de 2022 época de muita chuva no sul do Amazonas*) é complicado devido a chuva e também a gente tem essa situação da pandemia. E após gravado o senhor tem que fazer um ajuste na imagem e os programas de computador que fazem isso são muito pesados e precisam de muita memória e de um bom tempo para fazer a edição e a sincronia entre áudio e vídeo. Seria muito legal, mas precisa de uma estrutura, como o senhor falou, a gente também tem que pensar que os professores e alunos serão incentivados a pesquisar este tema, nem todo celular tem uma boa câmera, com uma boa definição, mas todo celular tem um bom microfone

que capta muito bem o áudio.

PESQUISADOR (Alegre e grato) - Meu nobre amigo, te agradeço muito, e claro, gostaria da tua ajuda para editar essas gravações e criar esta identidade, na realidade vou para casa agora e tentar criar alguma coisa.

PRODUTOR (Apertando a minha mão e com um largo sorriso) - Pode contar sempre pastor, foi um prazer lhe ajudar, vai dar tudo certo, sempre que o senhor precisar pode entrar em contato.

9.2 CENA 10: COMO O FLORESTACAST PODE SER UTILIZADO PEDAGOGICAMENTE EM SALA DE AULA EM ESCOLAS DA ZONA URBANA OU RURAL – TRAÇANDO PLANOS DE AÇÃO.

Esta cena traz em seus diálogos o objetivo de apresentar o “*Florestacast: o uso do podcast como instrumento pedagógico dos saberes/fazeres ribeirinhos*”, e pensar nas possíveis mobilizações e práticas pedagógicas que podem aflorar a partir do uso deste podcast, quais outras ciências e matemáticas podem ser exploradas? em quais momentos? Como estabelecer usos/significados deste produto no interior da escola?. Participam desta cena os professores (sujeitos da nossa pesquisa e neste ato cênico personagens fictícios) DANTE e CLARA (representando nesta cena professores que vivenciam realidades pedagógicas em uma escola estadual) HÉLIO (representando nesta cena professores que vivenciam realidades pedagógicas em uma escola municipal), MENDES (representando nesta cena professores que vivenciam realidades pedagógicas em uma escola ribeirinha), nesta cena serei denominado como PESQUISADOR. Os professores estarão destacados em negrito, fonte Arial, caixa alta, tamanho 12, os enxertos textuais de outros autores estarão destacados em Arial, tamanho 12, estilo itálico, e suas referências destacadas no rodapé deste documento.

Tarde de quinta-feira, 15 dias após o início do ano letivo no município de Boca do Acre, o sinal tinha tocado avisando que os alunos já poderiam ir para casa. A Escola Estadual Coronel José Assunção estava praticamente vazia. Logo após tocar o sino, estacionei meu carro e comigo estavam os professores Hélio e Mendes, ambos da rede municipal de ensino. Estava acertado uma breve conversa com os professores Dante e Prof^a. Clara. Todos já tinham saído, Clara, que naquela

oportunidade estava exercendo a função de gestora interina nos convida para sua sala, pois estava muito quente do lado de fora. Nos acomodamos na sala da gestora, agradei a presença de todos e então iniciamos nosso diálogo.

PESQUISADOR (Com um largo sorriso) – Gente bonita. Boa tarde! Tudo bem com vocês? Olha, muito obrigado por me cederem um pouquinho do tempo de vocês. Sei que vocês devem estar exaustos, chega a quinta feira e o corpo já vai sentindo o cansaço da semana.

CLARA (Com singelo sorriso) – Nada professor. Que é isso, é sempre um prazer ajudar.

DANTE (Com as pernas cruzadas, um sorriso cativante, corta) – Sei como é que é isso, conheço bem essa fase da pesquisa, mas, pode contar com a gente.

MENDES (Esboçando satisfação por estar naquela reunião) – Professor, cheguei da Floresta ainda há pouco, ainda bem que o rio tá cheio, dá pra gente chegar rápido, aproveitei também a viagem porque amanhã já sai o pagamento (risos), deu certinho nosso encontro.

HÉLIO (Curioso, corta e pergunta) – Mas diga meu chefe, em que podemos ajudar o senhor?

PESQUISADOR – Gente, mais um vez, obrigado! Vocês já sabem que estou desenvolvendo um produto educacional, o *Florestacast*, até enviei para vocês o link⁷⁰. (todos balançam a cabeça afirmativamente).

DANTE (Corta e fala) – Eu aliás gostei muito professor, achei uma proposta bem bacana até porque, está muito em evidência agora o podcast, pois não é apenas uma entrevista chata, mas um bate-papo bem legal, tem uma interação bem bacana.

HÉLIO (Entra na conversa) – E o legal professor é que a gente ouve do próprio ribeirinho, não é o senhor que está contando a história dele, é ele mesmo contando sua própria história. Ouvir a voz do ribeirinho é valorizar... muito legal mesmo.

CLARA – Achei legal este título – *Florestacast*, até a musiquinha ficou legal, uma homenagem a música acreana e ao povo da nossa floresta também.

PESQUISADOR – Então meu queridos. O produto educacional não são apenas os episódios gravados. Nós temos quatro episódios. O primeiro episódio foi

⁷⁰ Link Florestacast no Spotify Disponível em:
<https://open.spotify.com/show/2YahAOCZRlIgQcXeYiQhqp?si=77e273b659504c5b>. Acesso em:
15/04/2021.

dividido em três partes. O segundo episódio como era uma conversa curta a gente deixou inteiro mesmo. O terceiro episódio dividimos em duas partes. O quarto episódio é o mais longo, foi uma conversa de quase 60 minutos, então eu dividi em cinco partes.

MENDES (Corta e fala) – Eu vi que ficou legal mesmo professor essa divisão, porque, o senhor sabe... nossas crianças são muito fáceis de perder a atenção, de ter foco, então se fossem episódios muito longos a gente não teria a atenção satisfatória deles para aproveitamento dos diálogos.

PESQUISADOR (Empolgado continua a exposição) – Então. Nós também pensamos em mobilizar atividades pedagógicas que tenham tudo haver com os diálogos dos episódios. No texto do produto, apresentamos várias sugestões de como o professor pode mobilizar didaticamente estes conteúdos, pois como vocês já sabem, usamos a terapia desconstrucionista como chão para nossa pesquisa, *a terapia desconstrucionista é entendida por nós como algo que se pratica, ou melhor, que se faz na ação*⁷¹. Não queremos que os alunos façam comparações, hierarquizações ou verificações para comprovar se aquele saber está certo ou errado, se é racional ou irracional, as binariedades não nos invocam. O que desejo problematizar aqui é como a gente pode pensar neste encontro, neste abraço contemplativo entre estes saberes significados no *Florestacast* e a sala de aula.

HÉLIO (Levanta a mão pedindo a palavra) – Professor. Eu penso que ao passo que o conteúdo epistemológico nos livros didáticos aplicados em sala de aula são importantes para a compreensão do mundo e interação com demais sociedades, se faz necessário que a escola, que a sala de aula possa abrir suas portas para outros saberes, inclusive os saberes tradicionais. É necessário que estes conhecimentos tradicionais dos nossos pais e nossos antepassados, ultrapassem as beiradas dos rios e igarapés e adentrem nos espaços escolares.

MENDES (Corta e fala) – Nós professores da zona rural, do interior, que convivemos com o povo ribeirinho, acreditamos que do *ambiente cultural e social do aluno emergem diversos saberes que se transformam em fazeres, os quais devem estar contemplados nos currículos escolares*⁷². É importante que o discente contemple todas as formas de ciências e matemáticas, de forma a se tornar um cidadão crítico, interacionista e culturalmente motivado a vislumbrar tanto os saberes, quanto os promotores destes saberes tradicionais.

⁷¹ (BEZERRA, 2016, p. 38).

⁷² (VOLTOLINI, 2018, p. 86).

DANTE – Neste produto a gente nota que Wittgenstein também se faz presente no intento de significar que a linguagem “*abrange os modos de pensar, agir e também o ambiente em que o sujeito está inserido*”⁷³. Eu acredito haver uma necessidade de investigar e abraçar esses saberes/fazeres tradicionais, estudar sua relação e diálogo como o conhecimento sistemático e fomentar um espírito investigativo junto aqui dentro da escola.

PESQUISADOR (Instigando, pergunta) – E na opinião de vocês, como podemos fazer isso? Como poder gerar esse encontro?

CLARA (Levanta a mão, expressa um rápido sorriso e fala) – Eu acredito assim colega, a gente não tem como definir uma disciplina específica, pois estes saberes não cabem em uma única disciplina, estes saberes são abrangentes, eles são transdisciplinares. Temos que pensar de forma (in)disciplinar, como forma de *desestruturar a forma como conteúdos matemáticos vêm sendo explorados, sendo alguns deles inclusive já petrificados em metodologias que se repetem ano após ano*⁷⁴. A simplicidade do cotidiano cultural desmistifica o arquétipo da complexidade matemática. Essas outras matemáticas esse outro vivenciar matemática demonstra que a singeleza da rotina cultural se apresenta como importante ferramenta didática, não limitada apenas a disciplina de matemática ou ciências.

DANTE (Corta e fala) – Cada saber deste evidenciado no *Florestacast* deve ser pensado como uma experiência única, acredito não ser demais planejar modos (in) disciplinares que contemplem esse outro modo de ver, de fazer matemática e ciência. *Ao promover as atividades dessa maneira se evidencia um processo de desconstrução, haja vista que, o modo de atuação remete ao fazer diferente, mostrar de outra forma àquilo que é visto de “maneira organizada” no aspecto disciplinar, essa “desorganização” proveniente das práticas (in)disciplinares amplia justamente as possibilidades de investigações da prática pedagógica*⁷⁵. Estas atividades devem oferecer importantes investigações, porque nos remetem a nossa ancestralidade quase invisível no espaço escolar.

HÉLIO (Levanta a mão pedindo para falar) – Bem amigos. Pensando na realidade das escolas do município, aqui na zona urbana, penso que seria interessante a gente fazer em todo bimestre uma semana temática, por exemplo, a

⁷³ (WROBLEWSKI, 2018).

⁷⁴ (OLIVEIRA, 2019, p. 52).

⁷⁵ (OLIVEIRA, 2019, p. 51).

“Semana da Floresta” e durante essa semana os professores os alunos teriam acesso a alguns episódios do *Florestacast* e naquela semana a gente poderia desenvolver atividades em parceria com as demais disciplinas, na perspectiva de criar um currículo que comungue com as questões cruciais locais levantadas nos episódios. Cada professor buscaria desenvolver atividades lúdicas que sinalizassem um vínculo entre saberes tradicionais, questões identitárias e conhecimento científico como forma de valoração do território e da cultura ribeirinha.

CLARA (Concordando, levanta a mão) – Pensando na realidade aqui da escola estadual a gente pode pensar em um evento grande, como uma feira de ciências, mas com a temática voltada apenas para estes saberes, envolvendo também, todas as disciplinas, a gente não ficaria limitado apenas esta ou aquela disciplina, até porque são saberes muito abrangentes e um grande evento temático de apenas um único dia chamaria mais atenção.

DANTE (Balançando a cabeça afirmativamente, levanta a mão) – Concordo com a Clara. Aqui na escola o que mais chama atenção é uma feira, podemos até chamar de “Feira da Floresta”. Até porque na feira, a gente acompanha o desenvolvimento do começo ao fim. A gente vai trabalhando os assuntos de segunda a quinta, aqui com os alunos em sala de aula, nas atividades externas, e na sexta-feira a gente faz uma amostra ao público, convidamos pais, familiares, autoridades, toda comunidade.

MENDES (Levanta a mão e fala) – Pensando na realidade da zona rural, como as coisas lá são um pouco mais difíceis, e também tem o fato da gente se deparar com o sistema de sala de multisseriado, do 6º ao 9º ano, a gente poderia fazer parecido com a ideia do Prof. Hélio. Só que ao invés da gente escolher uma semana a gente poderia escolher um bimestre, de preferência no verão, porque é mais fácil, e toda quinta e sexta a gente faria alguma atividade, poderia ser chamado de “sexta da cultura da terra” ou a “Sexta da Floresta”. Por exemplo, na quinta-feira a gente ouviria o episódio, faria uma breve discussão sobre aquele tema abordado, uma aula oral, dividiria a turma, entregava as atividades propostas e na sexta-feira os alunos apresentariam.

PESQUISADOR (Satisfeito e com largo sorriso) – Olha. Quanta ideia bacana surgiu agora. Temos então três excelentes ideias: A primeira seria uma feira, a “Feira da Floresta” onde durante uma semana a escola iria trabalhar estes temas. Temos a ideia da “Semana da floresta”, que seria uma semana inteira dedicada a

estes saberes durante cada bimestre. E a terceira ideia seria escolher um bimestre do ano letivo e toda e quinta-feira realizar atividades voltadas para a descoberta e vislumbrações destes saberes.

(Breve pausa)

Lembrando que em cada atividade queremos contemplar esses saberes/fazeres significando-os no uso. A terapia desconstrucionista tem o objetivo de *esclarecer os diversos significados das palavras (ações) nos usos que são feitos dela em momentos de atividades, constituindo-se assim os jogos de linguagem*⁷⁶. Nossas propostas pedagógicas devem conduzir os discentes a realizarem sua própria investigação, contemplação, traçando novas rotas e descobertas, uma verdadeira caça/descoberta ao tesouro. Entendemos que investigar, também é observar, contemplar, (re)conhecer atores sociais, convidá-los para a conversa concedendo-lhes a dignidade de compartilhar seus ensinamentos, descortinando e perpetuando valores históricos. Isso já está presente no *Florestacast*, isto deve estar presente nos espaços escolares.

O produto proposto – Modos de ver e significar um Plano de Ação frente ao “*Florestacast: o uso do podcast como instrumento pedagógico dos saberes/fazeres ribeirinhos*”, irá favorecer a construção de conteúdos didáticos diante de uma perspectiva intercultural, intervindo positivamente no processo de ensino de ciências/matemáticas, esparramando-se para outras disciplinas.

No intuito de posteriormente vislumbrarmos uma educação que possa presentear a atual geração com pressupostos e métodos que contemplem os fatores multi e interculturais presentes em nosso contexto social, destacamos que este contemplar não se efetiva para efeitos de comparação, enfrentamentos, equiparação e/ou comprovações, mas sim, para valorização, instrumentalização didática, descortinamentos e convite à dignidade personificada nos agentes construtores destes saberes.

Por fim, considera-se aqui o papel do professor como essencial instaurador de um espaço de promoção de mudanças significativas no contexto educacional. Acredita-se na necessidade de sensibilizar os docentes não apenas nas disciplinas de ciência e/ou matemática, a cultivar um olhar apurado em relação a diversidade cultural no âmbito escolar, abraçando o grande desafio de repensar, remodelar,

⁷⁶ (CARNEIRO, 2011, p. 09).

reestruturar, resignificar e promover uma educação qualitativa, protagonista e emancipatória, fatores esses contemplativos e palpáveis a partir de uma práxis completamente pautada na interculturalidade.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS – ATRACANDO TEMPORARIAMENTE NOSSA CANOA

*No horizonte o ribeirinho vai
Ali sobre as águas o sonho refaz,
nos braços firmes sempre a remar
entre rios e igarapés sempre a navegar.
Madrugada novo amanhecer,
o brilho do sol a resplandecer,
mais uma vez se põe a navegar,
rio é sustento é vida é canção.*

*Enfrentando os riscos dos rios,
a cada remada um desafio,
no horizonte o sol já se foi.
No rosto suor, calo nas mãos,
a família espera a alegria do pão,
rio é sustento é vida, caboclo pescador.
(Itamar Souza)*

Os saberes/fazeres ribeirinhos se configuram em uma temática ampla, importante, conexa, latente, enobrecedora e descortinadora. Estas ciências/matemáticas construídas no seio popular, clamam seu espaço e convocam expectadores para o vislumbre de seus atores. Estes não carregam em si a plena consciência de seu papel enquanto educador e mantenedor deste patrimônio sapiencial, mas precedouro.

Acreditamos que os objetivos gerais e específicos foram cumpridos. Ao longo desta obra, apresentamos a trajetória do ribeirinho descrevendo conhecimentos que sustentaram e oxigenaram a vida em ambientes escassos de recursos, longe da zona urbana, onde se fez necessário a observação e contemplação produtiva da fauna e flora que os cercavam. Neste processo histórico de observação, este ribeirinho construiu lendas, mitos, artefatos, aplicações circunstanciais na pesca, caça e agricultura e no cuidar.

Em cada cena, em cada diálogo com nossos atores, constatou-se que estes saberes/fazerem não conclamam a si a exclusividade, ou exigem independência em relação à ciência/matemática escolarizada, mas abrem os braços e estende a mão para a caminhada epistemológica onde o caminho/rio que se percorre não traduz comparações, mas completudes e complementariedades.

Contemplamos os traços históricos culturais, estes, fatores cruciais e significativos, pois são instrumentalizadores de uma pedagogia que abraça as possibilidades, que dialoga com o ancião, o homem comum, o iletrado, com a história, tornando a sala de aula um espaço democrático, inclusivo, investigativo e criativo. Neste sentido, abraçamos a fala de Almeida (2016, p. 307) que nos revela,

Eis que a vida é marcada por fluxos permanentes de intrincadas transformações homeostáticas e não por fixidez, imobilidade e inércia das células, tecidos e sistemas. O campo social, a cultura e conseqüentemente própria educação também carecem de transformações, porque a educação e o aprender sobre o mundo e sua conexão com o cosmos é fundamental ao existir, ao produzir o lugar de pessoa no mundo, ao ser no mundo.

Aprender sobre o mundo evoca uma educação que necessita estabelecer um diálogo entre escola e sociedade, entre ensino formal e ensino das tradicionalidades culturais, entre epistemologia acadêmica e a epistemologia que transcende as paredes da instituição escolar. As práticas cotidianas dos ribeirinhos estão repletas de atividades que utilizam um saber/fazer próprio, sendo necessário que estas práticas sejam pesquisadas, apreciadas e apresentadas no contexto escolar como forma de conhecimento, valorização e preservação.

Neste interím, percebemos a necessidade de abrir a porta da sala de aula para que estes saberes adentrem a rotina escolar, também incetivando este aluno a olhar para fora, para o outro, para a sua própria história, seu próprio chão. É importante que o discente contemple-os, pois desta forma, tonar-se-á um cidadão crítico, interacionista e culturalmente motivado a vislumbrar tanto os saberes, quanto os promotores destes saberes tradicionais. Esta escola, este docente, devem ser agentes fomentadores de outras dietas, de entrelaces de conteúdos formais e culturais.

Confirmamos em cada remada a necessidade de a educação assumir uma postura intercultural, desde a sua formação até a sua práxis, como forma de compreender e discutir as diversas possibilidades de manifestações culturais, enriquecendo e emancipando os sujeitos e atores sociais, fomentando assim uma educação igualitária, qualitativa e intercultural.

Acreditamos ser possível viabilizar currículos, mobilizações culturais, atividades, eventos pedagógicos que comunguem com as questões cruciais locais, apartando-se de um conteúdo descontextualizado, promovendo a construção de uma identidade transcultural, evidenciando a cotidianidade ribeirinha, contemplando todos os traços, concepções, angularidades, palavras, fazeres e canções. Pois, de acordo com Silva (2017):

A educação escolar não pode se dar de maneira uniforme para todos, existem muitas peculiaridades que são extremamente pertinentes para serem levadas em consideração antes, durante e após o processo de ensino, logo, pensar em uma proposta de educação que promova o desenvolvimento de conteúdos por meio de pesquisas realizadas no âmbito cultural dos alunos irá promover um ambiente favorável que conduza o indivíduo a aprendizagem [...]. (SILVA, 2017, p. 33).

Nóbrega (2016, p.17), também destaca que “os aspectos sociais e os aspectos humanos ainda são extremamente relevantes no contexto do ensino, pois o saber tradicional tem papel protagonista na realidade educacional dos estudantes”. Salienta-se que protagonizar a realidade educacional dos estudantes não significa comprovar ou afirmar a eficácia destes saberes, mas sim, dar a estes discentes a oportunidade de desenvolverem-se a partir de sua realidade e contexto cultural, concedendo, por conseguinte aos docentes, a capacidade de refletirem suas práticas, levando-os a reconhecerem os saberes tradicionais como ferramentas complementares e elementares no processo de ensino e aprendizagem.

Convido a escola a convidar a cultura rotinizada e introspectada nas barrancas, nas malocas, nos seringais, na mata afora. Convidar as vozes e práticas historicamente construídas, convidar os saberes sem uniformes, convidar o diálogo, a pluralidade, as práticas, subjetividades, latências, as crenças, as rezas, os lambedores, as vozes, os usos e experiências que enriquecem, ressignificam e se lançam como indispensáveis ferramentas educacionais.

Ao desenvolver esta dissertação, tivemos que enfrentar fortes banzeiros, densos rebojos, altos barrancos. Diariamente éramos convidados a questionar, desconfiar, desestruturar todos os espectros estruturais estabelecidos na forma de pesquisar, de escrever, de dialogar, de pensar, de analisar, de atribuir. Descolonizar-me, desestruturar-me, desatracar minhas canoas se fizeram conjugações necessárias para que eu pudesse reencontrar meu chão, sentir o cheiro da floresta, o cheiro do rio, ouvir o som do banzeiro ao encontrar com a margem do rio. Por não ter a habilidade de nadar, tive que perder o medo da canoa, o medo das águas. Venci o

medo de abraçar esta temática, e aprendi que o horizonte amazônico é bem mais amplo e belo, e que as águas do rio acre por onde navegam estes saberes é bem mais profunda.

Destacamos a necessidade de novas pesquisas e investigações que propiciem um olhar descortinador acerca de vivências e saberes de outras culturas, usualmente e tristemente definidas como dominadas, pois estas revelam outros olhares e outros usos no que diz respeito a prática do ensino de ciências, seja qual for sua ramificação.

Não concedemos permissão para embarcar em nossa canoa o pensamento maniqueísta, este, promotor de linearidades e de classificações como certo ou errado, superior ou inferior. Afirmamos que a relação entre ensino de CiênciaS/MatemáticaS e saberes locais vão além da tentativa de confecção de instrumentos pedagógicos de ensino, mas exige-se “um profundo estudo do processo de construção social e histórica do conhecimento e dos processos de legitimação desses saberes na sociedade” (ARAUJO *et al*, 2017, p. 02). Faço uso das palavras CiênciaS/MatemáticaS com “S” maiúsculo como uma provocação ao ensino imposto e deslocado de práticas cotidianas em que se olhe para a cultura que o aluno já traz consigo quando chega nesse espaço do saber chamado Escola e a partir daí, possamos problematizar esses saberes e percorrer os caminhos dos jogos de linguagem que advém deles.

Acreditamos possibilitar nessa escritura, oportunidades para o desenvolvimento de capacidade crítica e questionamentos dos sistemas e preconceitos dominantes de representação destes saberes/fazeres. Não pretendemos com este texto remar nas canoas dos discursos polarizados, em vez disso, observamos, contemplamos e produzimos encontros singulares e singelos.

A presente pesquisa, ecoa temporariamente um grito de “até breve!”. Este não é o último porto a ser atracado. Em tempo oportuno, esta pesquisa navegará por outros rios, buscará outras vozes, contemplará novas versões epistemológicas, comprovará a inegável pluralidade, atemporalidade, onipresença da ciência e matemática bussolizadas pelas manifestações culturais, aplicadas circunstancialmente nos usos/significados. Em um futuro próximo nossa pesquisa abraçará temáticas que discutiram a (im)possível construção de um currículo descolonizado, reverberador dos saberes ecoados pela floresta, não intencionando romper com o tradicional, mas sim, a promoção de equilíbrios conteudísticos, didáticos

e epistemológicos personificados nos espaços escola/comunidade.

Entre rios e igarapés através da canoa filosófica wittgensteiniana e da desconstrução derridiana, com um olhar para o que está posto em que se faz possível sempre um pensar diferenciado que será posto ao Divã, nos auxiliou a contemplar as belezas percorridas em nossa floresta: a paisagem cultural, sapiencial, sem dogmas, sem preconceções, sem estereótipos. Desconstruímos até mesmo o olhar que o ribeirinho tem sobre ele mesmo. Quais destes ribeirinhos podem considerar-se cientistas do povo? Conjecturar os usos/significados dessas práticas tradicionais requer impreterivelmente uma proposta desconstrucionista, desnuda de críticas, de preconceções e tentativas de atestações, um desmame das formalizações, fórmulas e formas. Um olhar de outro modo. Em que posso dizer: **Não Pense, mas Veja!**⁷⁷

Bem certo que nomenclaturar não se configurou em nosso alvo maior, arvoramos dialogar e não suprimir, contemplar saberes/fazeres significados no uso, reconfigurar nossas lentes, nossos prismas, e concatenar conhecimentos tradicionais. Estes ultrapassam as percepções de meras práticas, mas vestem-se como vozes que devem ser ouvidas por todos nós: pesquisadores, professores, alunos, comunidade.

Este é um convite para o agora. Hoje e sempre.

⁷⁷ (WITTGENSTEIN, 1999, IF- & 66. p. 52).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Murilena Pinheiro de. **O CORPO HUMANO NO CURRÍCULO DO ENSINO DE CIÊNCIAS DA ESCOLA PRIMÁRIA NO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

ARAUJO, Mariana Ribeiro Porto; FARIAS, Carmen Roselaine de Oliveira; NUNES, Caio César de Albuquerque. **Reflexões acerca do conhecimento científico, saberes locais e suas relações com o ensino de Ciências**. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.

BASEI, Andréia Paula; LEÃES FILHO, Wenceslau. A interculturalidade na formação de professores: possibilidades de (re) significar as práticas educativas da Educação Física escolar. **Revista Digital - Buenos Aires** - Año 12 - N° 117 - Febrero de 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd117/a-interculturalidade-na-formacao-de-professores-da-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 05 set. 2021.

BEZERRA, Simone Maria Chalub Bandeira. **Percorrendo usos/significados da Matemática na problematização de práticas culturais na formação inicial de professores**. 2016. 262 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/55304476-Simone-maria-chalub-bandeira-bezerra.html>. Acesso em: dez. 2019.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDAU, Vera Maria. (org.). Interculturalidade e educação escolar. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CARNEIRO, Otávio Queiroz. **USOS E SIGNIFICADOS DAS UNIDADES DE MEDIDA EM PRÁTICAS PROFISSIONAIS POR ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS À LUZ DA TERAPIA DESCONSTRUCIONISTA**. (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2020.

CASTRO, Damiana Avelino de. **Artes de fazer/modos de usar etnomatemática e práticas culturais indígenas Nokê Koí em contextos formativos**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2019.

SÁ, Maria José Ribeiro de; CORTEZ, Daniela de Souza. **Desafios contemporâneos ao trabalho docente: mediações de saberes multi/interculturais no cotidiano educativo**. Disponível em: <https://www.sbec.fe.unicamp.br/pf-sbec/eventos/eventos-realizados/5o-encontro-internacional-da-SBEC/trab38.pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.

COSTA, Lucélida de Fátima Maia da; SOUZA, Elizabeth Gomes de. Complexidade e Pesquisa Qualitativa: questões de método. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 8, n. 18, 18 dez. 2015.

COSTA, Ana Maria Nicolaci; DIAS, Daniela Romão; LUCCIO, Flávia Di. **Uso de Entrevistas On-Line no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS)**. Disponível em < <https://pdfs.semanticscholar.org/>>. Acesso em 30 de maio de 2022.

CRESWELL, John. W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. São Paulo: Editora Penso. 2014.

DALLA Chiesa, Carolina; FANTINEL, Letícia Dias. "Quando eu vi, eu tinha feito uma etnografia": notas sobre como não fazer uma "etnografia acidental". In: **Encontro de estudos organizacionais da Anpad**, 8, maio 2014, Gramado, RS, Brasil. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnEO48.pdf. Acesso em: dez. 2021.

LOPES, Carla Vanessa Alves; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti. **Agrotóxicos e seus impactos na saúde humana e ambiental: uma revisão sistemática**. SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO, V. 42, N. 117, P. 518-534, ABR-JUN 2018. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/bGBYZvVVKMrV4yzqfwwKtP/?format=pdf>> Acesso em 30 de maio de 2022.

MAGALHÃES, Amanda. **JOGOS DE LINGUAGEM MATEMÁTICOS DE MULHERES RENDEIRAS DE FLORIANÓPOLIS**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, 2014.

MARIETTO, M. Observação Participante e Não Participante: Contextualização Teórica e Sugestão de Roteiro para Aplicação dos Métodos. **Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM)**, 10, oct. 2018. Available at: <<http://revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero/article/view/2717>>

MARIM, Márcia Maria Bento. **AM[OU]: um estudo terapêutico-desconstrucionista de uma paixão**. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Faculdade de Educação. Campinas, 2014.

MARIM, Márcia Maria Bento; FARIAS, Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos. TRAÇOS VIVOS: jogos de cenas nas (im) possíveis dobras da escrita na pesquisa em educação (Matemática). **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 7, N° 2, p. 173-190, Maio/Ago. 2017.

MENESES, Ramiro Délio Borges. **A DESCONSTRUÇÃO EM JACQUES DERRIDA: O QUE É E O QUE NÃO É PELA ESTRATÉGIA**. Disponível em <<http://www.scielo.org.co/pdf/unph/v30n60/v30n60a09.pdf>> Acesso em 30 de maio de 2022.

MIGUEL, Antonio. A Terapia Gramatical-Desconstrucionista como Atitude de Pesquisa (Historiográfica) em Educação (Matemática). **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 8, n. 18, 18 dez. 2015.

MOURA, A. R. L. de. **Visão terapêutica desconstrucionista de um percurso acadêmico**. Campinas–SP: FE/UNICAMP, 2015.

NÓBREGA, Danielly de Sousa. **O contexto da história da Borracha nos seringais acreanos: contribuições para o ensino de química**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Acre. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (MPECIM), Rio Branco, 2018.

OLIVEIRA, Morane Almeida de. **Itinerários da construção de um livro didático de matemática a partir dos afazeres dos agentes agroflorestais indígenas do Acre**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2017.

OLIVEIRA, Thassio Kennedy Silva. **OS USOS/SIGNIFICADOS DO TANGRAM EM PRÁTICAS (IN)DISCIPLINARES NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL EM MATEMÁTICA**. 2019, 257f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2019.

PEDRINI, A. L. **Problematização e prática sociocultural no contexto do estágio da licenciatura: um olhar terapêutico-desconstrutivo**. 2013. 187f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, 2013.

QUINTEIRO, Mariana Martins da Costa. FONSECA, Lana Cláudia. Saberes tradicionais e o desafio da multiculturalidade nas instituições de ensino. o. In:

SANTOS, M.G., and QUINTERO, M., comps. Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 148-167. ISBN: 978-85-7511-485- 8. Disponível em <<https://doi.org/10.7476/9788575114858.0009>>. Acesso em 18 de abril de 2022.

REIS, Darianny Araújo dos. **CURRÍCULO MULTI/INTERCULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR: IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE**. *Revista ARETÉ*, Manaus, v.7, n.14, p.58-71, jul-dez, 2014.

RIBEIRO, Antonia Samir. **Saberes Tradicionais e Educação Ambiental: encontros e desencontros no Quilombo de Mesquita**. Tese de Doutorado - Universidade de Brasília Faculdade de Educação - Faculdade de Educação, Goiás (Capitania), 2014.

SÁ, M. J. R. de; CORTEZ, D. de S. Desafios contemporâneos ao trabalho docente: mediações de saberes multi/interculturais no cotidiano educativo. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO COMPARADA, 5., 2012. **Anais...** Belém do Pará, 2012. Disponível em: <http://www.sbec.org.br/evt_2012.php>. Acesso em 12 de setembro de 2021

SACRISTÁN, J. GIMENO. **Currículo e diversidade cultural**; in: Silva, T.T. e Moreira, A. (Org). Territórios Contestados, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SILVA, Isnaele Santos da. **O ENCONTRO COM OUTRO MODO DE VER O ENSINO DA MATEMÁTICA**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Acre (UFAC), Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (MPECIM), Rio Branco, 2020.

SILVA, Odirley Ferreira da. **Geometria ribeirinha**: aspectos matemáticos da comunidade do Urubuú da Fátima em Abaetetuba-PA. 2017. 81 f. Dissertação (Mestrado em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas) - Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10495>. Acesso em: 16 de setembro de 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Alienígenas na sala de aula**: introdução aos estudos culturais em educação. 4.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

VILELA, Denise S. A terapia filosófica de Wittgenstein e a Educação Matemática. Educação e Filosofia, v. 24, n. 48, p. 435-456, 2010.

VOLTOLINI, Luzia, **O currículo de matemática na perspectiva sociocultural**: um estudo nos anos finais do ensino fundamental em escolas indígenas de Roraima. Tese (doutorado) – Universidade Luterana do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Canoas, 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Trad. Marcos G. Montagnoli. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

WROBLEWSKI, Cristiane. **Os jogos de Linguagem Matemáticos de Artesãs Rendeiras da Colônia de Pescadores**. Dissertação. Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de Consentimento Livre de Pesquisa ao professor

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro (a) Professor (a),

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: **“A EPISTEMOLOGIA DOS USOS ENTRE RIOS E IGARAPÉS: OS SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS PRODUZIDOS NA COMUNIDADE FLORESTA DO ACRE”**.

Você foi selecionado por ser professor em classe multisseriada na escola localizada na comunidade ribeirinha a qual foi escolhida para a realização da pesquisa, no entanto sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Federal do Acre/UFAC.

Este trabalho visa desenvolver atividades com alunos do oitavo ano na referida escola no sentido de estabelecer uma pedagogia do equilíbrio, um diálogo entre os saberes ribeirinhos e o ensino de ciências e matemática, buscando uma ressignificação destas disciplinas, contemplando o contexto histórico-cultural destes alunos. Serão analisadas as percepções de alunos e professores acerca da significação destas disciplinas, buscando também, descortinar os conhecimentos tradicionais da comunidade contextualizando-os com os conhecimentos científicos ensinados na escola. Será realizada pelos alunos uma pesquisa na comunidade sobre os principais conhecimentos tradicionais que fazem parte do cenário e vivência cotidiana e que podem também adentrar a sala de aula. Os resultados desta pesquisa serão apresentados na escola, como também a confecção de um material didático a ser disponibilizado para a escola na forma impressa e digital.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder com fidelidade as perguntas referentes à entrevista proposta, podendo esta ser gravada/filmada mediante a sua autorização, e na disponibilização de 5 cinco aulas de 50 minutos para o desenvolvimento conjunto (professor e pesquisador) de atividades didáticas referentes ao projeto. Não existem riscos relacionados com sua participação, uma vez

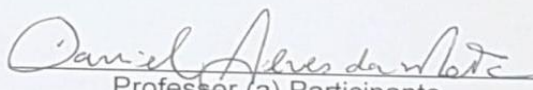
participação está em contribuir para a melhoria do ensino de Ciências no município de Boca do Acre.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do Comitê de Ética e Pesquisa da UFAC (CEP), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Rodovia BR 364, Km 04; Campus Universitário Reitor Áulio Gélío Alves de Souza; Prédio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Sala 26; CEP: 69.915-900; Fone: (68) 3901-2711; E-mail: cepufac@hotmail.com

Declaro que entendi os riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.


Professor (a) Participante

Apêndice B: Termo de Consentimento Livre de Pesquisa ao morador local

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nobre Morador (a),

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: **“A EPISTEMOLOGIA DOS USOS ENTRE RIOS E IGARAPÉS: OS SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS PRODUZIDOS NA COMUNIDADE FLORESTA DO ACRE”**.

Você foi selecionado por ser morador (a) da Comunidade Floresta do Acre, a qual foi escolhida para a realização desta pesquisa, e/ou possui larga vivência no cenário ribeirinho, no entanto sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Federal Rio Branco/UFAC.

Os resultados desta pesquisa serão apresentados na escola, como também a confecção de um material didático a ser disponibilizado para a escola na forma impressa e digital.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder com fidelidade as perguntas referentes à entrevista proposta, podendo esta ser gravada/filmada mediante a sua autorização. Não existem riscos relacionados com sua participação, uma vez que todas as informações prestadas serão utilizadas unicamente para fins de pesquisa científica, não comprometendo sua relação com a instituição. O benefício de sua participação está em descortinar os saberes do homem ribeirinho e contribuir para a melhoria do ensino de ciências/matемática na escola da sua comunidade.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação e suas respostas só serão vistas pelos pesquisadores do projeto.

Declaro que entendi os riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

NOME	ASSINATURA DO PARTICIPANTE
Cozmo Capistano	Cozmo Capistano
Will Apurina	Will Apurina
Raimundo Capistano	Raimundo Capistano
Margarida Capistano	Margarida Capistano
Julia Herasulano	Julia Herasulano
Maria Socoro	maria Socoro

Apêndice C: Roteiro de entrevista ao professor

ENTREVISTA AO PROFESSOR

IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Grau de formação:

Ensina há quantos anos?

Há quanto tempo ensina na escola?

Há quanto tempo ensina a disciplina de ciências?

Naturalidade:

SOBRE A COMUNIDADE RIBEIRINHA

1. O que é ser um professor ribeirinho? Quais suas características?
2. O que o torna diferente de um professor de ciências na zona urbana?
3. Você conhece a fauna e flora da comunidade? Relacione alguns:
4. As pessoas desta região costumam explorar os recursos naturais da comunidade de que forma?
5. De que forma, o morar em uma comunidade ribeirinha influencia sua didática como professor (a)?
6. Existe relação entre o que é visto no conteúdo de Ciências e o estilo de vida ribeirinho? Caso sim, você faz esta relação em sala de aula?
7. Você conhece os costumes culturais e os saberes tradicionais do morador local? Relacione alguns:

Apêndice D: Roteiro de entrevista complementar ao professor (a)

ENTREVISTA COMPLEMENTAR AO PROFESSOR (A)

Parte 2: Abordagem dos Saberes Tradicionais Ribeirinhos em sala de aula

1. Você utiliza outros livros didáticos além do adotado pela escola? Caso sim, quais? Onde os consegue? Caso não, por quê?
2. Você utiliza outros recursos didáticos além do livro didático? Caso sim, quais? Caso não, por que?
3. Você costuma pedir que os alunos tragam material da comunidade (plantas, sementes, frutos) para as aulas? Se sim, em que situação? Se não, por quê?
4. Com quais assuntos abordados em sala de aula você costuma relacionar o estilo de vida ribeirinho? De que forma?
5. Você faz alguma relação entre estes saberes tradicionais e o ensino de ciências/matемática em sala de aula?
6. Na sua concepção o ensino de ciências/matемática dialoga com os saberes tradicionais ribeirinhos? Por quê?
7. Na sua concepção os alunos demonstram algum interesse em conhecer os saberes do homem ribeirinho?
8. Qual a importância do diálogo entre o ensino de ciências/matемática dos livros didáticos e os saberes tradicionais ribeirinhos?

Apêndice E: ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS MORADORES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC
MESTRADO PROFISSIONAL ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – MPECIM

PROJETO: A EPISTEMOLOGIA DOS USOS ENTRE RIOS E IGARAPÉS: OS SABERES/FAZERES RIBEIRINHOS PRODUZIDOS NA COMUNIDADE FLORESTA DO ACRE

PESQUISADOR: ITAMAR CUNHA DE SOUZA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida na Universidade Federal do Acre – UFAC que busca estabelecer uma pedagogia do equilíbrio, um diálogo entre os saberes ribeirinhos e o ensino de ciências/matемática, buscando uma ressignificação destas disciplinas, contemplando o contexto histórico-cultural. A sua participação é muito importante para o desenvolvimento do estudo.

Nome: _____

Sexo: _____ Idade: _____

Você nasceu aqui? _____ Caso não, onde você morava? _____

Há quanto tempo mora neste lugar? _____

1. O que significa morar em uma comunidade ribeirinha para você?
2. Você tem vontade de morar em outro lugar? Caso sim aonde? Por quê?
3. Qual a importância da escola para uma comunidade ribeirinha?
4. O que é ciência para você?
5. Você conhece a fauna e flora da comunidade? Relacione alguns:
6. Você conhece os costumes culturais e os saberes tradicionais do morador local? Relacione alguns:
7. Você acredita ser importante para os alunos conhecerem mais sobre estes saberes tradicionais na sala de aula?